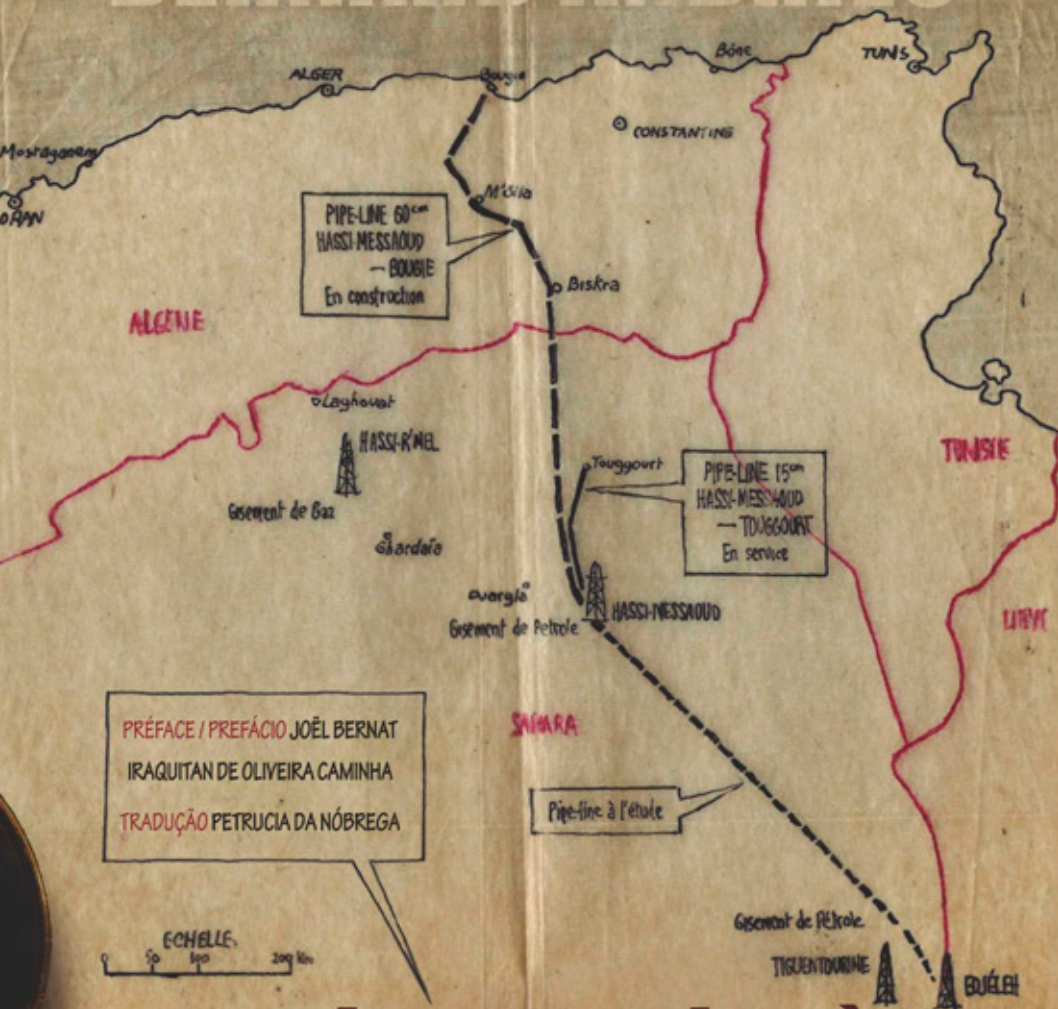


BERNARD ANDRIEU



La carte du père

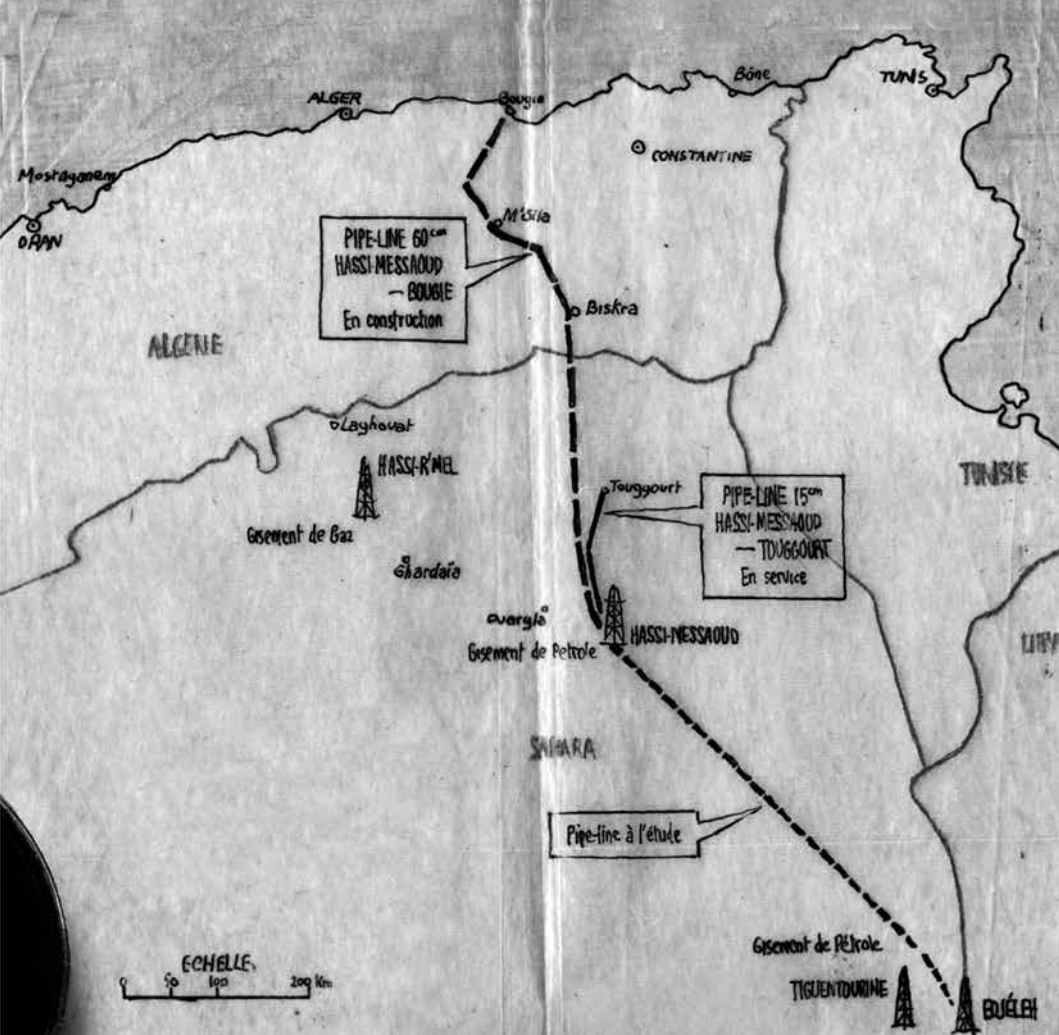
Système de réflexion concave

A carta do pai

Sistema de reflexão côncava



IFRN
Editora



La carte du père

Système de réflexion concave

A carta do pai

Sistema de reflexão côncava

BERNARD ANDRIEU

**A CARTA DO PAI
SISTEMA DE REFLEXÃO CÔNCAVA**

**LA CARTE DU PÈRE
SYSTÈME DE RÉFLEXION CONCAVE**

**NATAL/RN - BRASIL
2016**

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO NORTE**

REITOR
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

PRÓ-REITOR DE
PESQUISA E INOVAÇÃO
Marcio Adriano de Azevedo

COORDENADOR DA
EDITORA DO IFRN
Darlyne Fontes Virginio

CONSELHO EDITORIAL
André Luiz Calado de Araújo
Dante Henrique Moura
Jerônimo Pereira dos Santos
José Yvan Pereira Leite
Mª da Conceição de Almeida
Samir Cristino de Souza
Valdenildo Pedro da Silva

COORDENAÇÃO
DA COLEÇÃO CORPO
& EDUCAÇÃO
Avelino Aldo de Lima Neto
Iraquitana de Oliveira Caminha
Terezinha Petrucia da Nóbrega

CONSELHO CIENTÍFICO
Alexandre Simão de Freitas
Alípio de Sousa Filho
Ana Márcia Silva
Cristiane Maria Marinho
Elaine Melo de Brito Costa
José Pereira de Melo
Karenine de Oliveira Porpino
Marcílio Vieira de Sousa
Marta Genú Soares
Natália Conceição S. B. Cavalcanti
Nilo Ribeiro Júnior
Raimundo Nonato Assunção Viana
Rogério Diniz Junqueira
Rosie Marie N. de Medeiros
Wagner Wey Moreira

Todos os direitos reservados

FICHA CATALOGRÁFICA

A753c Andrieu, Bernard.
A Carta do Pai : Sistema de reflexão côncova. / Bernard Andrieu ;
Tradução Terezinha Petrucia da Nóbrega. – Natal : IFRN, 2016. Edição Bilingue
português – francês.
257 p. il

ISBN 978-85-8333-201-5

1. Biografia – Michel Foucault. 2. Foucault, Michel, 1926–1984.
3. Filosofia do corpo. 4. Reflexão côncova. 1. Nóbrega, Petrucia da. II.

Título.

CDU: 929Foucault

Ficha elaborada pela Seção de Processamento Técnico da
Biblioteca Sebastião Fernandes do Campus Natal Central do IFRN.

Tradução do Prefácio **Terezinha Petrucia da Nóbrega**
Revisão **André Magri Ribeiro de Melo**
Aurélia Bento Alexandre
Capa e Diagramação **CrisB** (Cristiana Barbosa)

CONTATOS

Editora do IFRN

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692
Tírol . Natal-RN . CEP: 59015-300
Fone: (84) 4005-0763
Email: editora@ifrn.edu.br

Edição eletrônica: E-books IFRN
Prefixo editorial: 68066
Disponível para download em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>

SUMÁRIO

A CARTA DO PAI

SISTEMA DE REFLEXÃO CÔNCAVA **9**

PREFÁCIO

POR JOËL BERNAT **11**

PREFÁCIO

POR IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA **22**

INTRODUÇÃO **27**

PRIMEIRA PARTE

A GUERRA EM PRIMEIRA PESSOA: O CADERNO DE
DESENHOS DE MARCEL PENDANX 1917-1918 **41**

SEGUNDA PARTE

JEAN, MEU PAI **67**

TERCEIRA PARTE

APLACADO EM MINHAS COSTAS **79**

CONCLUSÃO **122**

RÉSUMÉ

LA CARTE DU PÈRE
SYSTÈME DE RÉFLEXION CONCAVE **129**

PRÉFACE DE JOËL BERNAT **131**

PRÉFACE DE IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA **142**

INTRODUCTION **147**

1ER PARTIE
LA GUERRE EN 1ER PERSONNE : LE CARNET DE
DESSINS DE MARCEL PENDANX 1917-1918 **161**

2EME PARTIE
JEAN, MON PÈRE **187**

3EME PARTIE
À PLAT-DOS **199**

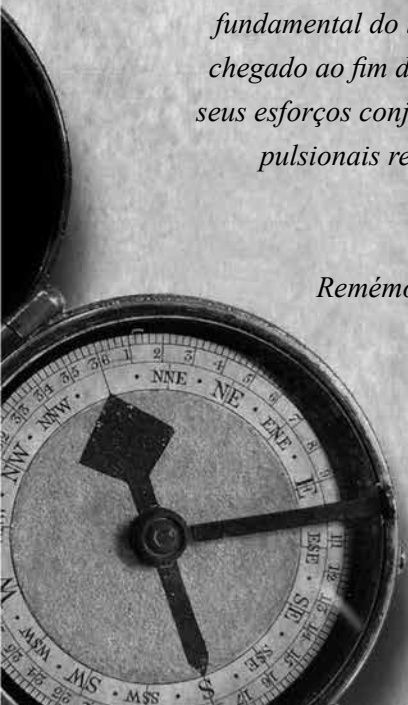
CONCLUSION **242**

CADERNO DE IMAGENS
CAHIER D'IMAGES **247**

É necessário deixar ao doente o tempo para bem conhecer essa resistência que ele ignorava, de perlaborá-la, de vencê-la e continuar, apesar dela, obedecendo à regra analítica fundamental do trabalho começado. Que uma vez se tendo chegado ao fim desse último, analista e analisado, graças a seus esforços conjugados, consigam descobrir as posições pulsionais recalçadas que alimentam a resistência.

Freud, S. (1914).

Remémoration, répétition, perlaboration.





**A CARTA DO PAI
SISTEMA DE REFLEXÃO CÔNCAVA**

Bernard Andrieu

Tradução: Petrucia da Nóbrega

PREFÁCIO PARA BERNARD ANDRIEU:

A CARTA DO PAI

O que vocês irão ler não compõe, sobretudo, *Memórias* ou *Lembranças*. Ao invés disso, trata-se de uma busca que prolonga os trabalhos empreendidos por Bernard Andrieu após mais de trinta anos. Busca, aqui, um tanto particular, pois ela coloca à frente ou de maneira oficial, poderíamos dizer, o pesquisador e o corpo do pesquisador no objeto de pesquisa. Mas, por que tal démarche, especialmente quando o ideal é supor que o pesquisador ou o cientista se abstraíam, que se façam o menos presentes possível? Muito bem. Porque isso é apenas um *ideal* que se eleva de uma espécie de desafio que parece humanamente impossível: podemos verdadeiramente nos exilarmos de nós mesmos, olhar e pensar o mundo sem nenhuma *doxa* ou visão do mundo, sem nenhum *a priori*? Isso parece impossível. Então, melhor seria buscar as variáveis pessoais que influenciam e orientam nossos pensamentos e percepções.

ENIGMÁTICAS QUESTÕES

Aquilo que nos chega quando somos tomados por um tipo de questionamento a respeito do que somos e do que fizemos hoje: de onde vem, como se

desenha em nós, há um plano? Subentende-se que, se nos sentimos bem, é em nós que isso se passa. Mas, a origem da sensação permanece misteriosa e gostaríamos de capturar o sentido que é pressentido e sentido como predeterminante. Contudo, ao retornar sobre nosso percurso de existência, nada, ou muito pouco, vem fazer eco a nossa questão... O enigma se desloca, então: se a resposta não está em nós, ela estaria ao longo dos lugares que percorremos, das pessoas que cruzamos e, *in fine*, em nossos pais e no que eles nos transmitiram? Essa seria a hipótese de que seus destinos teriam produzido o nosso. Porém, a questão permanece obscura e buscá-la nas genealogias também não a responde.

Se conhecêssemos vários de «mim», vários aspectos e registros de nossa existência, eles também não responderiam à questão e isso nos deixaria em dificuldade quanto ao que formou o nosso “eu”¹? Um « eu » que *se supõe* conhecer nossa orientação, ou mesmo nosso destino, uma espécie de espinha dorsal

1 Retomo aqui a oposição que faz Nietzsche entre o « eu » e o « mim », para quem eles têm “relações veementes”. E apenas um terceiro permite sair dessa relação conflituosa que mantemos conosco mesmo. Ver Friedrich Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathoustra* [Assim falou Zaratustra] § «Do amigo»: « Eu e mim estão engajados em um diálogo veemente. Como seria suportável se não houvesse o amigo? » [...] « Para o solitário, o amigo é sempre um terceiro; o terceiro é o flutuador que impede o diálogo dos dois para mergulhar nos abismos».

ou, melhor ainda, de *fil rouge*²: pois, nos momentos em que nos retornamos sobre nossa existência *sentimos* que há um fio condutor, mas que não cessa de escapar ao nosso controle – ou pelo menos de se inventar em algumas histórias. Qual a origem desse *fio vermelho*? De onde vem nossa paixão, o que nos organiza e nos orienta, às vezes de forma imperativa?

Assim, do psíquico (filosófico) ao corporal, *via* cérebro (tal como um terceiro, o barqueiro entre psique e soma), eis aqui um trajeto que Bernard Andrieu fez (e continua a fazer), mas que também faz Bernard Andrieu: por que este aqui e não um outro? Seguramente é esse caminho – e essa busca – nos quais se engaja e que ele nos engaja; inicialmente, com o livro *No corpo de minha mãe*³ e agora com este aqui: *A Carta do pai*.

2 Metáfora de Goethe, em: *Les affinités électives*, Folio - Gallimard, 1980, *partie II, chap. 2, p. 181*: « Na Inglaterra, todas as cordas da marinha real são atravessadas por um fio vermelho que não saberíamos fazer desaparecer sem destruir o trabalho do cordeiro que as enlaçou dessa maneira para provar a todo mundo que essas cordas pertencem à coroa da Grã-Bretanha. É assim que, através do Jornal de Otilio, reina o fio de um terno concurso que une as observações e as sentenças e faz de seu conjunto um todo que pertence especialmente a essa jovem! ».

3 Bernard Andrieu, *Dans le corps de ma mère / No corpo de minha mãe*, Ed. bilingue Français/Brésilien, traduction et préface de Petrucia da Nóbrega, Ed. IFRN, Natal, 2015.

A ESPERANÇA E A BUSCA (MÍTICA) DE UM LUGAR, OBJETO-FONTE

Nessa busca, a reflexão primeira é frequentemente aquela da existência de um lugar, um acontecimento que marcaria data, que faria sentido e, enfim, a existência de um plano ou destino. Essa reflexão é sedutora, pois, se assim fosse, poderíamos experimentar um certo controle daquilo que nos guia e, sobretudo, a satisfação de uma unidade de si: “Ah, tudo vem de lá!”. O que nos mostra também o quanto procuramos um sentido, certo, mas um sentido *único* (sempre com a preocupação de que seja controlável), em uma cena única. Quando, com frequência, são nos pequenos detalhes, nos fragmentos, que alguma coisa se faz ouvir.

Nos vemos aqui sensíveis à ideia de uma geolocalização de nossa história ou, ainda, a pesquisa de um contexto. Todavia, essa ideia suporia a existência de um lugar particular onde se atariam e figurariam uma existência e um sentido. Isso ressalta, de fato, um pensamento mágico e animista que acredita que esse lugar ou objeto guardariam neles mesmos o sentido... “Eu passei por lá, eu nasci aqui, etc.”. Sim, mas então? Reencontramos aqui a crença de que o “de onde” (eu venho, eu sou) diria algo do “quem” (eu sou, eu me tornei): ou seja, que o lugar (que é conhecido) é

suposto como o que dá uma identidade ao ser (que é desconhecido e que permanece). Claro, nós somos as crianças do nosso século: isto determina apenas uma forma externa (modos de pensar, de dizer, etc.), mas nada diz do ser interno.

Essa forma de hipótese é empurrada, impulsionada pela ideia de que existiria uma predeterminação externa, um “mito de origem”, uma outra variante do pensamento mágico que supõe que uma entidade pensante destinou nossa existência, o que é ao mesmo tempo tranquilizador (alguém ou algo vela acima de mim e de meu pensamento) e angustiante: não há, então, livre arbítrio...

Por exemplo, Bernard Andrieu nos relata a história, sua história, com esse avô que ele sempre conheceu como “amputado”, “lembrança” da Grande Guerra 1914-1918. Mas essa marca sobre o corpo indicaria um lugar (“eu estive”), marcado no vivo do corpo por um membro ausente e por isso mesmo bem mais visível: seríamos tentados a ver nisso um ponto de partida quanto às pesquisas do neto. No entanto, sobre isso, o avô nada diz, o que deixa a criança “no exterior” e entregue a seus próprios pensamentos.

Entretanto, há um outro elemento, bem menos visível, um caderno de desenhos que o avô fez durante essa guerra: seria ali que se diz alguma

coisa mais íntima, mais interior, um “eu” indicado, quase sussurrado, por seus desenhos que, tendo sido produzidos nesse lugar de guerra, dizem algo de fora do lugar, mas bem mais dissimulado? Aqui também o silêncio sobre esses desenhos eróticos (que não seriam desinfluentes sobre sua filha e seu neto – ver o livro *No corpo de minha mãe*) diz o que ele não diz, o que ele é, e não a respeito de lá onde ele estava. De fato, o que desvelam esses desenhos encobre ainda mais o autor... Ou seja, o jogo habitual de toda representação: eles indicam de uma parte, mas mascaram de outra.

Esses enigmas, se não são desvelados, permanecem não menos motrizes quanto à reflexão e confortam, entre outros, o corpo como *topos*, mas um *topos* dinâmico, movente, com sua memória e sua língua própria, não verbal.

É o que nos mostra Bernard Andrieu.

O MOVIMENTO, INCAPTURÁVEL?

O que isso deposita em nós, o que está nessa busca ou interrogação? Em todo caso, isso me coloca em movimento, em oposição com a busca de um lugar (guerra), de um objeto (o desenho, a perna): esses lugares são pontos de partida, suas figurações, mas o sentido não está neles. Então, talvez ele esteja

no movimento, no “caminho” que fazemos ao fazê-lo⁴, o que faz escrever Bernard Andrieu: «o caminho ao invés da estação».

Então, esses enigmas são lamentáveis ou necessários? Por exemplo, quem é esse homem que se mantém escondido atrás do nosso pai, quem é essa mulher escondida atrás de nossa mãe? Atrás dessas figuras familiares vivem humanos misteriosos dos quais não sabemos nada e dos quais entrevemos um fragmento quando, por exemplo, fazemos a triagem de “seus pertences” após seu falecimento.

Qual é o seu íntimo? É esse desconhecido quem faz o destino para nós (porque nós não saberíamos tampouco quais foram suas intimidades) ou é essa busca mesma que faz o destino ao nos colocar a caminho? Em todo caso, são os silêncios, as ausências, os ocos, que, lá ainda, são operantes.

QUEM SOU EU? QUE EU? OU O ENIGMA NECESSÁRIO?

O movimento da busca, e o sentimento na leitura de *A Carta do Pai* e dos pais, passa aqui pela escrita da qual Bernard Andrieu nos diz que se trata de

4 Ver Katmandou, Compostela, e outras viagens iniciáticas que levam frequentemente à descoberta de uma parte de si, quaisquer que sejam os lugares de partida ou chegada.

escrever para não reproduzir, ou seja, extrair-se das predeterminações, liberar-se (por exemplo da ideia de dívida que amarra e, mesmo, aliena). Escrever, não para reembolsar, homenagear, etc., o que seria apenas conjunto de *Lembranças* ou *Memórias*, mas para tomar consciência e sair das repetições inconscientes: ou seja, perlaborar, fazer a emersão.

Por exemplo, capturar que somos impregnados do modo de pensar materno, de um modo de pensar paterno diferente e, assim, se desembaraçar para inventar sua própria reflexão, o que permitiria responder a questões tais como: quem escreve e sobre quem? Quem de mim – ou quais de mim – ou de outros em mim, fala nesse momento?

Perlaborar para perceber que é mesmo um indivíduo que cria uma espécie de mistura pessoal das heranças, tese que Freud justifica frequentemente por uma citação de Goethe: “O que teus antepassados te deixaram como herança, / se tu queres possuí-lo, ganhe-o”⁵.

É o que faz, nesse texto, Bernard Andrieu.

5 J. W. v. Goethe, « *Was Du erbt von Deinen Vätern hast, / Erwirb es, um es zu besitzen* », in *Faust I & II*, Paris Flammarion, Paris 1984, vers 682-3 de «A noite »; também traduzido: « A herança que vem de teus ancestrais, / é necessário adquiri-la para melhor possuí-la ». Ou ainda: « O que tu herdaste de teus pais, / Adquire-o a fim de possuí-lo » Chez Freud, voir : *Totem et tabou* (1912-1913), *Pour introduire le narcissisme* (1913), *Abrégé de psychanalyse* (1938).

PARA CONCLUIR...

Haveria dois tipos de autobiografia: aquela dos “mim”, resultando um relato de fragmentos e aquela do “eu”, mais unitária ou linear. No melhor dos casos, a autobiografia ofereceria uma *cena* onde, desdobrando as aventuras dos “mim”, tentamos encontrar o denominador comum, algo que poderia, enfim, se escrever “eu”, um *fio vermelho*, uma *coluna vertebral*. Pressentimos que ele detém as razões de nossas vias na vida, os “porquês” do que nos aparece frequentemente como *errâncias*, assim como uma chave interpretativa dos acontecimentos vividos. A cena, aqui, é aquela do corpo.

Essa questão sobre nosso « destino » ou orientação que nos colocamos, ou ainda que ela nos capture, produz, esquematicamente, dois extremos:

- Ou o *sujeito* é capturado e submetido, de modo mais frequente, passivamente, pela impressão que é a presa de repetições, sempre as mesmas, ou que ele nada sente daquilo que lhe acontece: nesse caso, as representações que chegam traduzem uma prova do aprisionamento ligado ao sentimento que uma força enigmática, superior e *exterior* faz emanar e que pilotaria a existência conforme um desenho ignorado pelo sujeito. As representações dessas forças são, por exemplo, o *fatum* ou o destino, que

vão se ligar a outras, tais como: a impressão do efeito de um contexto cultural, a história familiar, etc. ou ainda a Natureza ou os genes (“eu nasci/ faça assim”), potências “externas” tais como os deuses ou os astros, tantas formas que traduzem a prova de uma potência misteriosa acima de si – e da qual nós seríamos um fantoche – mas, em todo caso, uma organização pensante, que sabe, ela, nossos porquês. Porém, nesse caso, não poderia haver uma verdadeira autobiografia pois o “eu” é projetado ao exterior;

– ou ela opera após o acontecimento, ou seja, o « eu » *me* coloca questões ou me coloca a questão quanto a minha existência: é um retorno sobre si, *ativo*, no sentido que me coloco em questão – um “eu” tenta capturar os “mim”. Nesse caso, as interpretações que surgem são à maneira do *filó Vermelho* ou da coluna vertebral, o caminho de vida, etc., representações que tentam restituir algo do sentimento de que haveria um “condutor” *interno*, um assento ou um projeto, embora ressentidos como enigmáticos; pois se o projeto pindárico (tornar-se si mesmo) é evidente, permanece o fato de que o eu é, ele, enigmático. É isso que o coloca em movimento.

O texto de Bernard Andrieu testemunha isso sobre o plano autobiográfico, mas vai além disso: como um pensamento se desenvolve, se constrói e se

continua passando pelo ser mesmo do pesquisador, sua elaboração. Esse desvio, por outro lado, permite conquistar novas dimensões nessa difícil questão: que é como pensar o/nosso corpo, mesmo “pensar corpo”, senão como ele nos pensa e, ainda, afinar mais e mais essa nova démarche que é a emersiologia.

É o caminho notável que segue e persegue infatigavelmente Bernard Andrieu.

Joël Bernat

PREFÁCIO

Movido por alegria e prazer, decidi aceitar o honroso convite feito por Bernard Andrieu para escrever o prefácio de seu livro *A Carta do Pai: sistema de reflexão côncava*.

De imediato, reconhecemos que o texto trata do entrelaçamento entre Geografia e História. O quiasma entre espaço e tempo estabelece condições para se compreender o próprio corpo por meio das relações com o corpo do outro. Para a Psicanálise, a humanidade começa com uma criança cuidada por um adulto. Esses cuidados primordiais criam trocas de afetos que marcam o corpo deixando impressões do outro em mim. Todavia, nem sempre agimos repetindo essas impressões. Podemos transformá-las. O bisturi do pai de Foucault foi transformado em caneta. A transmissão de rádio do pai de Bernard foi transformada em transmissão da Filosofia.

A reflexão côncava de Bernard Andrieu é feita escavando o corpo, agindo como um arqueólogo que busca encontrar algo explorando o desconhecido e usando o único mapa que possui: seu próprio corpo carregado de afetos que vêm do outro. É por essa razão que o autor afirma: “o mapa é a posseção corporal do território”.

O texto mostra várias versões de viajantes que buscaram traçar mapas de suas aventuras em percorrer a terra sem mapas prévios. Lançados no mundo desconhecido, navegantes se arriscaram para encontrar diferentes destinos por meio de seus corpos, usados como rotas para desenhar mapas e escrever novas histórias.

Traçar territórios não se reduz a desenhar mundos, mas significa também se lançar em mundos que se desenham em mim. Não apenas atravessamos lugares, mas os lugares nos atravessam. Mapear exige configurar e reconfigurar de maneira permanente. A solicitação criadora emerge da constante exploração de territórios feita pelo corpo. É nesse sentido que Bernard afirma que o corpo é poroso na medida em que afeta e é afetado constantemente pelo mundo em que se navega. Como diz Fernando Pessoa: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

A vida nos traz imprecisões que nos arrastam para águas profundas de onde não se pode emergir em sua plenitude. É com base nessa perspectiva que Bernard escreve seu livro, propondo uma reflexão sobre o caderno de desenho de seu avô e o álbum de fotografia de seu pai.

No caderno de desenho de seu avô, descoberto somente após a sua morte, Bernard encontra os

segredos de um diário de bordo que descrevia a visão dele da guerra. Seu avô participou da primeira guerra mundial desempenhando o papel de ligação entre as linhas de frente e a retaguarda se deslocando por meio de uma bicicleta. Faltando quatro dias para o armistício, a perna direita de seu avô foi atingida por um obus e precisou ser amputada. Apesar desse trágico acidente, a guerra, vista pelo seu avô, não era contada apenas revelando o horror, mas mostrando cenas divertidas. Destacasse, nos desenhos, a beleza da mulher francesa e parisiense. A ironia marcava seus desenhos. Os desenhos lhes ajudaram a suportar a guerra de forma criativa do mesmo modo que Anne Frank se apropriou da guerra, ao seu modo, escrevendo seu diário.

O álbum do pai de Bernard permitiu um acesso à história da guerra que aquele sempre silenciava. A figura paterna evitava falar da guerra da Argélia e de sua própria guerra. Seu pai foi oficial de transmissão e rádio durante essa guerra. Pelo álbum, foi possível encontrar o eco de vidas que se cruzaram. Emoções guardadas foram desabrochadas. O álbum funciona como um diário de bordo, escrito dia a dia. Esse álbum possibilitou o acesso às águas que nunca foram antes navegadas. Ele aproximou Bernard do mito das origens.

Os vínculos de nossos corpos são feitos por trilhas já traçadas, mas quase sempre desconhecidas. O livro mostra que a filiação não se dá apenas pelo encontro entre faces que se olham. As ligações se dão também pela sustentação do corpo do outro que solicita acolhimento. Com o filho aplacado em suas costas, Bernard expressa o sinal do apego que abriga o desamparo. Tal sinal nos remete às ideias psicanalíticas de Winnicott, quando se refere à mãe suficiente boa que oferta seu apoio para que o filho possa existir.

O livro de Bernard Andrieu nos mobiliza para procurar o “tempo perdido”. Ele nos ensina, nas pegadas de Marcel Proust, a arte de inventar traduções para eventos que aparecem apenas como traços de memórias quase invisíveis. A angústia e os medos estão expostos. A vida precisa ser reinventada a cada dia. O desamparo está sempre batendo à nossa porta. Mas essa é a marca da vida humana. Ainda, ela não é solitária, pois também temos o cuidar. É a flutuação entre desamparo e cuidado que nos faz demasiadamente humanos.

Bernard nos ensina que é preciso se perder para se encontrar. Isso nos faz lembrar Rousseau ensinando a Emílio a geografia da cidade. No lugar de lhe ofertar todas as coordenadas de um mapa já pronto, ele cria

uma situação para que Emílio se perca. Somente com seu corpo e seus traços de memória implantados pelos corpos dos outros, Emílio teve que fazer seus próprios mapas para se apoderar do território.

Faço-lhe um convite para ler um livro em que você terá a grata surpresa de que para descobrir ou redescobrir territórios é preciso abrir mão de nossas representações cartográficas já acomodadas. Lançar-se na aventura de viver nos exige navegar em zonas sombrias, nas quais precisamos inventar mapas para prosseguir viajando.

Iraquitan de Oliveira Caminha

INTRODUÇÃO

O TERRITÓRIO SEM MAPA

Michel Houellebecq com *La carte et le territoire* [o mapa e o território] soube atrair nossa atenção para a geolocalização de nossa história. Eu sempre acreditei que o mapa, a carta geográfica do pai existia, mesmo se meu pai jamais havia-me mostrado-lhe, pois seu álbum de guerra havia desaparecido na época do divórcio com minha mãe. Meu avô havia estabelecido um mapa através de índices das assinaturas de desenhos em seu diário da guerra, indicando os dias de repouso de seu regimento que lhe deixavam tempo para a criação. Não havia mapa no território da Lorraine onde me encontrei sozinho com meu filho, tendo sido necessário explorar esse diário de paternidade. A geografia sempre me pareceu explicar a história, nela encontramos o meio de situar nossas origens, o acento de nossas vozes, o desvio dos caminhos e os impasses.

Através desse sistema de reflexão côncava, a carta do pai me engaja no mito de origem, nesses momentos nos quais eu não existia como corpo, como na guerra de 14-18; momento marcado nos desenhos de meu avô até sua amputação perto de Verdun, no

casamento de meus pais, na minha concepção, na minha viagem a Algéria no ventre de minha mãe para visitar meu pai ao longo do oleoduto em construção, mas também na laceração de meu casamento e na educação do meu filho Louis em Nancy face a paternidade e às minhas ideias filosóficas sobre o corpo. A profundidade de meu corpo vivo aqui se exprime, mais do que “No corpo de minha mãe”, em que descrevi o sistema óptico e visual do erotismo. Do caderno de desenhos de meu avô à carta geográfica do pai do deserto algeriano e seu álbum de fotografias, meu diário de pai é um eco vivo que se ativa em mim.

Em um texto inédito, publicado sob o título *Le beau danger* [O belo perigo], que de fato se trata de uma entrevista entre Michel Foucault e Claude Bonnefoy, entre o verão e o outono de 1968, o filósofo compreende seu corpo de pesquisador segundo o olhar de sua idiosincrasia familiar, seu pai sendo cirurgião, como um longo trabalho para de certa forma valorizar a palavra e o discurso face a “essa desvalorização profunda, funcional da palavra na antiga prática da medicina clínica que pesou sobre mim durante longo tempo”⁶. Mais que uma autobiografia, Foucault descreve a transformação

da “velha hereditariedade do bisturi”⁷, sublinhando justamente o deslocamento: “O que eu traço sobre a brancura do papel são esses mesmos signos agressivos que meu pai traçava no corpo dos outros quando ele operava? Eu transformei o bisturi em caneta. Passei da eficiência da cura à ineficácia da livre proposição; substitui à cicatriz o signo perfeitamente apagável e rasurável da escrita. Talvez seja mesmo necessário ir mais além. A folha de papel talvez seja para mim o corpo dos outros”⁸.

Michel Foucault não ultrapassa simplesmente o modelo cirúrgico do pai, o que seria uma interpretação edipiana que ele recusaria, mas ele trata de cadáveres textuais pela vontade de saber de sua saúde: “eu estou na situação do anatomista que faz uma autópsia. Com minha escrita, percorro o corpo dos outros, eu lhe inciso, levanto os tegumentos e a as peles, tento descobrir os órgãos e, atualizando os órgãos, faço aparecer enfim o abrigo da lesão, esse abrigo do mal, esse algo que caracterizou sua vida, seu pensamento...”⁹. Cada um de meus livros foi o meio de deixar emergir em mim um souvenir perdido de minha infância, somente pedaços sensoriais me submergem pela reminiscência dos sonhos ou dos

7 *Op. cit.*, p. 35.

8 *Op. cit.*, p. 36.

9 *Op. cit.*, p. 37.

sintomas. Sem uma narrativa cujo fio seria mantido e tensionado em mim, sinto a potência das sensações que perduram.

CARTOGRAFAR

O mapa é a possessão corporal do território, a evidência de sua exploração pela nominação dos lugares atravessados. A circum-navegação planetária já havia sido emitida pelos chineses desde o século XIII. As Cartas de Dieppe, concebidas entre 1540 e 1585 por Pierre Desceliers, Jean Rotz, Guillaume Le Testu, Nicolas Desliens, Nicolas Vallard e Jacques de Vau de Claye contém descrições das primeiras tentativas francesas de colonizar o Canadá, a conquista do Peru pelos espanhóis e o estabelecimento do comércio dos portugueses nos mares em torno das ilhas de Célèbes, Nova-Guiné e Indonésia. Nessas mesmas cartas podem figurar inscrições sobre o legendário reino do padre Jean na Etiópia ou ainda a presença igualmente legendária das Amazonas na Rússia, bem como as descrições da viagem de Marco Polo. O mais antigo globo terrestre de que temos notícia é o globo de Martin Behaim (1459-1507), feito em Nuremberg, em 1492. O cartógrafo Martin Waldseemüller adpta, em 1507, a impressão de acordo com as necessidades dos fabricantes de globos, criando os fusos horários.

Até então os globos eram pintados e únicos. As cartas de Waldseemüller publicadas em Saint-Dié des Vosges foram as primeiras a portar a inscrição: “América”¹⁰. A publicação da *Geografia* de Ptolomeu em 1511 é considerada como o primeiro atlas moderno com vinte e cinco mapas. O alemão Johann Schöner publica em 1515 uma carta do globo com doze fusos horários e um manual de instrução para mostrar seu globo terrestre de 27 centímetros de diâmetro. Neste mapa-múndi ele mostra um continente ao sul do estreito de Magalhães que ele nomeia *Brasília inferior*. Essa grande terra retoma os contornos da Austrália, mas localizada pelo espaço geográfico da Antártica. A Galeria das Cartas Geográficas, criada por Gregório XIII e restaurada por Urbano VIII, apresenta quarenta cartas geográficas pintadas em afresco que representam as regiões da Itália e as possessões da Igreja na época do Papa Gregório XIII (1572-1585). Elas foram pintadas entre 1580 e 1585 a partir dos cartões de Ignazio Danti, célebre geógrafo de seu tempo.

10 Waldseemüller M., 1507. Introdução a cosmografia com alguns elementos de geometria e de astronomia necessários à inteligência dessa ciência, assim como as quatro viagens de Américo Vespúcio e a reprodução do mundo inteiro em projeção esférica como em superfície plana, incluindo as regiões que Ptolomeu ignorava e que foram descobertas recentemente.

Os viajantes estabelecem as cartas de territórios desconhecidos. Marco Polo (1254-1324) passou vinte e quatro anos na Ásia, dentre os quais dezessete à serviço do grande Khan da Tartária: Koubilaï Khan. Prisioneiro em Gênova, ele começa a ditar seu relato de viagem a Rusticiano de Pisa, seu companheiro de infortúnio. *O livro das maravilhas do mundo*¹¹, escrito « em duas vozes », fascinará os grandes exploradores, notadamente Cristovão Colombo¹². James Cook¹³ estabelece as cartas do litoral da Nova-Terra, depois a passagem ao Nordeste (1763 – 1764), a costa entre a península de Burin e Cap Ray (1765 – 1764), depois a costa oeste em 1767. A ideia da *Terra Australis* foi finalmente corrigida por Matthew Flinders e James Cook. Cook fez, com efeito, a volta da Nova Zelândia, mostrando que ela não poderia fazer parte de um continente.

Foi entre os anos de 1906-1908 que os primeiros estudos para a realização de uma série de mapas sobre a França começaram. Em 1907, uma carta da região de Auvergne figurava no Guia vermelho (*Guide Rouge*)

11 Marco Polo, *Le livre des merveilles du monde*, Paris, Librairie.

12 C. Colomb, *La Découverte de L'Amerique T.1* ; *Journal De Bord Et Autres Ecrits*, 14 92-1493, Paris, La découverte, 2006.

13 Cook J., *Relations de voyages autour du monde*, 1768-1779; choix, introduction et notes de Christopher Lloyd; traduction française par Gabrielle Rives, édition La Découverte, collection Poche Littérature et voyages

e um mapa da França foi publicado em quatro folhas, escala 1/1 000 000, em cores. A partir de 1908, esse mapa pode ser comprado separadamente. No ano seguinte um mapa da região de Clermont-Ferrand, em escala 1/200 000, foi distribuído gratuitamente na região. E é em 1910 que os primeiros mapas em escala 1/200 000 são difundidos comercialmente, começando por Clermont-Ferrand, em seguida por mapas com bordas do Mediterrâneo e da região parisiense.

Seria necessário cartografar nosso próprio mapa dos corpos em dicionários do corpo, enciclopédia dos *somaticiens* e outros atlas das culturas corporais para saber onde eu estava, antes mesmo daquilo que me tornei, indo de um ponto a outro do mapa ao encontro dos outros sem conseguir me fixar em um ponto, preferindo o caminho à estação. O território está em curso de constituição e é movente, essa mobilidade epistemológica repousa sobre a mobilização dos atores e atrizes.

A CONCAVIDADE DE MEU CORPO

A marca é hereditária. Na cavidade do meu tórax um recesso mais importante que o habitual e que estabelece a filiação com o corpo de meu pai. Sem um *pectus excavatum* o traço do pai teria sido também bem transmitido, tornando-se um ponto de seu

mapa. Permanecemos na cavidade, apagarmo-nos, não nos colocar à frente, recuarmos para o fundo da cena, mantermo-nos na cavidade, interessarmo-nos pelas minorias e pelos invisíveis porque nos sentimos também inexistentes.

A concavidade é essa parte esférica e oca de meu corpo. Aquela que não consigo preencher e que nenhum objeto apesar do vazio atrativo que ele emana, não pode preenchê-lo. Incurvada do interior pela carência desde sua prematuridade e a ausência do pai na nascença, a concavidade estrutura minha percepção, envolvendo o mundo de minha curva perceptiva. Espelho côncavo, reflito imediatamente o que sinto do mundo exterior, inteiramente *ecologizado* pela penetração do mundo em mim.



Aqui, o eu luta contra todos os outros incorporados para se constituir, para sair do efeito côncavo e dirigir-se a uma convexidade, provocando a concavidade que ele encarna.

Desenho de Guillaume T ¹⁴

14 <http://www.lafed-um1.fr/faq-afficher-3273.html>

Sem essa concavidade interna o corpo curva a coluna vertebral sem, no entanto, quebrá-la para construir um relato sobre esse oco. A escrita é essa curva arqueada que resulta em uma superfície para essa forma côncava. Como que penetrado pelo mundo, o texto côncavo parece deformado pela percepção subjetiva de seu autor. Nesse processo ecológico, a concavidade é o produto da incerteza do mundo. Na falta de um mapa para se localizar, o mundo dos outros é projetado diretamente sobre o corpo, aprofundando-se na identidade. Aqui a guerra é o que penetra os corpos a ponto de fazer reagir as três gerações descritas:

Seja pela **inversão do mundo** através da arte no caderno de desenho de meu avô. Para não mostrar o horror, dedicou-se a arte do retrato de mulheres e paisagens, esperando seja o ferimento de guerra ou a morte. **A concavidade encontra-se aqui acima dessas cordas e tangentes, côncava em direção ao alto.** Aproveitando da dinâmica da curva, a criação consegue libertar-se dessa tangente submetendo-se a invasão do mundo mais revertendo seu estilo mortífero pelo desenho do desejo.

Seja **pelo silêncio sobre o mundo**, do engajamento na guerra de meu pai

passado sob silêncio durante cinquenta e seis anos contra o qual eu me bato até encontrar seu álbum em suas caixas. **A concavidade toma o ponto de inflexão onde a curva pode mudar-lhe o sentido, dirigindo-se para o alto ou para baixo, ponto de equilíbrio.** Tudo já foi dito, a emoção é tão íntima que não consigo dizer ou partilhar.

Seja pela **via perceptiva** no diário do corpo que luta para sobreviver ao luto de meus ideais e para desenvolver uma aprendizagem da verdadeira vida: **A concavidade é aqui a parte mais oca de meu corpo curvado em seu interior.** Menos paranoico que pré-psicótico, o sentimento de ser jamais suficiente, quase nada e que na falta de reconhecimento tendo a deformar a visão e o olhar dos outros sobre mim: a dissolução do eu vem dessa falta de segurança e de relevo convexo para se afirmar a ponto de se deixar afundar em sua concavidade. A escrita testemunha essa incerteza para se reformar face aos acontecimentos sempre percebidos como inserções em meu corpo. No entanto, essa disposição subjetiva terá favorecido a gênese da emersilogia ao inverter a inserção em emersão, transformando o vivo côncavo em um despertar.

A EMERSÃO POROSA

A permeabilidade das ciências do corpo vivido deixa emergir a atividade do corpo vivo para recolhê-la através de suas grades de análise como a análise de dados por meio de traços, a interpretação simbólica pela palavra, a leitura simbolista dos gestos do corpo ou a atenção da consciência. A atividade do corpo vivo emerge dela mesma sem o controle dos métodos de si mesmo (vertigem, orgasmo, medo, riso, sonhos, emoções, lapsus, gestos involuntários...). A porosidade dos mapas deixa emergir memórias dos gestos, das viagens, das mutações geográficas e internas para se reconfigurar em novos territórios.

A exploração de novos terrenos, como aquele do corpo vivo, implica em não permanecer nas convenções do corpo vivido. Por trás da fenomenologia, da psicanálise e das neurociências cognitivas revela-se uma profundidade que essas ciências chegaram a nomear e a conter em sua intensidade. Mas, sob as cartografias que estabelecem como avançar do inconsciente ao consciente, o território a explorar permanece ainda importante: mais que um continente negro, como Freud o qualifica, as sensações internas, os movimentos involuntários, os gestos e emoções, as memórias corporais e os traços ... são emersões cuja atividade pode ser despertada

pela solicitação criadora. Se a emersão remonta a superfície da clara consciência, como Marcel Proust estabeleceu a propósito da imagem do pedaço de *Madeleine*, é também em razão da porosidade do corpo e da permeabilidade da consciência: o corpo é poroso, pois ele se coloca em um processo ecológico em continuidade com o mundo, incorporando informações abaixo do limiar da consciência para renová-la e, apesar do recalque e da intenção, é permeável ao que lhe chega e a si mesma.

A CONCAVIDADE EMERSIVA

A concavidade é emersiva lá onde a convexidade é centrípeta. O inconsciente freudiano não se esvazia na emersiologia. Ele alimenta a criatividade no ponto de vista na primeira pessoa do corpo vivo. Três escritas se sucedem nesse livro: a primeira narrativa segue a cronologia dos desenhos do meu avô pela continuidade de seu caderno do regimento; a segunda, hermenêutica, interpreta as fotografias e outro Estado de serviços da infantaria; a última, emersiva, desperta a partir do diário de meu corpo vivo e as experiências da separação e da educação. Todas três confrontados a morte, cada um soube encontrar na vida e no vivo dos filhos o meio de viver durante e após a guerra.

A guerra, sua descoberta em Verdun, na Algéria ou em Nancy, é o ponto comum de nossas três gerações. Trata-se menos de fazer a guerra, nenhum de nós matou alguém, do que viver com nossas possibilidades de criatividade, desenhos, cartas de amor de meu pai a minha mãe, a criação de meu corpo pelos meus pais, o diário de combate no inverno da região da Lorraine, a educação do filho e os fundamentos da filosofia do corpo. Esses três momentos de recomposição da vida foram recalcados nos armários familiares: o caderno de desenhos do meu avô foi descoberto após sua morte, o álbum de fotografias do meu pai foi encontrado por mim em caixas no sótão de sua casa, esse diário de bordo, escrito dia a dia, deveria aparecer somente após a minha morte.

Como transmitir aos seus filhos, é a questão do livro: meu avô era em sua bicicleta o portador de mensagens do estado maior nas linhas do *front*; meu pai foi oficial de transmissão de rádio; eu mesmo escolhi transmitir a filosofia como professor. Mas, nesses três tipos de textos emersivos se lê também os não-ditos, as emoções escondidas que fazem parte do conhecimento de si e do vivo.

PRIMEIRA PARTE

**A GUERRA EM PRIMEIRA PESSOA:
O CADERNO DE DESENHOS DE
MARCEL PENDANX 1917-1918¹⁵**

Para nossa mãe, Suzanne

¹⁵ Obrigada a Michel Signoli pelas informações sobre o 14º Batalhão R.I. e a Eric Deroo pela sua ajuda sobre o contexto iconográfico do desenho de guerra e seus arquivos tão preciosos. Paul e Pascale Gérardin pelos arquivos e viagens, em 15 de agosto de 2013, aos locais percorridos pelo meu avô. Isabelle Bisoffi, minha irmã, meu filho Louis Andrieu e o filho de Pascale Gérardin, Lukas pelo scanner dos desenhos; meu irmão Patrick Andrieu por seu texto. E minha mãe por nos ter confiado o caderno de desenhos de seu pai. Uma primeira versão desse texto foi publicada por ocasião do número especial sobre a guerra de 14-18 na Revista Corps, Ed CNRS, 2014.





Voltar¹⁶ a Verdun, Rarecourt, Jaulny ou a Floresta de Combres, neste verão de 2013, poderia, para além da empatia participante, fazer-me sentir os lugares e as condições da guerra de Marcel, meu avô? Eu encontraria aqui mais provas de sua passagem que nos arquivos consultados e nos quais seu nome, como veremos, não aparece? Sua invisibilidade, como a de tantos outros anônimos conscritos, nos textos oficiais e listas de feridos, foi quebrada por sua vontade de desenhar sua guerra, esperando o fim que para ele estava próximo, em razão do obus que o atingiu quatro dias antes do armistício, não muito longe de Verdun. Atingido quando de uma recessão, os enfermeiros fizeram um torniquete na artéria femoral, mas depois atingida pela gangrena, sua perna foi amputada. Ele jamais falava de sua guerra, jamais.

Mas, a impressão dos 15.000 soldados, sem contar os cemitérios alemães em torno ou os soldados anônimos, vários com a menção ossuário, é tão forte quanto as cruzes e túmulos mulçumanos dos soldados do Corpo Colonial, sendo inútil descer nas trincheiras ou revestir o equipamento apresentado na vitrine que se encontra na torre do Ossuário de Douamont. A ilusão da compaixão, conjugada ao terror do

16 AUDOIN-ROUZEAU S., 2013, *Quelle histoire. Un récit de filiation (1914-2014)*, Paris, Le Seuil, EHESS.

massacre, pode fazer crer que compreendemos a visão em primeira pessoa do soldado francês ou alemão. Mas, nos desenhos que ele nos deixou em seu caderno nenhuma representação da guerra como em *1914-1918 La grande Guerre vécue-racontée-illustrée par les combattants* [1914-1918 A Grande Guerra vivida-contada-ilustrada pelos combatentes] onde encontramos uma iconografia da trincheira, de paisagens ou de homens dormindo ou banhando-se nus no rio Meuse.

Somente esse desenho patriótico sem data, mas colocado no terceiro desenho do caderno, entre as datas de 22 de agosto de 1917, a Jaulny e nos Les hauts d'Outremont, em 23 de janeiro de 1918, uma mulher com um capacete, de perfil, e preto e branco com o olhar horizontal e a cabeça erguida, como fazendo face ao inimigo, testemunha um tema de guerra. O estilo é aquele do estatuário patriótico que encontramos na revista *La vie parisienne*, a partir de 1918 (*Figura 1 e 2*).

Esse ensaio foi escrito com a ajuda de quatro gerações: minha mãe Suzanne, uma das filhas de Marcel Pendanx, meu irmão Patrick, minha irmã Isabelle e eu, que o conhecemos diferentemente em razão da diferença das idades - eu tenho lembranças das atividades de pesca com ele e seu filho Pierre,

chamado Pierrot – e ainda com a ajuda de seu neto Louis, que não conheceu. Essas diferentes escritas, aquela de Marcel que nos deixou em primeira pessoa apenas esse caderno de desenhos de sua guerra; as lembranças de minha mãe e meu irmão em terceira pessoa e as ordens de vendedores do Jornal do Regimento, demonstram o quanto a ausência de traços objetivos de meu avô poderia ser prejudicial a compreensão de sua visão sobre a guerra. Nenhuma menção a ele no *Journal de 14eme Régiment d’Infanterie*, onde encontramos os nomes dos oficiais, dos heróis de guerra, dos feridos, dos mortos e dos desaparecidos.

Exceto o relato de suas campanhas à ocasião das refeições familiares, o que nos resta de suas representações e de seus afetos durante esses quatro anos de guerra? O que ele produziu no campo fora das missões em sua bicicleta do front aos diferentes postos dos correios? O silêncio sobre essa produção de desenhos, ao longo de toda sua existência, sobretudo após sua amputação, diz muito a respeito do caráter tímido desse caderno. Intitulado “ Esperando”, ele indica o quanto a guerra durou, sobretudo para um circunscrito de primeira hora e; também, como foi, para ele, uma prova. Suportar o horror da guerra pela arte ou pela literatura é algo bem conhecido

pelos historiadores ou colecionadores do artesanato das trincheiras da grande guerra¹⁷.

O CORPO FAMILIAR

Escuto ainda - pois na casa de Toulouse eu dormia no escritório junto a cozinha, onde o fogão à carvão aquecia até tarde da noite-, o barulho de sua prótese descendo a escada de madeira que mesmo para mim já era muito vertical. Sem jamais ver sua prótese quando ele a portava, descobri-a colocada, às vezes, no andar de cima. Meu imaginário do corpo híbrido vem desse barulho e dessa invisibilidade do corpo amputado de meu avô.

Eu fiz uma entrevista com minha mãe Suzanne Andrieu, nascida Pendanx. Na citação abaixo, revelamos que Marcel não havia mostrado seus desenhos a sua família e que, somente após sua morte, ele foi descoberto; guardado enterrado em seus pertences, como os traços de uma memória sensível e íntima:

Meu pai jamais nos falou de seu caderno de desenhos. Nós o encontramos em seus pertences. Aparentemente, ele fez desenhos nesse caderno durante a guerra: “esperando”, como ele escreveu na primeira página. Meu pai gostava de falar da guerra e nós gostávamos de escutar. Mas, ele jamais

17 <http://www.artisanat-de-tranchees.fr/>

falou dos horrores da guerra que ele viveu. A vida nas trincheiras, os assaltos, os tiros de artilharia, eu soube de tudo isso nas inúmeras obras que li sobre esse assunto, mas jamais por ele. Ele era agente de ligação: “ciclista”, ele nos disse, “porque ele sabia andar de bicicleta”¹⁸. Haviam lhe pedido isso. Ele circulava então nas primeiras linhas, atrás. Ele não carregava sua arma. Ele dizia que a tinha deixado “nas cozinhas”, e que por isso ela estava sempre em perfeito estado. Ele falava do absurdo de certas ordens, das manias de alguns suboficiais. Le ria disso. Ele contava como ele e seus camaradas “divertiam-se” nas trincheiras ao colocarem um pedaço de pão no fundo de um fuzil e atirarem quando um rato vinha comer. Ele contava como se tudo isso fosse uma parte de prazer: durante quatro anos. Ele foi ferido quatro dias antes do armistício. Nós amávamos escutar suas histórias. Nós as conhecíamos decoradas, a tal ponto que, no fim de sua vida, quando ele esquecia alguns detalhes, nós o lembrávamos. Meu pai era muito patriota. Ele tinha o sentimento de ter servido à França e sentia orgulho. Ele teve sorte, dizia: a explosão de obus que seccionou sua artéria femoral não o atingiu quando ele circulava entre as linhas, sozinho. Foi por ocasião de uma retirada, em colunas, com as ambulâncias que seguiam. Ele guardou o torniquete

18 Figura 3: Única fotografia de Marcel Pendanx, agente de ligação, inscrito no PC (Posto de Comando)

por muito tempo. Foi necessário amputar. Ele tinha orgulho de sua amputação (Suzanne Andrieu).

Meu irmão Patrick escreveu essa versão de Marcel et Blanche, nossos avós, aportando um esclarecimento também político de seus engajamentos:

Minha mãe vem de um meio modesto do sudoeste da França. Seus pais, Marcel e Blanche, ambos cabelereiros de profissão, encontraram-se ... em um salão de beleza. As vezes a vida é simples, mas não permanece assim por muito tempo. Com a idade de vinte anos, seu pai foi alistado na grande guerra. O primeiro capitão que ele encontra pergunta o que ele sabia fazer. O jovem Marcel respondeu “andar de bicicleta” e foi promovido a agente de ligação, missão que consistia, como seu nome indica, a manter, por meio da bicicleta, a preciosa ligação entre as linhas de frente e a retaguarda. A quatro dias do armistício, Marcel foi atingido por um Obus. A perna direita transpassada, a esquerda salva pela lamina da faca que ele carregava sempre no bolso de sua calça. Ele perdeu muito sangue. Um torniquete foi colocado, apressaram-se para socorrer o jovem ferido em uma ambulância. Tarde demais.

Marcel na aurora de sua existência teve a perna amputada e deve sua salvaguarda

apenas ao acaso ou a Deus que o coloca sob o front no momento da explosão. O socorro no local, apesar de tudo, preservou sua vida. Nenhuma dúvida que ele teria sucumbido aos ferimentos se, portador de uma mensagem aos oficiais, tivesse sido tocado retirando-se sozinho em direção a retaguarda.

Desmobilizado, Marcel reencontra sua boa cidade de Toulouse, sua casa, sua esposa. Na lapela de sua veste todas as honras rendidas a seu sacrifício. Ele que possui apenas o certificado de estudos, comprometeu-se a passar o brevê, obtendo-o e escolhendo de se converter em controlador dos correios. Cada manhã, arrastando sua perna amputada em uma prótese e a outra em seu sapato, ele montava sua bicicleta e seu balanço, especialmente conhecido por corrigir essa perna ausente. Ele partia ao trabalho.

Dizer que essa enfermidade perturbou o curso de sua vida não é um doce eufemismo, pois Marcel foi galvanizado por sua nova condição. Ele torna-se no decorrer dos anos a figura emblemática do correio de seu bairro, mas, sobretudo, a de milhares de mutilados de guerra que seu país deveria a partir de agora contar. Ele torna-se o verdadeiro testa de lança e o porta-voz respeitado de todas suas reivindicações e funda a primeira associação, representando-os dignamente.

Ele se torna um personagem. Ele, pequeno cabelereiro sem instrução, torna-se controlador dos correios, aperta a mão de ministros e recebia do estado que ele havia valentemente defendido as mais altas distinções honoríficas reservadas aos antigos combatentes. “Não subir talvez muito alto, mas sozinho”, para esse homem que conhecia de cor a obra de Rostand, essa frase o descrevia inteiramente.

Eu não tenho lembrança consciente de meu avô, ele morreu quando eu tinha três anos. Apenas algumas fotos o representam ao meu lado: criança tímida em direção a qual ele se inclinava com bonomia, um belo velho de cabelos brancos. Todas as lembranças que restitui aqui me foram narradas muitas vezes por minha mãe, com uma emoção contida, nuançada de humor e alegria.

Todas as peripécias da vida de meu avô foram marcadas com o selo da honra, da palavra dada que comprometia o ser, frisadas de um patriotismo que conservada ainda suas cartas de nobreza. De todas suas ações se destacavam uma lealdade, um orgulho de ter servido ao seu país, uma ligação profunda aos valores que fundam o homem.

Marcel et Blanche tiveram quatro filhos. Em 1940, mais uma vez, tudo recomeça.

Toulouse cidade ocupada soa como um insulto no coração de Medusa de Marcel. O bravo homem, soldado da primeira hora, confessando uma admiração sem limite ao Marechal Pétain que ele considerava como o salvador da França, não compreendia. Foi-lhe necessário tempo para admitir a loucura desse homem, outros dirão traição, outros ainda falarão de velhice, manipulação, inconsciência. Ele ainda estava, Marcel não se refez jamais desta desilusão, ferido em sua fé naquele que ele colocou acima de tudo e para o qual ele tinha se orgulhado cegamente de ter combatido (Patrick Andrieu).

OS CORPOS NA GUERRA

Nosso avô é incorporado a Toulouse no domingo de 4 de agosto de 1914 e parte com o 14^o Regimento de Infantaria em 6 de agosto de 1914, conforme seguimos no arquivo manuscrito e datilografado no *Journal des Marches et Opérations* (JMO) [Jornal de Marchas e Operações] (figura 4).

O 14^o Regimento de Infantaria será engajado, como outros, em todos os combates durante quatro anos¹⁹. A partir desse mês a artilharia alemã apresenta-se muito violenta no rio Meuse, deixando, no dia 26

19 Christian-Frogé M., 1922, Sumário dos regimentos e dos combates dos quais eles participaram. 1914-1918 *La grande Guerre vécue-racontée-illustrée par les combattants*, Paris, Librairie Aristide Quillet, Annexe, p. I.

de agosto, “em nossas fileiras vazios profundos”²⁰. Perto de Hagencourt e diante de Harancourt, « o 14^o se dobra, combatendo». Na região do Marne, em 10 de setembro, o inimigo se abate e bate em retirada: “é a vitória, a França está para sempre salva! E nossas tropas que lutam e marcham sem cessar, a quinze dias não dormem, não tem mais nada para comer faz tempo, vão começar o quanto antes com um coração valente e alegre, pleno de esperanças, essa busca que nos vinga”²¹. Os cidadãos por ordem do Exército recompensam as qualidades “de energia e bravura”, de “coragem e abnegação” dos soldados.

Mas, desde outubro de 1994, em Champagne, a guerra de posições pela construção de trincheiras ocupa o regimento com tropas “extremamente cansadas”, com “longas noites acordados pelo frio, na lama, relevos fatigantes, jornadas monótonas passadas em inanição”. Em torno da costa 200 apesar da “luta desesperada do inimigo”²², no dia 22 de novembro de 1914, cento e vinte e quatro metros de trincheira são tomados pela infantaria. O jornal começa a tornar heroicos as façanhas de soldados e suboficiais para quem a medalha militar é atribuída: assim, o ajudante

20 *Histórico do 14^o Regimento de Infantariaie*, Toulouse, Imprimerie et Librairie Edouard Privat, 1920, Numérisation P. Chagnoux, 2009, 48 p. ici p. 3

21 *Op. cit.*, p. 4.

22 *Op. cit.*, p. 6.

Huc, ferido a dez metros da trincheira inimiga, terá levado cinco dias - não querendo abandonar um soldado suicida de sua secção após um ferimento no pé - para, de buraco em buraco de obus, juntar-se, no dia 27 de dezembro, às linhas: dedos e pés gelados! Essa solidariedade de corpo, incluindo os companheiros de morte, os quais cada soldado quer trazer seu cadáver é valorizada no *Jornal*.

A “bravata”²³, os exemplos de vivacidade e sangue frio em 1915 são recompensados pela legião de honra para os oficiais comandantes de seções, às vezes, com desprezo pela morte, nesse “ato heroico e mortífero”²⁴. Em agosto de 1918, em Argone, mesmo se a luta é “interrompida”²⁵, tornando impossível a travessia nessa “terra de ninguém”, em trincheiras a dez metros de distância. Meu avô não é um desses batedores que em setembro de 1915, linhas telefônicas ocupadas, não podiam mais circular nesses espaços estreitos entre as trincheiras assustadoramente batidos e em parte lotados”²⁶.

Defender Verdun, em 26 de junho de 1916, reerguendo os outros regimentos “foi extremamente penoso, dado a perturbação inimaginável do

23 Op. cit, p. 8.

24 Op. cit., p. 10.

25 Op. cit., p. 13

26 Op. cit., p. 14.

terreno, o bombardeamento incessante das pistas e ravinas”²⁷. No dia 10 de julho os batedores partiram e, apesar do heroísmo dos montadores, não havia linhas telefônicas para se comunicar entre as fileiras. Marcel deve ter feito o caminho entre as linhas em sua bicicleta. A caserna Marceau foi tomada na rota “por gases tóxicos”²⁸. Os homens, sem ar devido a máscara que portavam desde o dia anterior, são extenuados”²⁹. Desde Douamont, unidades alemãs hábeis e equipadas fazem face a nossos homens “que não podem mais, morrem de sede. Alguns não se sustentam mais, bebem água agachados nos buracos de obus onde, por vezes, encontram um cadáver”! O 14^o participou de todos os combates sangrentos da Bélgica, La Marne, Perthes-les-Hurlus, Souchez, Arras, Verdun, mas « jamais viveram minutos mais angustiantes que na floresta de Vaux-Chapitre »³⁰.

Os desenhos de meu avô aparecem em seu caderno apenas a partir da data de 24 de abril de 1917, em Jaulny. Os dois primeiros foram feitos no mesmo lugar em Jaulny, perto do castelo cuja lenda é atribuída a Joana D’Arc, nos informa seu proprietário quando da visita com Pascale Gérardine

27 Op. cit., p. 15.

28 Op. cit., p. 18.

29 Op. cit., p. 19.

30 Op. cit., p. 21.

em 15 de agosto de 2013, lugar em que ela teria sido queimada viva em Rouen! Foi a rudeza dos combates que o impediu de começar a desenhar? Ele teria se hospedado em Jaulnay por mais de 5 meses? Pouco provável. Eric Deroo³¹ nos sugere que ele pode desenhar nesse período de espera quando afetado ao PC ele depende apenas de um oficial para ir portar em sua bicicleta as ordens e talvez não tenha conhecido o corpo a corpo da trincheira ou a obediência cotidiana às ordens de um suboficial em uma trincheira. Essa hipótese poderia ser atestada no jornal do 14^o RI.

O período de 22 a 30 de abril de 1917 “é marcado pela preparação do ataque que cada um sentia ser iminente a cada dia [...]. O moral de todos está perfeito, e há uma calma de espírito demarcável na espera da ordem de engajamento”³². Mesma confirmação da hipótese para o segundo desenho do caderno, datado de 22 de agosto de 1917, também em Jaulnay: O período de 10 de junho a 13 de setembro, data na qual o regimento foi levantado do setor, foi relativamente calmo, período marcado pelos tiros de perseguição e vigilância da infantaria sobre seus guardas”³³.

31 Entrevista com Eric Deroo em 24 de julho de 2013, em seu escritório, em meio a suas coleções.

32 *Historique du 14eme Régiment d'infanterie*, op. cit., p. 25.

33 Op. cit., p. 27.

Em Outremon, região do *Haute Marne*, em 23 de janeiro de 1918, data do terceiro desenho, o regimento também está em período de repouso desde 31 de outubro de 1917, depois permanecerá nas regiões de *Moulainville*, *Watronville*, *Chatillon-sous-les Côtes* até 29 de março de 1918, em um “período de calma e repouso que deixa prever um próximo engajamento”³⁴. O quarto desenho, feito em *Bois de Combres (Eparges)*, não muito longe, em 4 de abril de 1918, é efetuado no curso de uma estação do *Condé-en-Barrois*, aí permanecendo até o dia 8 de maio”³⁵. Isso explica um movimento de meu avô e sem dúvida do PC na Crista de Eparges, conquistada ao preço de três meses de combate pela décima segunda divisão de Infantaria e minada de parte a parte até abril de 1917. Retornando em 14 de abril de 1918, meu avô está na fileira de Crête, ponto de partida do ataque francês do regimento do dia 18 de abril no vale de Avre.

O quinto foi feito em 14 de maio de 1918, em Rarecourt, região do Meuse. O 14º Regimento foi colocado em repouso na região de Sully, Fontenay e Bazancourt (Marne) antes de ser transportado rapidamente no dia 30 de maio para a região de Longpont e Corcy na Picardia. O último foi realizado

34 Op.cit., p. 29.

35 Idem.

em Verdun mesmo, no PC *Scheinnitz*, entre 20 e 22 de maio de 1918 quando o 14º RI é colocado em repouso, o que prova que nosso avô se deslocou de um PC a outro e sem dúvida entre vários regimentos nomeados por uma comunicação Inter regimento, a menos que ele tenha estado em permissão ou nomeado a Verdun nesse período.

O repouso e o tempo de desenhar são necessários para figuras de retratos bem realizados, enquanto um só esboço de paisagem, talvez da Floresta de Combres, pois a página está logo antes do desenho seguinte realizado justamente em Eparges. Ao nos encontrar na floresta de Eparges vemos exatamente esse tipo de árvore: essa arborescência produz uma luminosidade terrosa. Maurice Genevois gravemente ferido por três balas em 25 de abril de 1915 a descreveu muito bem em seu texto: “uma grande flutuação da terra e do céu através, olhos ardendo, molhados de frio; coisas que encontramos ao amanhecer pálido, uns após os outros, todos; ninguém morto na escuridão, ninguém mesmo enterrado”³⁶.

Não há inventário no JMO do ferimento de meu avô, contrariamente a lista estabelecida ao fim de cada mês como consta em outras páginas desse documento e que podemos ver em uma página com

data de 1917 (figura 5). Ele foi ferido, nós sabemos, no dia 4 de novembro de 1918 por uma explosão de obus que transversa sua perna direita, a esquerda salva devido a presença de uma faca no bolso da calça, como precisou meu irmão em seu texto que transcrevemos mais acima. Paradoxo da guerra, pois o 14^o RI havia levantado acampamento, definitivamente, desde o dia 12 de julho de 1918, na cidade de Selve, depois foi colocado em repouso até o dia 2 de agosto em Chigny-les-Roses: « O 14^o R.I. deve se ocupar do subsetor de Montigny [...]. Setor calmo onde o armistício encontrara o regimento»³⁷. É verdade que o jornal é inteiramente ocupado pelo armistício e as cerimônias das quais participa o 14^o R.I, que Marcel não conhecerá mesmo havendo cumprido desde o dia 4 de agosto de 19 toda a campanha. Nenhuma menção no Jornal do Regimento de seu ferimento ou de sua amputação (figura 6).

A lista dos feridos, desaparecidos e mortos não aparece mais nesse último volume e após essa data no Jornal do 14^o R.I. A última lista, sem contar os desaparecidos, cujos os nomes estão descritos aqui, mas cujos corpos não foram encontrados no campo de batalha, é aquela do dia 31 de maio de 1918 (figura 7).

37 *Op. cit.*, p. 36.

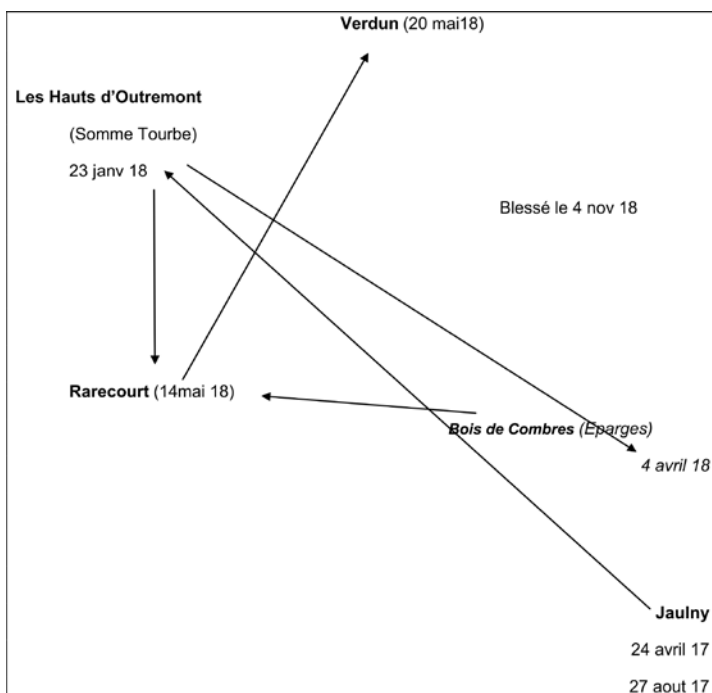
O CADERNO DE DESENHO DE MARCEL PENDANX

O caderno de desenho de cor marrom, manchado, de nosso avô apresenta-se completo e sem páginas rasgadas. O fio contém ainda as páginas do caderno central. Ele se fecha com um elástico e um estojo aberto continha sem dúvida o lápis. O desenho é horizontal e o papel é de desenho: ele comporta uma página de abertura com o título *En attendant...! Souvenir d'un coin tranquille* [Esperando...! Lembrança de um canto tranquilo e a assinatura manuscrita *M.Pendanx*. Mas, se o caderno é virado, na última/primeira página, podemos ler a palavra SORRISO escrita em letra maiúscula, em giz violeta cuja cor é retomada na página seguinte. São desenhos para sorrir nesse contexto de horror ou Marcel já havia decidido fazer desenhos irônicos em situações cômicas, quedas, ventania? (Figuras 8 e 9).

No alto uma flama, não o estandarte do 14^o regimento de infantaria ao qual ele pertencia, mas uma mulher com os seios desnudos, dançando, o movimento dos véus revela o corpo de seu perfil delgado. Esse perfil dançante com seus véus faz referência a Loïe Fuller (1862-1928), no *Folies Bergères*, mas poderia ser também uma referência a Isadora Duncan, mesmo se o gestual é bastante clássico aos olhos da nova dança livre que ela inventa.

Os desenhos foram realizados em um período bem curto:

- 24 de abril de 1917, em Jaulny
- 22 de agosto de 1917 em Jaulny
- Les hauts d'Outremont, em 23 de janeiro de 1918
- Bois de Combres (Eparges), feito em 4 de abril de 1918
- 14 de maio de 1918, em Rarecourt na região de Meuse
- Verdun P.C Scheinnitz, entre 20 e 22 de maio de 1918



A INSPIRAÇÃO DAS REVISTAS

Eric Deroo me aconselhou de forma justa a olhar atentamente as modelos das revistas *La Vie Parisienne* [A vida Parisiense] e *La Baïonnette* [A Baioneta]. Na revista *La Baïonnette*³⁸, desde 15 de julho de 1915, publicada inicialmente sob o título *A la Baïonnette* [Na Baioneta], um jornal satírico que publica desenhos caricaturais sobre os temas: “mamães, mirtilos, custo de vida, impostos sobre o rendimento, as máquinas de guerra, estrategistas dos quartos, os mercantilistas, os aproveitadores, as crises, os ricos, a fauna do *front*, os engenhosos, os inventores, os carrascos [les bourreurs de crânes]³⁹, os casamentos de guerra, os animais doentes da guerra, Paris da guerra, nossos feridos...”. Ponto de influência para os desenhos de meu avô que jamais fez de caricaturas, mas de desenhos de arte em crayon guache e em cores.

Com efeito, a revista *La Vie Parisienne* é a fonte de inspiração de seus crayons em guache. Criada em 1863 e desaparecida em agosto de 1914, *La vie Parisienne*, revista humorística e erótica reaparece em 5 de dezembro de 1914, com desenhos em

38 <http://labaionnette.free.fr/>

39 Nota da tradução: *les borreurs de crânes*, expressão criada pelos soldados da guerra de 1914-1918 para criticar a propaganda vinda da retaguarda.

cores e em preto e branco de mulheres desnudas que encorajavam os soldados. A beleza da mulher parisiense, francesa face à invasão alemã, é aqui exaltada através da moda: decotes, meias de seda, *frou-frou*, vestidos de renda.

Minha mãe mandou fazer molduras de dois desenhos. Isabelle, minha irmã, fez o scanner das imagens dos desenhos em crayon de meu avô Marcel Pendanx, aqui reproduzidos. Por muito tempo eu não sabia que se tratava de desenhos arrancados de seu caderno de desenho e que lhe acompanhou em suas campanhas durante a guerra de 1914-1918! Nesses desenhos, uma “ventania” (*Coup de vent le 24 avril 1917 Jaulny*), uma mulher com o vestido levantado por um carrasco, revelando sem erotismo indiscreto, os volantes. O tema é próximo do que encontramos na revista *La vie Parisienne* (Figuras 10 e 11).

O vento vai erotizar a mulher lá onde, na região do Meuse, ele resfria os corpos dos soldados. Sempre burguesa, envolta em casacos e revelada pelo *contre plongée* do olhar, a mulher deve oferecer o que o inverno nas trincheiras não pode fornecer a visão. A ventania é melhor que o tiroteio! (Figura 11- *La vase brisé, Jaulny, 22 aout 1917; Figuras 16*).

Le vase brisé [O vaso quebrado], pode ter sido inspirado no desenho “*un Accident*” [um Acidente],

de Leo Fontan, publicado na revista *La Vie Parisienne* em 1916 e que apresenta uma mulher que levanta sua saia para prender sua meia à cinta liga, com uma legenda: « *Voilà bien ma guigne! je perds mon bas au beau milieu de la Vie parisienne...* » [Veja minha falta de sorte! Eu perco minha meia bem no meio da Vie Parisienne...]. O desenho de Marcel levanta a saia até a linha do queixo para secar as lágrimas e assim mostra não apenas as pernas, mas o conjunto da intimidade. Em Jaulny, não muito longe de Toulouse, o erotismo do desenho alimenta o desejo, ultrapassando o traço da censura das publicações oficiais (Figura 19 - *Profil perdu Outremont dans la Marne 23 janvier 1918*).

A semana é calma como atesta o jornal do 14^o RI: “o inimigo não manifesta nenhuma atividade”, apenas “algumas rajadas de metralhadora à direita”, posições e movimentos ouvidos, mas não vistos da “forte patrulha inimiga” (Figura 17 e 18).

Marcel guardava os números antigos da revista *La vie parisienne* em sua mochila para usá-los como modelo de seus desenhos? O efeito da moda da mulher parisiense é uma fonte de evidência se comparamos os penteados e cortes de cabelos (Figuras 20 e 21).

A moda aqui é bem presente com a cabeleira ruiva e o chapéu, Marcel teve uma formação de

cabelereiro obtida antes de seu recrutamento. Seu desejo é constante nesses desenhos por mulheres de pescoço longo e cabelos presos em coques, a mulher francesa e parisiense não deseja nenhuma imagem da mulher do leste, nem de mulheres estrangeiras.

BOIS DE COMBRES (EPARGES) 9 DE ABRIL DE 1918

Não se passa grande coisa em Eparges, em 1918. O regimento está em acantonamento. No entanto, esse desenho é o mais singular da série, próximo ao retrato da mulher amada, Blanche, da qual podemos reconhecer os traços. Mas, o perfil estatuário encontra uma certa solenidade na Floresta de Combres, o lugar mesmo dos combates mais vivos como mostramos anteriormente. O perfil é quase modelado, sem dúvida sobre um molde, acentuando os traços do rosto e dos lábios (*Figura 24 - Pour une pelure d'orange Le 14 mai 1918 Rarecourt*).

Exercício da companhia no dia 14 de maio, mas Marcel se encontra em Rarecourt, oeste da região do Meuse. Aportamos aqui a prova de que Marcel copia exatamente o modelo encontrado na revista *La vie parisienne*: a casca de banana diante de uma casca de laranja. A qualidade da reprodução, tanto da postura quanto do olhar expressivo no curso da queda, poderia fazer crer em um molde aplicado sobre o

caderno. No entanto, nenhum traço sob o caderno de uma aplicação, mas sem dúvida um talento excelente para imitar exatamente o modelo (Figuras 26 e 27)⁴⁰.

Mesmo se a Verdum tudo estava mais calmo, como consta no jornal do regimento, Marcel se encontra em um posto do comando, como atesta a assinatura P.S. Scheinnitz, nomeado sem dúvida para a circulação do correio dos oficiais. Esse último desenho antes do ferimento, quando de uma retirada, resume a juventude e a beleza da mulher: ao mesmo tempo estética, testemunho de um desejo renovado e a vontade de criar uma outra cena que aquela da guerra.

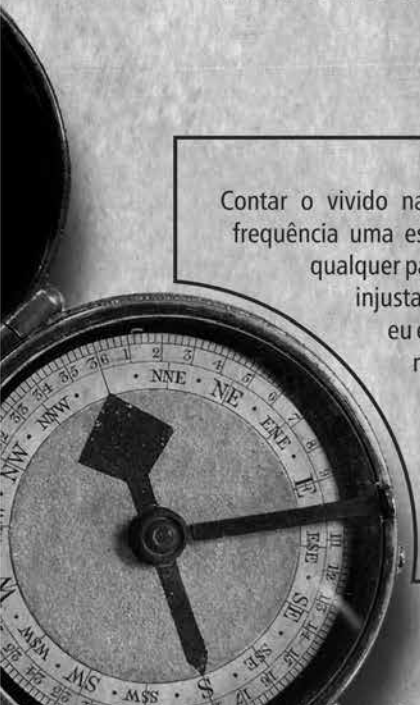
40 <http://www.google.fr/imgres?q=La+Vie+Parisienne,+1918,+France,+C+Herouard&start=358&um=1&newwindow=1&sa=N&hl=fr&tbm=isch&tbnid=o8UYc821hzHwMM:&imgrefurl=http://www.artflakes.com/en/products/la-vie-parisienne-1918-24&docid=v20>

SEGUNDA PARTE

JEAN, MEU PAI

Contar o vivido na guerra não é fácil ou habitual... há com frequência uma espécie de interdito, como se tivéssemos, em qualquer parte, vergonha de ter combatido por uma causa injusta!!! Claro, nós voltaremos a falar sobre isso ou eu escreverei...". 4 de setembro de 2015, e-mail de meu pai (Figura 24 – Carnê Militar de meu pai).

A Guerra da Algéria foi para mim um pouco abstrata" (Michel Serres, *Pantopie ou le monde de Michel Serres: de Hermès à Petite Poucette*, 2015, p. 41)





Eu escrevi em meu diário, no dia 10 de dezembro de 2015, o seguinte texto: “Porque meu pai não nos diz nada sobre a guerra, sua guerra. Ultimamente ele me diz que tem vergonha de falar a esse respeito, essa guerra seria, finalmente, vergonhosa”. O que não podemos dizer, faz-se necessário calar, dizia Wittgenstein ou, pelo menos, seria intraduzível em palavras. No mínimo ele queria dizer que o que não se pode dizer, formular, é algo sobre o qual não existe palavras para dizer. Ou ainda, no mínimo, ficando sob silêncio, alimentaria nossa crença que o pior teria certamente acontecido como lemos nas denúncias de tortura, relatos de guerra de um lado ou de outro. Como o silêncio de Merleau-Ponty diante do fato que nos torna impotente desses “ônibus repletos de crianças, praça Contrescarpe, em seu artigo no primeiro número da revista *Les temps Moderns*, *La guerre a eu lieu* [A Guerra aconteceu].

Talvez não haja nome para sua guerra? Porque ele recusou permanecer oficial no exército, se era bem colocado? Foi o horror da guerra? Meu nascimento precipitado em 24 de dezembro de 1959 lhe serviu ao mesmo tempo de álibi para o repatriamento a França e o ponto de passagem de uma vida sem filhos àquela da família. Não ter sido ferido, nem amputado como o pai de sua mulher (minha mãe) ou não querendo desaparecer morto, entre sua mulher tornada minha

mãe e a sua, viúva depois do acidente de carro de seu marido, o pai de meu pai, um avô desconhecido para mim, mas bem presente através da percepção de meu pai do que ele deveria permanecer em vida. Esse que manca, perna amputada do pai de minha mãe, redobra-se da morte do pai de meu pai, o que se transmite até mim, angústia de morrer antes de Louis, como relato na terceira parte desse livro, intitulada “Aplacado em minhas costas”.

Seu silêncio é longo? Devemos convocar nossos pais a uma transparência, a verdade seria consoladora? Nada dizer, já é dizer algo de íntimo, tão discreto que nada pode escapar, mas que reside em nós, escondido, incorporado. O corpo de meu pai teria percorrido o mapa, indo, no dia a dia das nomeações e missões, de um lugar a outro até nos reencontrar em Agen. A carta geográfica do pai, que ele me dirige através do seu carnê militar, como fez meu avô materno, assinalando em seu caderno de desenho o lugar de sua arte e a data das pausas de seu regimento. O deslocamento do corpo no espaço traça essa passagem de um combate a outro como de um lugar a outro: é ao mesmo tempo a rastreabilidade do movimento dos combatentes e a memória projetada sobre o mapa, uma forma sensível da qual restaria apenas a geografia, uma carta sem história, mas bem incorporada em suas memórias. Eu te mostro os

pontos sobre a carta, mas não te digo nada do que se passou comigo, em mim, do que permanece comigo, um em si sem para si.

Partilhar apenas o mapa, o nome das cidades nos projetando no imaginário, lá onde suas memórias os mantém em fantasmas ou os *djinnns*⁴¹ do deserto algeriano. Essa carta geográfica é aquela do sensível, ainda sentido hoje. A carta do pai me indica o caminho a seguir ou seria necessário haver menos errância dos caminhos, ponto a ponto? O barco, o trem, o avião, as marchas no deserto, manter uma posição sobre um afloramento rochoso, seguir o oleoduto. Conter-se no silêncio é ainda não dizer, o tempo virá.

Após o nosso encontro no dia 22 de fevereiro de 2016 e essas notas, meu pai me envia essa versão escrita:

De novembro de 1957 a março de 1960, 28 meses sob as bandeiras!

Ao fim de quatro meses de “classe” no 126° RI de Brive, eu fui admitido para seguir o pelotão de *EOR*, em Coetquidan.

Cinco meses mais tarde, eu saio com a patente de subtenente e escolhi ao *amphi-corps*, a nomeação no 4° *Zouaves*

em Bizerte (Tunísia), maneira de afastar um pouco a entrada direta no conflito algeriano.

Ironia do destino, tão logo cheguei em Binette (como civil e engrossando as fileiras, pois os acontecimentos de *Sakiet Sidi Youseef ainda eram bem presentes aos espíritos*) meu coronel me enviou a Alger (de fato a Ben Aknoun) para efetuar um estágio de formação como Oficial de Transmissões.

Dois meses mais tarde, em meu retorno a Binette, tomei conhecimento que nosso batalhão deixou a Tunísia pela Algéria. Estamos em fevereiro de 1959 e a meu pedido eu me junto ao 1º Batalhão do 4º *Zouaves*, instalado a Msila sobre os canteiros do oleoduto Hassi Messaoud/Bougie.

Dessa vez, em um massivo montanhoso, no topo de uma seção da terceira companhia entre *PK 61 et PK 69*, afim de vigiar e proteger o canteiro da SOCOMAN. Um mês mais tarde eu recebo a autorização para me casar e voltar a França por dez dias.

Em meu retorno a Algéria, meu coronel, tendo recebido nesse meio tempo meu dossiê militar, descobre que eu sou o oficial de Transmissões que ele esperava há seis meses.

Imediatamente ocupo-me, no Posto de Comando, da transmissão, deixada um pouco à deriva, havia alguns meses! Trabalho técnico de organização, de previsão e elaboração de um O.B.T (Ordem de Base para as Transmissões), renovação dos materiais de rádio, enfim uma verdadeira responsabilidade operacional que parecia a esse respeito encantar minha hierarquia, sendo-me proposto de “preencher” para preparar, eventualmente, a Escola do estado Maior... longe e mim essa perspectiva.

O Oleoduto chegou a Bougie, após uma escala em Akbou no vale do Souman, o batalhão junta-se o massivo dos Madid na região de Hodna e participa das operações de cerco, visando voltar ao fundo da *Willaya* 3 [divisão administrativa de países africanos e asiáticos], aquela do Coronel Amirouche, o qual aliás foi morto.

Ao longo desses meses de conflito, eu jamais tive a ocasião de dar um só tiro; como se eu tivesse por felicidade e por acaso, sem dúvida, passado ao lado desta guerra. É verdade que nosso batalhão jamais teve um contato direto.

Então eu não tive a visão diretamente da violência que, no entanto, desencadeava-se de parte a parte. Eu não tive a clara consciência das questões políticas, eu fui

embarcado nessa guerra injusta, como tantos outros, ainda sem saber dizer seu nome. “A consciência é sempre em atraso”, dizia Marcuse. Eu estava politicamente em atraso nesta cruel prova.... Foi assim... eu tinha 24 anos!

Oh! Claro que eu tinha, contudo, consciência do perigo permanente, notadamente quando devia partir em jipe a Setif para trocar materiais diversos ou em passagem durante desfile na vila de BBA (*Bordj Bou Arreridj*), onde um bom número de confrontos aconteceu, mas jamais foi o caso para mim em dois meses de vai e vem...

Uma única intervenção direta ocorreu quando em 25 de dezembro de 1959, por volta das 23 horas, um tiro alimentado de fuzis metralhadoras rega copiosamente e causa grandes danos em nossas barracas a partir da cimeira que dominava nosso P.C.

A réplica de nossa artilharia de campanha foi imediata e nossos aviões metodicamente localizados em pontos altos, os mais ameaçadores.

Nessa noite, você tinha um dia e, em razão desse nascimento, foi-me dada a permissão de re-atravesar o Mediterrâneo.

Eu deixei então Alger, Kairouan, em 1 de janeiro de 1960 e como restavam-se apenas

algumas semanas de serviço, fui nomeado para a CCAS (Companhia de comando, apoio e serviços) da caserna de Valence, em Agen, onde eu me ocupava da vigilância dos pontos sensíveis do recrutamento.

4 de março de 1960, “*rayé des contrôles*”, eu fui convidado a retornar para casa.

Uma página estava virada nesta “história de soldado” que me serviria 56 anos mais tarde quando a pequena criança, véspera de Natal, coloca termo a guerra e a minha guerra da Algéria. Cabe a essa pequena criança, agora grande, estabelecer, hoje, sua “carta do pai”... Obrigado... Professor!

Jean Andrieu, 28 de fevereiro de 2016.

No dia 22 de fevereiro de 2016, no sótão da casa de meu pai, com ele e sua mulher Eliane, procuramos esse álbum no qual meu pai me diz ter achado somente a capa. Eu estava persuadido que o álbum existia e que teria sido minha mãe que o teria confeccionado. Minha mãe me garante que não o tem e, afirma, sobretudo, que ele jamais existiu! O que pode conter esse álbum constituído no nascimento de nossa família a ponto que mamãe diz que jamais o viu, quando, com efeito, uma vez descoberto, vemos que ela o havia confeccionado, de forma idêntica ao meu primeiro álbum – recuperado quando do divórcio de meus pais! Sua história de amor,

sua juventude, o tempo do casamento, do primeiro filho, da viagem a Algéria, do nascimento separados um do outro pela guerra?

No sótão, uma caixa ainda fechada, escrito – como em minhas caixas de arquivos – “Manuscritos + VHS”. Eu tive o sentimento que o álbum ali estava, o íntimo não estava longe com esse estilo de menções sobre as caixas de mudanças, o documento em primeira mão, certamente, no interior. Eu a abro com meu velho canivete suíço e deparo-me efetivamente com fitas VHS, mas percebo uma cor ocre ou marrom como o couro de uma capa de livro. A mão mergulha, mas trata-se de um objeto mais longo, um envelope de papel madeira. Diante dos olhos estupefatos de meu pai e de sua mulher: “milagre”, ele exulta! O hábito de procurar nas caixas de arquivos me fez reconhecê-lo. Coube ao filho fazer aparecer a história de guerra do Pai. História jamais recontada, apesar das inúmeras solicitações.

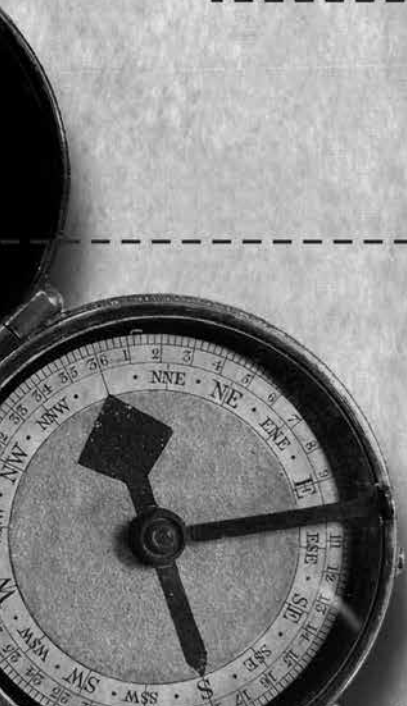
Tudo começa essa manhã, antes da procura física do álbum, por uma entrevista. Em bom uniforme, papai em seu escritório com suas notas numeradas a respeito do que enfim ele me diria sobre a guerra, sobre sua guerra. É também o relato de minhas origens, assombrado pelo encontro dos meus pais, seu casamento, sua primeira união que dará lugar ao

meu nascimento em plena guerra, ele na guerra, ela sozinha, em Agen naquele 24 de dezembro de 1959.

Minha mãe já estava grávida, sem dúvida de três meses, quando de sua ida a Akbou, na Algéria, dia 9 de julho. No hotel de Sahel, o olhar da data do casamento: 7 de abril de 1959, na ocasião da permissão de meu pai, entre 4 e 23 de abril. Por telefone ela me diz que foi um tempo no qual “nos amamos”, ela me repete várias vezes com uma intensidade jamais vinda de sua parte.

TERCEIRA PARTE

APLACADO EM MINHAS COSTAS





Até aquele momento eu nada havia percebido. Era como se a modificação de seu comportamento devesse me aparecer posteriormente. Amigos que vieram almoçar em casa no verão anterior declaram-me, após seu gesto, ter percebido uma falta de atenção ao presente, uma ausência de presença.

Devia ser o mês de agosto, almoçávamos no terraço, atrás da casa. Em julho, havíamos ganhado uma viagem a Londres ao responder a um jogo de uma marca de filmes fotográficos que consumíamos muito, desde o nascimento da criança. Sua ausência já estava lá. Eu percorri Londres com Louis, do zoológico ao tanque de areia do *Regent Park*, sem que ela jamais tivesse o desejo de segurá-lo, por uma ou duas horas, para que eu pudesse explorar uma livraria feminista mantida por um casal homossexual e que possuía todas as obras sobre a história do corpo. Eu procurei essa história quando ela devia se revelar já naquele momento.

Di Roberto, Philippe e Guy haviam percebido nesse mês de agosto o que permaneceu invisível, mas insuportável. Eu já lhe carregava sobre minhas costas até ficar com dor. Essa dor masoquista compensava sua languidez, sua deserção no *Harold's*. Eu não consegui mais vê-la muito preocupada com a disputa no tanque de areia de crianças inglesas que defendiam

seu território com golpes de bola escovando seu corpo. Um tal ódio me era inimaginável: como poderíamos delimitar um território inglês contra um francês de 3 anos, a ponto de termos que fugir sem conseguir responder a sua repetida questão: por que eles são maus?

Eu jamais soube porque os outros são maus, ou melhor, eu permaneci insensível a mim mesmo, na falta de me representar, ou melhor, viver sentimentos conscientemente. Podemos educar uma criança sem a sensação do mal, no mínimo, em sua existência? Ele havia sido protegido sem que nenhum malfeitor tivesse ainda sido introduzido em seus contos, histórias.

Após Londres, o mal foi introduzido na casa. Talvez ele já estivesse lá. Perceber o mal dos outros devia nos preparar para descobrir nossa própria maldade ou o mal que corrói os seres amados. Ele já havia caído, ela o havia deixado cair, eu o vi cair tão perto e tão longe, a alguns metros dessa distância assustadora da proximidade.

O sofá disposto no meio da imensa sala de estar devia delimitar a sala da porta de vidro. De forma oblíqua, a cozinha recentemente reformada. De sua mesa octogonal, uma vez, eu lhe dei as costas. Mas, seu olhar deveria lhe vigiar e, por essa antecipação

materna, prever a queda. Ao vê-lo cair, ela não podia mais lhe imaginar. Quando ele caiu do alto do sofá, eu compreendi que ela não mais o enxergava, que ela havia se tornado cega interiormente, seu espírito ocupado por um corpo ausente.

Em nosso primeiro apartamento, Residência Iraty, o tapete teria lhe protegido, mesmo que por duas vezes eu o tivesse levado ao hospital de Bayonne, no serviço de urgência pediátrica. “Você o viu cair?”, me pergunta o interno de plantão. Justamente. Nada vi, mas senti que algo não estava bem, sem ter outras provas da queda da criança. Eu não imaginei como sendo possível. Desde o retorno da mãe e da criança, seria preciso, como indicou o pediatra, não a deixar sozinha em seu quarto. Eu me deitei no carpete do corredor para vigiá-lo. Já profundamente angustiado, fonte do meu amor, de perdê-lo de vista, de vê-lo morrer antes de mim.

Hoje eu tomo todas as precauções para não morrer antes dele, para que ele não acorde uma manhã em nosso apartamento de Nancy, rua Isabey, e se depare com um pai morto. A geladeira plena de iogurte de baunilha e queijos acessíveis, a cesta de frutas composta de bananas, mandarinas, maçãs, para a fome imediata, a gaveta cheia de biscoitos em pacotes individuais. Responder ao telefonema

matinal de sua mãe, fechar a porta de entrada à chave, colocar seus sapatos, abrir garrafas d'água: pequeno manual aprendido pela repetição cotidiana de gestos, espécie de kit de sobrevivência, seguido em caso de morte do guardião. Aquele que tem a guarda deve manter-se vivo, ir, como me telefonou ontem à noite Francis, em direção à pulsão de vida, preferir a vida à morte, esses detalhes que mantêm a vida porque não nos sentimos mais seguros de ainda estar vivos.

Cada gesto cotidiano, repetido e memorizado, é um meio de Louis viver sem mim. Aprender cada dia a se desapegar, a viver sem mim, é decidir viver sem ele, de saber que ele partirá para lhe reencontrar, aquela que ele acreditava perdida. Ele por muito tempo a procurou, não apenas com os olhos, mas nele próprio. Eu observei essa ausência nele, na praia. Nós partíamos com frequência, ele e eu, na maré baixa, para encontrar alguém ou, pelo menos, caranguejos impossíveis de capturar ou estrelas do mar desgarradas. Eu sempre encontrei conchas, lá onde turistas passavam sem vê-las, mas somente percebi sua tristeza e sua ausência quando em um retorno desses passeios, ele olhava sua mãe, imóvel e cativado do interior, ao invés de fixar o horizonte marinho. Eu sabia o que ele tinha, por atravessá-lo a cada dia, por volta das 18 horas, tendo que tomar um banho quente, um aperitivo ou ir para a cama

para esperar que o sentimento de vazio não causasse mais sensação em meu corpo. Como um pai que crer ver em seu filho uma parte dele próprio, eu decidi ao invés de preenchê-la, preencher uma concha apanhada. Aplacado em minhas costas, ele me conta seu sonho: para te cobrir de areia na praia de Biarritz. No ventre, ao invés de aplacado em minhas costas, nesse corpo retornado de ambos os lados como para indicar meu estado, senão meu ser.

Ela não teria dado nada para pagar os impostos. Eu tive que vender o carro, viver com dinheiro em espécie, quase viver com nada (1 franco e 20 centavos no bolso), privar-me de todos os livros e jornais sem que Louis percebesse, *cinékid* por 10 francos ou falsos *legos*. Todas essas dificuldades me permitiram fazer o trio de minha família. Meu irmão me ajudou. Nossa família não tem sentido. Esfacelada e separada, ninguém mais no Natal, « nada mais será como antes », disse minha mãe. Essa crise terá salvado o essencial, encontrar o sentido da economia, separar-se do que é inútil, medir o quanto o sexo, o dinheiro e o poder estão ligados à orientação, intensidade e natureza de minhas relações afetivas. Haverá um amor desinteressado que não procura obter do outro alguma satisfação? Restaurar as fronteiras, delimitar meu dinheiro daquele dos outros, não viver jamais a descoberto, manter o segredo, sustentar esse diário

até quando eu partir e Louis o encontrar e tiver o gosto e o interesse de estabelecê-lo.

Nada é mais seguro. O vivo do interesse se mede na presença, no valor imediato da rentabilidade. A ascese e a privação econômica descontroem as ligações com os outros, do que falamos se o dinheiro, o sexo e o poder não estão mais engajados e engajam. Eu me interesso cada dia, ao olhar as temperaturas da meteorologia (7° a Nancy, 17° na cidade de sua mãe, Biarritz), pela justiça, o Bem e o Mal, o Perdão acordado ao outro, a impossibilidade de reconciliação, meu orgulho a manter sob princípios que ela não teria mais.

Todos esses acontecimentos me dirigiram em direção à profundidade. Como tocar e ser tocado, tratado de afeto e desafeto? Reconstruir-se parece fazer pouco sentido, assim, ao invés disso, religar-se aos outros pelo trabalho, a escrita, o comentário, tarefas materiais. Retomar pé da situação. A ausência, mais que a falta de dinheiro, fez descobrir o valor temporal, como já dizia Marx, do dinheiro. Cada franco é um presente no duplo sentido do termo, a garantia de obter a troca, uma presença, uma mercadoria, uma matéria. Cada compra, uma ligação intensa a fim de nos fazer crer, enfim, na presença do mundo.

Reencontrando o gosto pelos outros ao invés de sofrer por sua invasão. É conveniente de renegociar, de estabelecer fronteiras entre os lugares, os computadores, as correspondências, os segredos que não a concernem mais. Procurando em meus e-mails, imprimindo-os e entregando-lhes a seu advogado para montar um dossiê crapuloso contra mim, ela atingiu-me no vivo da questão. Que ela não dê nada, confirma o hábito, mas que ele tome de mim o que me resta, o que eu acreditava ser um eu mesmo, uma identidade primeira, um núcleo em torno do qual toda a escrita científica sobre o cérebro e o corpo é apenas uma superfície de sublimação, provoca um desmaio, esse momento físico e psíquico de desaparecimento de si pelo outro. Podemos matar alguém economicamente, mas mais ainda, expondo-lhe ao olhar da lei aquilo que seria considerado anormal, uma correspondência indicando um imaginário erótico intenso do possível.

Querer controlar, utilizar como chantagem jurídica o que acreditamos ser sua vida privada, priva-nos da vida, do que havíamos escondido dos outros, o que tinha se constituído como uma reserva, uma reserva de seu eu. Sua ausência de reserva em minha direção me precipita, isso representaria um mérito para legitimar essa escrita nesse diário. O direito nos dá todos os direitos?

Meu amor partiu com outro, com quem agora ela vive; descobrindo ele também nossa vida secreta. Eu o devia acolher em minha casa, uma vez que ela vinha visitar a mim e a Louis. Ela trocou um homem por outro. A vida nos lança em um tempo sem retorno; como conseguiria jogar sem compreender os jogos. Como eu, ele se inquieta que eu não vá mais a Biarritz e me pergunta se quando ele tinha 3 anos eu amava mamãe: “é minha culpa, eu o impedi de trabalhar”. Sinto um gosto amargo nos lábios ao retornar ao Sudoeste.

Em Biarritz, os sorvetes do Senhor Lopez são os melhores. Voltar sobre nossos passos para reencontrar o passado é uma ilusão. Os sorvetes do Senhor Lopez estão ainda melhores que antes. Privado pela distância, deambular ao longo da praia e definir um caminho sem conseguir segui-lo. O solo está lá, a evasão está em mim. Louis se dirige em direção à prainha, protegido pela maré baixa. As conchas de ouriço do mar ainda não estão depositadas. Ao fim da ressaca apenas as espirais nos espera. Os passos, como os outros gestos, reencontram seu lugar. Mas nada mais me atinge, impressão de jogar sem viver. Cada um me reconhece, mas nenhum apaziguamento se produz ao revê-los. Os novos proprietários de nossa casa cortaram o carvalho que eu tinha conservado.

Seria preciso jamais retornar para evitar a causa do sofrimento e não mais repeti-lo? O momento de partir é chegado, assim o passado nos imporá os lugares e as circunstâncias se continuarmos a manter a vida. O sofrimento não significa sua dor física, mas apresenta o vazio presente como uma necessidade a preencher. Nada disso ocorrerá.

Ainda tenho um lar, agora que minha vida íntima, privada, foi aberta ao roubarem e imprimirem meus e-mails? O limite foi ultrapassado. Acreditamos estar protegidos da obscenidade dos outros, mas essa transparência me deixa mais nu do que antes. Eu preservei um jardim secreto inconfessável e nada além da virtualidade de sua escrita teria provocado esse dossiê moralista contra mim. Lição de moral de uma amiga que já sabia de tudo o que deveria ser um pai, ela que deixou, ainda grávida, o pai de sua filha. O dossiê foi retirado três dias antes de sua apresentação em instância jurídica.

Ontem, primeira noite com amigos em um restaurante de *la Grande Rue*. Primeira saída também sem ele. Sua mãe ficou com ele graças à sua licença médica após o acidente com sua Mercedes e o choque de dois caminhões contra seu corpo e a torsão do pescoço. Sentado de costas para a sala eu consegui esquecer dos acontecimentos durante a conversa,

quando em um desvio do olhar percebo a mulher com quem eu saía junto de um homem mais velho. Ela, sua concubina. Ele, bem vestido, corpo laborioso e mãos musculosas. Eu a reconheceria, mesmo se jamais a tivesse visto, ainda que pelo seu desejo voraz de se jogar em meus braços. Ela não percebeu que a reconheci imediatamente. Ela já parecia dominá-lo, enfeitada com um colar, sem dúvida, oferecido na ocasião do dia de Santa Estela, nesta sexta-feira.

Quando ela me viu eu percebi a crispação de seu corpo, aquela do corpo acidentado da mãe de Louis, recusando-me a olhá-los de frente. Eu fiquei com ciúmes de vê-los juntos, de sabê-la tão próxima e tão distante do que havíamos sido e do que poderíamos ter nos tornado sem a dupla descoberta de nossa correspondência. Eu sofro por sabê-la tão infeliz quanto eu. Tanto orgulho a se perder de vista, lá onde a evidência de nossas experiências nos une para sempre. Nenhum de nós teve a coragem de cruzar os olhares. Depois ela desapareceu, após a sobremesa. Eu não os acompanhei, tomado pela conversa e pelo vinho. Eu não a perdi apenas de vista. A criança me esperava adormecida contra sua mãe. Ela também [a mãe de Louis], não o perdia apenas de vista, sempre envolta em seus pensamentos. Sua presença cotidiana não o deixa seguro como sua presença física. Seu cansaço diminui sua sustentação.

Ele me dá a mão, todo seu corpo se inclina para frente a ponto de nada enxergar da circulação. Ele a vê do outro lado da rua. Ele toma o partido da mãe com quem está sempre de acordo. É preciso se entender, ele me diz, viver os três. Talvez ele tenha razão! Por que ceder à ilusão de que eu teria razão? Cheio de orgulho, mas traído pela evidência da inclinação de seu corpo. E se o divórcio e essa guarda, após o abandono da criança por parte da mãe, tivesse sido um modo de separação para indicar minha impossibilidade de viver com a mãe, de lhe deixar um espaço, de querer ocupar todo o lugar. Esse profundo sentimento que a mãe me aprisiona, me sufoca, não me permite manter os laços. Sua maneira de montar em cima dela, sobre os ombros, pisando em seu rosto e sua passividade, sua paixão, pronta a tudo aceitar dele, para mim, é insuportável. Teria eu lhes separado para melhor juntá-los? Eu não consegui chegar até ela. Ele proveio de seu interior e deseja, com evidência, retornar por bem ou pela força. Ilusão paterna de propor o saber como contrapartida da experiência.

Sozinho no balanço, olhos em direção ao vazio, afastado do grupo. Será que é ele que se coloca sozinho, sua ausência está sempre presente nele.

Nada de ódio, mas nada de amor também. Da ataraxia tomada pela indiferença, a menos que

seja o contrário: seria necessário manifestar os sentimentos como indicariam os sinais amorosos. O amor existiria somente para se dizer. Não mais responder ao desejo do outro que acreditamos até aqui ser nosso sem saber o que desejamos. É machismo ou fobia, na falta de conseguir fazê-la gozar? Fazer gozar o outro, imperativo do homem liberado, grau mensurável do que seria a abertura de seu desejo ao desejo do outro. Eu não dou prazer. Seria necessário estar interessado por alguém ao invés de suscitar o interesse, converter o interesse suscitado em seu próprio interesse. Chegar ao desgosto dos outros, talvez chegar pouco a pouco, como após uma longa dieta, a renunciar, a reaprender a gostar. Levantar-se de manhã sem essa agrura intestinal que o café e o pão com manteiga tornam legítima.

Sua passividade empurra-o em minha direção, quando o declínio progressivo da fadiga o deixa andando em círculos, cada vez mais concêntricos em torno de mim. O contato é iminente, cada um sente a necessidade do outro para apaziguar e para se proteger, a menos que seja o contrário. A tristeza, mais que o cansaço, o atravessa. A consolação seria suficiente face à sua ausência? Em um curto instante eu hesito de lhe dizer a verdade sobre sua ausência, sobre minha incapacidade para ser a mãe, apesar de meu corpo que não é suficiente.

Mas, ao invés de permanecer nesse ponto, prisioneiro desse oco eu proponho uma leitura ou um jogo: ele sempre quer o mesmo, para medir seus progressos e os deslocamentos dos soldados coloridos sobre o mapa do mundo. Nenhum de meus soldados consegue permanecer de pé até o fim, todos os continentes são sua casa, nenhuma terra viável para uma eventual conquista. Depois, eu deveria ler o nome de cada um de seus países mesmo que ele os conhecesse decorados, um modo de verificar que pelo menos lá, na Terra, nada havia mudado. Ele não compreende, então, por que desde o oceano deveria ser Pacífico quando a Terra é fogo.

Se nada me toca, há o desejo exacerbado de tocá-la, de abri-la, de atingir o outro na proporção mesma de sua ausência tátil em mim. Intocável, eu era mesmo antes, desde que uma mulher me acariciasse, tornando insuportável o menor afloramento, transformando o toque em queimadura. Eu conservei essa intensidade na ejaculação bucal de meu esperma, escorrendo no curso do qual meu corpo queima inteiramente, engajando-me apenas no extremo, sem abandonar o resto, maravilhamento e inconsciência se conjugam com o abraço do órgão. Ponto de origem sensual ao invés de imediatamente atingi-lo sem etapas, passando da superfície à profundidade sem rolamentos.

O aconchego matinal de Louis contra mim em minha cama, sua maneira de sempre « fazer contato » como descreve sua mãe, tocando com seus pés frios uma parte do corpo do outro. Aconchegar-se lhe oferece uma escala sensorial múltipla a fim de não o deixar, como minha mãe nua e exposta, pela visão.

A ampulheta é transparente, preenchida por um líquido azul, sem dúvida, um óleo, sua gordura pesa o tempo. No momento de retornar ele me diz: “o tempo parou. Pare”. Eu lhe respondo que o tempo não parou, mas a medida do tempo. Mas, ele me segura o braço e me intima a parar. Na escola eles jogam um, dois, três sois e é necessário parar, senão o jogador é reenviado ao nicho. O tempo não escoo, apenas os corpos se movem e são cristalizados pelo olhar do outro. Parar, não mais confundir preguiça e tédio como diz Nani Moretti em *La chambre du fils* [O quarto do filho]. Eu não paro de trabalhar, de escrever sem jamais conseguir preencher o vazio ou, pelo menos, a angústia que me dobra em dois pelo ventre por volta das 18 horas, hora de preparar um banho de água fervendo. Confundindo o tempo com sua medida, ele me indica minha própria confusão e fuga. Ser movente sem degenerescência, conseguir permanecer o mesmo e no mesmo lugar, deslocando-se pela variação dos pontos de vista, dos objetos.

Ele me assimila ao tempo que passa, ele descobre que podemos morrer, que é necessário permanecer aqui, não envelhecer, bater o tambor recusando-se a crescer. No interior, o óleo não mais escoar, o azul do mar é estável, seria necessário nada mudar. Talvez fosse suficiente parar as ampulhetas para que o tempo não escoasse mais, ser contemplativo como sua mãe a fim de não deixar passar nada. Menos voltar ao que era antes que suprimir o que teria sido produzido entre o antes e o depois, assim o amor permaneceria sem usura pelo tempo.

Eu sou a ampulheta, aquele que mede o tempo, que o distribui, que organiza o tempo dos outros, como aquele onde Louis deve permanecer em seu quarto ou com seus soldados na sala de jogo. Engrenar o tempo, tornar-se ampulheta ao invés de viver o presente e a presença, reter o que escoar em mim de energia, de pulsão, a fim de se conter. Nada sai da ampulheta, o buraco assegura um circuito fechado dos fluidos, reciclagem das formas sem renovação da matéria. Corpos-ampulhetas dos preservativos, estéreis e fechados que não dão nada de sua matéria, seja por medo de vírus ou pela inquietude viral da presença dos outros. A obsessão do corpo da mãe nua, sua cabeleira negra sob o brilho do sol de Labastide, o avô amputado, mexe os fluidos de uma recriação perpétua. As formas e as composições do

óleo variam, fazendo crer em sua novidade, mas a viscosidade dessa areia é tão espessa quando aquela de meu creme interior no oco de minha mão.

Ele se entedia com ela. Ele tenta me telefonar quando estou na Alemanha. Ele me perguntou em sua mensagem: onde você está? Onde eu estou? Com ele, sem ele, fora dele, longe dele. Distância e proximidade do casal mãe-filho que não se basta sem o terceiro, a perda em si é certa. Eu senti seu desejo de se juntar a mim, que não poderia ir até ele. Sua inquietude transforma sua voz, torna sensível a ausência do interior mesmo da matéria do corpo. Espécie de voz branca e indiferente que se utiliza do telefone para se certificar de existir, como se para escutar que tudo está bem. Minha voz deixa-o seguro? Conseguiria ele encontrar um equilíbrio em sua sonoridade? O que ressoa nele deste abandono? Certificá-lo que eu não o deixaria cair? Meu fantasma da queda e de seu ferimento que forçou a vigilância, confundindo-se com antecipação.

Ele se mexe todo o tempo. Menos se sente a instabilidade, mais a inconsciência o conduz a agir. Mas essa atividade é tão desesperada que ele espera tudo do outro, seu olhar, seu interesse. Mais que em retirada, o corpo é jogado para frente em uma espécie de desequilíbrio, por defeito

de não se conter, os outros deveriam contê-lo. Essa passagem da retenção ao conteúdo levou dois anos sem assegurar a capacidade de seu corpo. Seu equilíbrio sobre a prancha, depois sobre os patins, contribuiu para uma estabilidade efetiva entre os dois mundos, o seu e aquele dos outros. Ou antes, tendo se tornado automóvel, o corpo consegue chegar até ele, proporcionando-lhe emoções pela velocidade e pela queda. Doravante, o desenho da ilha separa a terra e o mar, a bússola estrelada limita e traça um caminho que resulta em uma cruz central, lugar do tesouro menos perdido que designado. Situado no espaço e orientado em direção a seu tesouro, o aventureiro inventa seu caminho.

O medo da queda não é mais sentido por ele, mas pelos pais, na praça Stanislas em Nancy, sentados às mesas instaladas para o verão. Eu ainda sinto a ferida na profundidade de minha carne, como em uma parte de mim mesmo. Se ele saiu da mãe, eu conseguiria fazê-lo sair de mim, deixá-lo existir fora de mim? Proteção ilusória da precipitação, manifestação de uma presença, o movimento indica o grau de vitalidade de seu corpo. A modificação de sua tonalidade aumenta seu eco, impondo o gesto lá onde a palavra consoladora bastaria. O contato para ele confirma minha expectativa.

Ser tocado interiormente encontra na inquietude um apaziguamento provisório. Contemplativo, embriago pela cerveja, percebo minha preocupação por Louis, sozinho no chão, diante do Museu de *Beaux-Arts*. Os outros clientes nos olham. Eu percebo a malícia ao verem um pai se precipitar por nada, mas vejo somente ela impassível, rainha cinza do rei da Praça, ao invés de uma mãe atenta. Excesso de atenção poderia matá-lo uma segunda vez, difícil distância física a regularizar a cada instante entre o desinteresse maternal e a absorção autista. O prazer dos outros é também reconhecer que os outros têm prazer. Não apenas canibal, o amor poderia ser diferente? Manter a distância, conservar uma vida secreta, acordar sua confiança somente ao renunciar seus desejos, paradoxo de uma vida sem os outros a fim de não permanecer faminto. Esvaziado da substância feminina, os meninos, como ele nos chama, sem sabermos se se trata do sexo ou das duas crianças, reencontrando o segundo esvaziamento.

Seu primeiro dente caiu e a fada passou essa noite para lhe trazer uma moeda de 10 francos, com aquela figura ainda da égide feminina da República. O dente que empurra o dente, o sentido em toda parte, mapa, território sobre o qual Peru, Índia e Brasil aparecem. A viagem é possível sem o sofrimento do abandono, sem a certeza de encontrar

o tesouro. Eu sonho com uma nova mulher, com cabelos longos, como no quadro de Uria Monzon, representando minha mãe nua com seus cabelos negros, quadro vendido por ela a um vendedor de antiguidades, quadro perdido de uma representação de meu corpo. Eu a vejo todos os dias em meus sonhos, fonte de recomposição da mulher amada e, sem dúvida, amorosa. Ela alimenta minha força de viver, fazendo crer por meio de sua imagem em sua existência, diferente daquela de uma lembrança.

A memória volta em meus sonhos e ela me serve de bússola para definir o que eu desejo, o que seria um desejo pessoal se essa expressão tem um sentido, uma vez que é composto de imagens incorpóreas. Amar poderia ser outra coisa que desejar o desejo dos outros por nós? Ou pelo menos o que acreditamos ser. Por muito tempo eu acreditei que meus pais tinham desejo por mim, a ponto de lhes agradecer. A ilusão durou o tempo do casamento e dos concursos. Mas, as desuniões, as separações e os distanciamentos estendem o tempo do desejo em seu espaço. As indiferenças paterna e materna, a extrema solidão, a desordem econômica e a separação de todos os bens materiais me deixam, doravante, locatário da existência. É preciso ser proprietário de si mesmo e dos outros? Desejo de nada comprar por desgosto, refugio-me no cotidiano dos livros, da escrita, da música.

Seu jeito de me agarrar pelo braço e puxar-me em direção ao seu ventre, de agarrar-se, fixando as costas contra mim; seu jeito de acompanhar com o dedo da mão para ler cada palavra do livro. Sua vontade de antecipar minha adaptação ao presente, uma forma de captação mais que de contentamento onde o cansaço tem lugar de guia; minhas costas sustentando seu corpo que se abandona contra o meu, enroscado na concavidade formada por esse abraço. Esse prazer eu reencontro nele, lá onde eu havia buscado em sua mãe, na posição favorita de minha nudez vertical e fixada, onde suas costas se dividem, meu braço sobre seu pescoço, menos enlaçado que dobrado contra ela, único momento de apaziguamento e de abandono.

Estar nas costas, mas também sobre as costas, forma bem descrita por Michel Tournier, momento no qual o amor toma corpo sem conseguir chegar ao interior do outro, seja pela sua recusa, seja pelo seu desejo de estar apenas junto. Uma presença calorosa e energética na qual o essencial é se tocar sem acariciar, como para garantir que o outro não está ausente. Dormindo rapidamente sozinho no sofá, na falta, entre muitas, de encontrar uma forma de apaziguamento contra ela, eu acreditei esquecer esse gosto do tocar até sofrer por sua ausência. O que nos toca nos atinge, modifica inicialmente a intensidade,

mas também a certeza de existir separadamente. A incerteza de tocar nos lembra os outros depositados em nós: essa mãe intocável, mas espetacularmente tocante, voltando a mão sobre meu prazer ao invés do seu, ou antes, daqui em diante, afastando-se.

A escrita poderia bastar para juntar-se a ela, caso ela lesse esse desejo e suas colisões sobre minhas ideias e sobre minha existência. Esse corpo dispersado, esse corpo para si, essa carne tão procurada e fora de alcance. “Estamos divorciados”, ela me declara para explicar porque sua mãe não vive mais conosco a Nancy. “Quando eu nasci meus pais se amavam. Agora eles não se amam mais”. Fazer corpo na separação como ele o fez, contatando os pés contra o corpo de sua mãe. Ele busca meu olhar nos óculos de sol e nenhuma mímica e expressão do meu rosto conseguem deixá-lo seguro. O signo corporal não é decodificável, ele não o atinge, somente o olhar toca-lhe paradoxalmente. Forma de segurança, mas também união orgânica da presença como se não estivéssemos seguros de nada, nada parecendo bastar para prolongar a existência. Perder o contato seria perder o espírito.

A vida continuada. Eu consigo distinguir o bem do mal, separar-me sem sofrer muito. Juntos conseguimos preservar a paz e o futuro por uma

sucessão de questões indefinidas que ele me coloca. Em meio a todas essas questões sobre insetos, aviões, vejo-me obrigado a respondê-lo precisamente, convocando a enciclopédia. Saber por dois e mesmo por três, a tentação é grande em acreditar que podemos responder a tudo. Louis *Digimon* [Monstro digital]. Como se transformam todas as criaturas do espírito, todos esses vírus digitais que invadem nossos computadores? Viver nos transforma e transforma-se é viver, nada para, mudar de nível, de tamanho, de corpo. Não apenas envelhecer, mas reagir ao ambiente e tornar-se outro, ter em si a possibilidade de mudar de nível e de realidade. Refugiar-se no sistema *Digimon* para controlar seus nomes, suas definições. Esse controle do tempo da vida desenvolve nele uma comunicação com um outro mundo: “Não é a realidade”, ele diz, menos por lamento que por lucidez. A realidade nos transforma, tornamo-nos diferentes, seríamos capazes de ter vários níveis, por que envelhecemos ao invés de ascender à *digievolução*?

“Eu me perdo” ao invés de te pedir perdão ou eu te perdoar. Nada de acesso ainda ao perdão, a falta culpável está em seu corpo, nele. Desde que um copo quebrou sobre o piso da cozinha, ele tremia dizendo “não é minha culpa, papai, não fiz nada”. Agora, não conseguindo encontrar o caminho do labirinto

pelo dinossauro em direção ao vulcão, conseguimos nos dizer que não é culpa nem de um nem do outro, mas de meus óculos que me impedem de ver. Minha cegueira sobre a origem da acusação desencadeava minha cólera contra ele, meio de continuar o desejo da mãe, de colocá-la fora da questão. Conseguir o sentido de todas as suas provas teria facilitado essa lucidez para não mais me deixar levar. Não mais me deixar levar por ela é uma prova de desamor, dessa desafeição.

Eu acreditei ter agido bem, mantendo a acusação maternal sobre os objetos do cotidiano, a cólera confundindo seu desejo com a realidade das ações de Louis. Essa desproporção entre o que ela queria que eu fosse e o que eu consegui me tornar durou o tempo do luto. Perdê-la não apenas de vista, mas no desejo, na intenção de não ser destruído pela sua recusa à vida.

Triste pelo balão que escapou, um balão vermelho. Como na primeira vez, choroso e inconsolável no cinema pela performance de Tom Hanks em *Náufrago*: naufrago em uma ilha deserta, tendo como único companheiro Wilson e uma bola de vôlei perdida quando de seu retorno ao mar. Profundo sentimento de abandono, repetição traumática da separação materna, angústia

desmesurada que não desaparece. Eu ainda a sinto presente, subjacente, emergente em ocasiões de perda de objetos. Eu sou cada vez mais sensível a essa separação, em especial quando atravesso, eu também, esses estados de profunda depressão pelas perdas do passado. Esse sentimento de estar retido porque algo me escapa, de sofrer pela ausência lá onde a presença não consegue mais me assegurar, a falha situada entre dois continentes. Por que dois continentes se separam na Enciclopédia de *Babar*? O balão não estando mais presente, permanecemos lado a lado, partilhamos a existência sem conseguir existir como os outros.

Estamos condenados a desejar o que nos escapa? Os objetos são jogados sobre o muro do “doutor com quem falamos, não se trata do mesmo que aquele que nos curou”. Reviver a incompreensível e indizível desunião? Esvaziar ao invés de permanecer no vazio, desenhar a dispersão para, pelo menos, invertê-la na ilusão de uma totalidade reencontrada, estar na passagem, entre dois, no movimento, posto que nada poderia nos colocar em repouso, pois não havíamos podido, não podemos mais repousar sobre nós mesmos, nem sobre ninguém. Na falta de converter o oco em algo cheio, esse desenrolamento de si encontra em novos balões vermelhos o meio para evitar a gravidade, essa redução terrestre que nos sustenta e nos impede também de derivar infinitamente.

Neste inverno não seria necessário fazer um boneco de neve, pois ele derrete na primavera, é triste. Talvez seja necessário evitar a tristeza, não fazer o boneco de neve, o inverno não faz a primavera. O tempo é tão previsível, o ciclo das estações destrói o passado, por que lutar para fazer durar o que não dura? Inútil mesmo se apegar a construí-lo, pois nada dura como gostaríamos. A ilusão do boneco de neve não funciona mais, transformar a matéria não prova a perenidade e sua forma, a dinâmica da matéria é tão forte que nenhuma forma pode lhe resistir. A alegria não basta mais se a tristeza deve lhe suceder.

Empreender a construção, mesmo conhecendo a desapareição, já é estar na desapareição. Passar da desapareição à tristeza é melhor que derreter ao sol; ter construído com a neve e proibindo-lhe de viver além do inverno, ele teria passado somente o inverno. Não mais querer derreter e ser confundido a fim de chegar à primavera, a vontade de viver não é mais congelada pelo frio maternal. Tudo se aquece e se transforma, a mãe não é mais glacial, o clima familiar tem pelo menos duas estações. Nada de apatia, justo o essencial do tempo é daqui em diante incluído: não ser triste é aceitar não construir um boneco de neve, essa alegria prematura. Construir não mais sobre o que desmorona, mas sobre o que dura, não mais afundar na ilusão factiva e se ver

derretido na primavera, despossuído; na ausência de um em si, de um corpo, de uma forma consistente. A história de sua privação, de nosso desnudamento, nos teria feito menos vacilar que hesitar: a dúvida é acompanhada dessa lição da história de não mais querer ser um boneco de neve, talvez fosse mesmo necessário substituir as bolas de neve por azulejos, ele me precisa...

A cicatriz é transmitida fechada, mas ela se abre nele por causa dela, ele lhe oferece seu corpo como um mártir, sangrando interiormente como uma mulher que poderia ainda ser mãe. A cicatriz se abre em seu ventre, seu corpo ressona do sangue atravessado e perdido, esse que faz sair do corpo líquido a ligação, o afirma em definição e em voz alta, liberando o segredo de família. A ferida continua lá, ela permanece viva. A criança fala das cicatrizes de sua mãe, designando as chagas abertas que a fazem sangrar. Cuidar da mãe sangrando suas cicatrizes.

Ela me vira as costas. Do segundo andar da escada, eu observo-a fixada pelo silêncio de nossos reencontros, incapaz de lhe dizer. O espaço poderia ser menos vazio, bastaria descer para diminuir meu sofrimento, confirmando meu amor confiado havia pouco em minha carta. Seu corpo é tão vertical, não apenas achatado, como estendido pelo tecido

vermelho da saia que a aperta. Sem transparência, ela desvia o olhar. Eu permaneço invisível, voyeur e petrificado. Sua nudez é guardada daqui em diante no tecido de minhas lembranças, sua roupa permanece no interior. Minha condição escrita teria chegado tarde demais, ela está nele sem mim, lá onde sua ausência teria avivado a perda sem chegar ao luto. Ela está lá?

Faz três anos que sinto frio em meu quarto de Nancy. O aquecedor funcionou a noite inteira para lutar contra menos de 5 graus, nesse 11 de novembro. Meu tio Pierrot morreu no frio, sob morfina, em um leito de hospital em Toulouse. Na Bastide du Temple, com seu pai amputado, a cerimônia da pesca começava pelo carregamento do carro modelo DS Citroën. Meu tio Pierrot havia comprado o primeiro, sempre fiel à marca. O calor era tórrido, todo o material adaptava-se ao corpo do pescador; aquele do meu avô não poderia se assemelhar ao simples apoio das costas atribuído ao novato. A mala do DS estava organizada cientificamente: o lugar dos bastões conforme a largura, as sacolas repartiam as linhas pré-montadas que havíamos verificado na véspera sob o beiral da casa com venezianas verdes. A linha de pesca dobrada, o saco com as larvas. Meu avô subia à frente, engajando a perna, uma noite de 18 de novembro, alguns dias depois do 11 de novembro.

Do banco recuado, eu me aconchegava na traseira do carro, as pernas dobradas para o curto trajeto em direção ao rio Tarn. Lá, Pierrot elevava a DS conforme a necessidade do caminho, meu avô andava na frente, na estrada, sem material. Fazia frio na madrugada, Pierrot nos aquecia com um café matinal, conservado em garrafa térmica escocesa, que me queimava a garganta. O papel de milho da cigana aquecia aquelas de Pierrot e de vovô, eles aceitaram esperar o peixe *tanche* mesmo se haviam me prometido o peixe-gato viscoso e ardente que se debatia fora da rede mergulhada no rio.

Como aquecê-lo? Minha mão sobre seu ventre, cada manhã, para se abandonar na consolação. Três anos sem a mãe, a alternância de suas visitas não aquece, o coração é frio. Os fantasmas não estão longe, os barulhos do aquecedor os tornam vivos, sob o estalar atenuado das ripas do telhado recobertas de carpete. O que me queima e me consome sem chegar a aquecê-lo. Resfriando meu corpo, não suscita o desejo, lá onde minha carne gostaria de atingir, tocando o interior de uma mulher. Nós havíamos sido jogados do corpo da mãe, ambos prematuros, definitivamente inseguros do outro. O tocar consegue nos aquecer. Ele procura, sob a mesa de jantar, contato dos pés suspensos. O pai não pode ser uma boa mãe, seu corpo, embora bastante feminino, não retém o

calor, posto que não o produz. Nós nos aquecemos, medimos o inverno de nossos termômetros.

A perna amputada de Marcel se transmite, a guerra nos tomou um pedaço cuja matéria nos falta. O barulho de sua prótese sobre o piso do quarto – eu dormia embaixo, em uma cama no escritório – ressoa ainda em sua frieza mecânica. Jamais tocado, jamais visível, o ferro teria se tornado uma parte de mim?

Largado em minhas costas, não consigo me retornar. Seu peso tornou-se muito pesado, eu não o carreguei mais até a entrada da escola primária, daqui por diante é preciso caminhar sozinho. Retornar-me era ainda possível quando o passado pesava sobre nós, impondo a nossos corpos seu crescimento e deformações. A mudança de substâncias para emagrecer e fortificar, cada um retoma seu peso e seu volume. Sobre meus ombros, sua presença encontra o equilíbrio da marcha, meu corpo suporta o seu. Eu carreguei a repetição nos assegurando assim, como desculpa, a falta ou o impossível perdão. O tempo muda o corpo, dando-lhe um espaço mais intenso, a criança cresceu, impõe sua força, aplacado sobre meu ventre, como um judoca.

Eu me debato, tento me retornar, a contorção não o contorna, eu devo me confessar vencido, vivido. Sua presença pesa sobre meu corpo, ela provém

do interior. Exterior e vivo, sua forma espessa recobre meu rosto, eu gostaria de revirá-la pela esquerda, mas seu contrapeso exprime toda sua vontade de lutar, de não mais permanecer aqui. A vida se transmite, ela o anima. Plano sobre as costas, estrangulado, eu escapo à sufocação, protestando. “Eu vou te estrangular”. Matar o pai para lhe transmitir a culpa, inocentar-se. Liberar-se de um peso que não é mais o seu, fazer pesar sobre mim a responsabilidade, tornar mais pesada sua presença, enfim. Seu desejo de fazer o peso existe contra mim, não tenho mais a força de empurrá-lo, ele ocupa seu lugar fora de mim.

A janela deixa adivinhar somente as sombras na contraluz da sala de solfejo. O mestre de canto entona *Meunier tu dors* [Moleiro, você dorme]. Sua voz se reconhece facilmente. Ela não grita, não desafina. Ela está engajada no canto, o canto se vocaliza em todo seu corpo. As outras crianças seguem a medida lá onde ele antecipa por meio de um saber interior dos sentidos. O mecanismo se mantém. Frequentemente, ele respeita as mesmas frases, coloca as mesmas questões, eu o sinto vestir minhas dúvidas por seus automatismos para neutralizá-las. A semelhança não é adequada. Os sons e os sopros traduzem nossas aspirações. Nós inspiramos um ao outro. A perda ainda está lá, ou, pelo menos, o medo.

A alegria do canto vem de seu abandono na voz de um mestre interior, o qual gostaria de substituir àquele da lição de solfejo. Ele se refugia na tarefa, torna-se imediatamente o que o outro lhe demanda a fim de se conter, ao invés de se contentar no canto. Falar, ele fala todo tempo. Jamais o silêncio, ou melhor, às vezes, sempre em silêncio ele dialoga; mas, me mantém com frequência nesse monólogo de histórias repetitivas nas quais eu entro apenas quebrando o ritmo. Eu tenho o sentimento de não existir em sua linguagem, eu me apego ao conteúdo dos *Digimons* e de *Star Wars* [Guerra nas Estrelas]. Os deuses estão em toda parte.

Talvez seja necessário ter menos medo? O medo substituiu a angústia. O enraizamento dos outros no seu desejo revela a vaidade, pelo menos para eles. Os outros me escapam, eu os perco de vista, a força abandona-me para reencontrá-los. Antes, eu buscava em seu desejo o meu, chegando apenas ao interior do corpo. Eu não atingia meu coração. Doravante, eu perco os outros, como um destacamento. O presente se intensifica por esse destacamento, nada mais esperar dos outros, viver somente com Louis, deixar para ele o lugar que ele ocupa cada vez mais, desaparecer. A desapareição sempre me fascinou, não aquela de Hervé suicida, em desespero sob X este verão, enforcado. A desapareição é interior, a indiferença que

sucedem a diferença. A travessia paranoica do mundo exterior me confirmou todo o valor da interioridade, sua dimensão mental indefinida.

Ela está lá, acima do buraco, minha mãe me olha do alto de minha trincheira e essa escada que subo, na lama, molhado, revela as letras sucessivamente a cada batente: N.O.T.O.U.C.H.E [NÃO TOQUE]. Eu construí uma representação para me manter nesse interdito do tocar, de tocá-la, de tocar as mulheres, organizando uma vida monástica e ascética na qual ela diz: “sempre tenho algo a fazer”. Eu encontro um artigo a concluir, uma biblioteca a visitar, um tema inédito que renova meu olhar, tocando apenas a página dos livros e não mais as mulheres.

Devo apenas me tocar, gozar fazendo sair de mim a substância branca que eu queria ter levado para meu professor de biologia, à época do colégio, para lhe perguntar o que era. Algo sai de meu sexo e ninguém me dizia o que era, vem de mim, essa ausência de urina, pegajosa e esbranquiçada que parece conter um grão. Eu repito o gesto quando a tensão entre o interdito de tocar a mulher e a pulsão insustentável que encobre o cérebro de imagens de nudez deve encontrar um alívio provisório. Como se estivesse condenado a uma repetição estéril para não fecundar a mulher em seu sexo.

O plástico do preservativo me serve de última defesa, o álibi sanitário para uma falta de confiança e o medo do abandono. O medo do outro está em meu corpo a ponto de invadir a crença: eu acreditei, frequentemente, no que os outros me diziam, em primeiro grau. Suas palavras me tocam diretamente, eu não consigo mais distinguir o joio do trigo. Minha embriaguez deve ser ver como os outros me impressionam e entregam-me suas promessas.

Louis hoje é maior que eu, ou fui eu que diminui, me diminui. Eu busco um refúgio nos braços de mulheres distantes ou bastante engajadas que me pagam: caneta tinteiro, óculos, aparelhos fotográficos e outros, para, elas dizem, terem relações sexuais. O amor deve existir, ao meu lado, na casa dela, diz, a 400 metros de nossa casa. Ou mais longe, outras esperam, entre dois encontros, para nos reunir quando tudo me divide, me leva à dispersão do corpo, de minha família. Sempre a impressão de estar fora, fora de seu corpo, de não chegar até ela. Sem tocar, a mãe permanece nua no sol dos juncos da casa de meus avós.

Percebo que frequentei apenas umas trinta mulheres, em 30 anos, em três categorias: as virgens aterrorizadas com cara de Santa Mãe, as mulheres fálicas e autoritárias que me aterrorizam e aquelas

das quais eu fujo, mesmo se elas me aportam mais felicidade, aquelas de prazer. Eu recubro o presente com a presença de seus fantasmas, o passado evanescente de um objeto incerto, uma depressão anaclítica parece-me. Não mais voltar sem ter conseguido, nos braços de uma outra. Nenhuma quer mais me ver, mas elas estão todas em mim. Sem dúvida, elas conseguiram fazer suas vidas sem mim. Minha vida não se refez.

O gelo nos priva aqui de água quente, -15°, obrigatoriamente. Sob a água gelada, o vivo faz surgir sem que nem chá fervendo consiga me aquecer. O frio está no interior de meu corpo, nenhuma flama consegue reanimar o coração perdido. Nada me toca mais que o abuso de poder de colegas, desviando o dinheiro coletivo para si próprios, interditando a inscrição, em tese, a respeito de um tema que os incomoda. Eu consigo apenas dizer que não concordo, eu me viro e retiro-me, sem convicção e deixando-lhes o lugar.

O vivo me rasga o ventre todo inverno, dobrado em dois pela cólera, volto para casa, a ponto de não mais frequentá-los, seu desprezo me deixa doente. Montaigne cuida de mim na auto-saúde homeopática, a marcha na cura de ar e o refúgio cinéfilo na sala *Caméo*. Eu não consigo contê-la, nem me conter,

a mulher não está nem em mim, nem eu estou nela, o mito da complementaridade não funciona, ou melhor, eu me mantenho em um horizonte distante. Eu os cruzo em uma ocasião, com Christine, na cidade de Poitiers, sentada a meu lado, mesma pele, esse grão revira minha pele com o frisson do primeiro desejo.

Louis corre o *cross* de Vandoeuvre no Hipódromo. Ele começou o atletismo esse ano, ninguém o espera, ele vai terminar em último. Eu corro em sua direção, acompanho-o como posso, encorajo-o para que ele termine seus 3280 metros. Seu nome apareceu essa manhã, no Jornal *l'Est républicain*, na lista dos últimos colocados, orgulhoso de ler seu nome. No esporte o essencial é participar.

Cada um se serve, basta ser protegido em sua rede franco-maçom, na caixa de alocação do orçamento para criar suas coleções, sabiamente apresentadas e justificadas, fazendo subir as notas dos estudantes que os apoiam ou dos estudantes que desejam. Todo mundo vê, mas cada um apoia o outro no contra dom das trocas de favores. Recomendame, na comissão de recrutamento de um mestre de conferências, para “enviar o elevador”. Eu consigo votar para o melhor candidato, cada um vota, mas fazem a cooptação, obtendo apenas 2 votos dos 6. O conselho de administração invalida a eleição que

recomeça. Desta vez, prudentemente, excluíram-me da presidência da comissão. O candidato local me envia um e-mail, indicando-me que eu sou responsável por essa mancada e que está em cólera contra mim, tanto quanto eu sirvo de bode expiatório como aquele que impede o sistema de redes se reproduzir.

A ciência não interessa mais verdadeiramente, somente as relações de poder dominam para fazer saber. Onde discutimos na universidade? A carreira se faz eliminando os outros, mas qual carreira, aquela das ideias ou dos cargos? Podemos viver sem ser católico, franco-maçom, sindicalizado, de um clã ou de outro? Eu não consigo estar em uma rede, em um casal, finalmente. Eu permaneço fora na relação mesmo.

A cura de ar, sua escada, eu tinha visitado uma casa a qual renunciei porque era pequena, mas eu poderia reformá-la com o tempo. Eu repasso com frequência, passeando, um jovem casal vive nela com uma criança. É melhor, sem dúvida. Eu poderia acabar sozinho, sem o barulho da cidade. Aqui, eu consigo deixar minha presença anônima nas ruas, eu não chamo a atenção, eu sou muito diretamente tocado pelos outros. Eu não consigo mais discutir para manter o outro a distância sem ter a impressão

que ele me corta, de onde, certamente, nasce esse imaginário que serve de proteção fantasmática. Ao mesmo tempo, esse bálsamo solitário me afasta do outro, finalmente.

Retira-se em si, mas em qual si, como a vertigem sentida próximo dos 3.000 metros nos Pirineus, o vazio me atravessando o corpo, rastejando ao longo da crista, invadido por um medo perceptivo, reduzido ao espaço íntimo. Como esse gosto amargo de água da cura termal, em Bourboule, por volta das 7 horas da manhã. Esses fantasmas sensoriais estão em mim. Trata-se do mesmo eu que retorna ou dos momentos que me decompõem nesse corpo dispersado?

Ao menor problema, Louis vem me dizer “não é minha culpa”, repetição necessária da injunção maternal. Sair da responsabilidade pela desculpa, me diminuir diante dos outros, se colocar em segundo plano. Ontem eu parei meu curso, não tinha mais força de gritar para obter o silêncio dos alunos do primeiro ano da Licenciatura, eu não consigo mais negociar a autorização para ministrar o curso. Grande distância.

Meu apartamento seria muito pequeno para acolhê-la com seu filho, a dimensão da vida comum se resume em dispor de um quarto para si, como se o interior não bastasse. Repetição da casa de

Bassussary que jamais satisfazia, apesar do terraço ao sul e seu terreno, onde Louis brincava. Ultrapassar seu próprio passado para conseguir viver.

À sua mãe, eu consegui dizer que guardar dinheiro às nossas custas e em nossas costas, deixando-me sozinho para gerir a existência de Louis, havia me atordoado. Seu silêncio depois disso é ensurdecedor. Eu não compreendo bem onde deveria se situar o amor, a partilha, a comunidade. A linguagem basta para nos curar. Não ser amado para tentar, até o desespero, provocar o amor do outro, maneira de se precipitar no outro, na falta de tê-lo em si.

Não mais usar preservativo, seria necessário conseguir, confiando no outro? Enfim, percebê-lo como um agente de seu corpo ao invés de me submeter à sua subjetividade. Recompôr o espaço de meu corpo, como aquele de meu apartamento. Como deixar lugar para o outro?

Os fantasmas retornam em meus sonhos, eu comunico com eles como para encontrar respostas às questões de hoje. Como se eu conhecesse as mulheres apenas para torná-las fantasmáticas e poder, enfim, lhes falar, vencer o medo, enrolando-se no lençol em torno do corpo para adormecer nos braços do sonho. Eu alcanço certos fantasmas como David, François, Guy, Pierre, Gilbert nos prefácios a meus livros, sem

ter passado a idade para esse tipo de autorização para escrever.

Eu me mantenho na linguagem, eu descubro que somente a linguagem me serve de intermediário com os outros corpos. Ela diz me ensinar essa comunicação social, pois eu não consigo tocá-la, ainda que ela me atravessasse infinitamente. Louis, para os seus 4 anos, me levou ao grande oito do parque da Praça Carnot. Desde o começo eu fechei os olhos, a vertigem está lá como em minha infância sobre a passarela que atravessa o rio Garonne até Agen para encontrar Renaud, meu amigo, à beira do canal. Eu sentia apenas os saltos, meu corpo se elevava da poltrona nas curvas; a última curva me reenvia para o avião militar *fouga-magister* do meu capitão Velluz, no serviço militar, que pensava assim me recompensar pelos meus cursos de francês no concurso dos Oficiais, sobre Gide, justamente.

O que me vem é a doçura e a brancura de sua pele tão visível quando ele veio me encontrar, em seu quarto – quarto que ele havia me proposto, por conta da hora tardia e solitária em Paris –, embora eu não pudesse tocá-la. Eu não consegui tocá-lo, covardia, medo, perturbação da relação, refugiando-me no carpete, assombrado pela situação sodomita possível, toda a noite. No dia seguinte pela manhã, ele ria de

mim com seu secretário, meu trabalho era muito ruim, seria necessário refazer tudo. O dicionário do corpo que eu lhe propus o fez rir também. Por que eu não me tornei homossexual, como ele, a ponto de juntar-me a ele, pois, evidentemente, eu os atraio. No terraço sobre o canal, eu tomo consciência que ele deseja mais meu corpo que meu espírito, finalmente seria isso que deveria ser o melhor de mim e dele?

Finalmente, ela não virá viver conosco. Ela me confessou seu medo, sua hesitação, invocando a falta de espaço, a ausência de espaço para ela. Teria eu deixado tão pouco espaço em nosso apartamento, em mim mesmo para o outro? A força a abandona finalmente, ela poderia me atrair se minha força viva não a evitasse suficientemente em seu torpor.

Sobre o canapé, Louis ocupa todo o espaço, ele é maior que eu agora, mas ele me toca com seus pés, como fazia quando era pequeno para adormecer, ele fazia contato. O contato é transmitido mesmo no defeito, sem chegar a preencher, jogo de distância.

Confiar em Louis que parte em sua bicicleta ao parque Sainte-Mairie até a Praça Stan, o medo de lhe perder, de vê-lo morrer antes de mim, finalmente, é o medo principal de minha vida, de não conseguir morrer antes daqueles e daquelas que me amam e que eu amo. De fato, ele partiu para *Voyage au bout de*

la nuit de Céline. Semana passada ele me pediu para lhe comprar *Les racines du ciel* e les *Bienveillantes*. É verdade que seu primeiro livro, *Pastilles jaunes*, rendeu-lhe, da livraria *l'Autre rive*, 98 euros.

CONCLUSÃO

A carta do Pai nos orienta na filiação: escrevê-la para não reproduzir é uma necessidade para se libertar do pai e de seu desejo pela filosofia, quando seu próprio pai, morto em um acidente de carro, o convocou a renunciar a Universidade para fazer seu próprio caminho da Algéria ao Conselho Econômico e Social. A dívida do pai jamais é quitada. Ela nos conduz ao lugar cego para iluminar nossa existência.

No entanto, são essas *Miettes* [migalhas] a partir das quais Philippe Artières estabelece a história infra ordinária? “Registrar os acontecimentos de fraca intensidade”⁴² nos engaja em um trabalho de recomposição, senão de imaginação, tendo como únicos arquivos um caderno de desenho, um álbum de fotos da Algéria e o mapa do oleoduto. “A história potencial”⁴³ não é, sem dúvida, aquela reconstituída aqui, forçando nossa imaginação diante do silêncio de nossos pais. Não pretendemos aqui, em razão, aliás, da descontinuidade do corpo vivo, nos colocar em seu lugar e restabelecer o que seria a verdade! O historiador, indo ao “fundo”⁴⁴, atravessa os relatos

42 Artières P., 2016, *Miettes. Eléments pour une histoire infra-ordinaire de l'année 1980*, Paris, verticales, p. 10

43 *Idem*, p. 8.

44 Artières P., 2016, *Au fond*, Paris, Le seuil

familiares e sociais, o íntimo surge nas aberturas do relato familiar, dos álbuns e dos fantasmas.

Se “No corpo de minha mãe”⁴⁵ delimita do interior de meu corpo os traços e emoções de um inconsciente visual, “A carta do pai”, desloca o espaço do corpo próprio para a pele do mundo. Nessas “excursões na zona interior », Paul Auster não escreve apenas a crônica de seu corpo, mas sobre “como você se torna uma pessoa capaz de pensar e, uma vez que você não é capaz, onde seus pensamentos são levados?”⁴⁶. Estendida por sua concavidade, a pele de meu corpo torna-se o tambor do mundo. As ideias do corpo dos pais, que eu retirei de seus corpos sem saber, são o reflexo de minha percepção inconsciente. O que se tornaram as ideias de meu corpo?

O que de mim ou dos outros fala em mim? Eu estou autorizado, em seu nome, de continuar o que eles não puderam dizer? Uma escrita assim situada não nos preserva de uma autenticidade reencontrada. Ela coloca à prova as possibilidades emersivas da linguagem, que extrai na percepção viva. Essa emersão côncava não pretende a exaustividade a partir de seu espaço corporal vertiginoso. A escrita emersiva não é

45 Andrieu, B. *No corpo de minha mãe/ Dans le corps de ma mère*, édition bilingue, Natal, IFRN, 2015.

46 Auster P., 2014, *Excursions dans la zone intérieure*, trad. Pierre Furlan, Paris, Acte Sud Babel, Ed 2016, p. 11.

como descreve Freud, no caso do Presidente Schreber, “a tradução do modo de expressão paranoica em modo de expressão normal”⁴⁷.

Sustentando-se, no melhor dos casos, em suas bordas tangentes, a escrita não abraça o sujeito. Ela se deixa aberta, contida, mas indefinidamente ecologizada pela porosidade da estrutura de seu vivo. A escrita de meu diário ou a difícil reconstituição das guerras de meu avô e de meu pai, na ausência de arquivos e da palavra partilhada, interdita o acesso à fonte original e alimenta o imaginário.

Esse imaginário vem preencher o medo, tão caracterizado por Freud, na neurose obsessiva do “homem aos ratos”: sua doença consiste principalmente em apreensões; “ele teme que aconteça algo a duas pessoas que lhe são muito caras”⁴⁸. A dissimulação de meu estado, antes e durante a cura, pode encontrar nessa escrita um meio “para exprimir seus pensamentos mais secretos, a linguagem dessa neurose é apenas, de algum modo, um dialeto da linguagem histérica, sendo que ela é mais próxima da expressão de nosso pensamento consciente que àquele da histeria”⁴⁹.

47 Freud S., 1954, *Les cinq psychanalyses*, Paris, PUF, Ed. 1984, p. 285.

48 Freud, S., *op. cit.*, p. 201.

49 Freud S., *op. cit.*, p. 200.

“Esse caráter de imprecisão típica”⁵⁰ dá ao relato essa imprecisão tão necessária à compreensão da emersão côncava. Mas, é também a dúvida que interfere em mim, diante dessa impossibilidade de estabelecer o que se passou entre minha mãe e meu pai, entre minha mulher e eu, entre mim e os outros em geral. “Aquele que duvida de seu amor tem direito de duvidar, deve mesmo duvidar de todos os outros, valor menor que o amor”⁵¹. A emersiologia tenta “compensar a dúvida e corrigir os estados de inibição intoleráveis dos quais a dúvida é testemunha”⁵².

A emersão côncava é uma “defesa que se efetua no meio da deformação que sofre a obsessão antes de se tornar consciente”⁵³. No intervalo entre a situação patogênica e a escrita emersiva dos traços vivos em mim, não se reduz, contudo, a deformação.

O efeito da estrutura côncava sobre os outros e sobre minha saúde torna-se mais consciente sem se desconstruir inteiramente. Fazer sair o conteúdo da experiência é negar o processo de identificação com a imagem do pai. A percepção côncava, tão próxima da forclusão, é esse esforço psíquico de negar a

50 Op. cit., p. 204

51 Op. cit., p. 256.

52 Op. cit., p. 257.

53 Op. cit., p. 259.

imagem do pai e ao mesmo tempo ultrapassá-la para ter um lugar no mundo. Essa imagem do pai favorece também a integração da pessoa. Na relação pai-filho há também a mãe, aqui se lê também a viagem da minha mãe à Algéria.

Para Winnicott, para essa criança o pai é ao mesmo tempo o parceiro de sua mãe e a criança a terceira pessoa. Reconhecer-se como filho mais velho e amado tornou-se essencial para minha construção psíquica: “a criança saudável falha, em certa medida, para tolerar os conflitos e as angústias”⁵⁴. Se a emersão leva à consciência o inconsciente, ela procura formas descontínuas e inéditas para o sujeito mesmo. Esses *émersens* atravessam os traços mais que os redesenham.

Il faut laisser au malade le temps de bien connaître cette résistance qu'il ignorait, de la perlaborer, de la vaincre et de poursuivre, malgré elle et en obéissant à la règle analytique fondamentale, le travail commencé. Ce n'est qu'une fois arrivés au bout de ce dernier qu'analyste et analysé, grâce à leurs efforts conjugués, parviennent à découvrir les motions pulsionnelles refoulées qui alimentent la résistance.

*Freud, S. (1914). R
émémoration, répétition, perlaboration*





**LA CARTE DU PÈRE
SYSTÈME DE RÉFLEXION CONCAVE**

BERNARD ANDRIEU

PRÉFACE À BERNARD ANDRIEU : *LA CARTE DU PÈRE*

Ce que vous allez lire ne compose surtout pas des *Mémoires* ou des *Souvenirs*. Il s'agit plutôt d'une quête qui prolonge les travaux entrepris par Bernard Andrieu depuis plus de trente années, quête ici un peu particulière puisqu'elle met plus en avant, ou plus officiellement pourrait-on dire, le chercheur et le corps du chercheur dans l'objet de sa recherche. Mais pourquoi donc une telle démarche, d'autant que l'idéal supposé du chercheur ou du savant est justement de s'abstraire, de se faire le moins présent possible ? Eh bien, parce que cela n'est qu'un *idéal* et y prétendre relève d'une sorte de défi qui semble humainement impossible : peut-on vraiment s'exiler de soi, regarder et penser le monde sans aucune *doxa* ou vision-du-monde, sans aucun *a priori* ? Cela semble impossible, alors autant chercher les variables personnelles qui influent et orientent nos pensées et perceptions.

D'ÉNIGMATIQUES QUESTIONS

Cela nous vient parfois lorsque l'on est saisi par une forme de questionnement quant à ce que l'on est, et ce que l'on fait aujourd'hui : d'où cela vient-il, comment cela s'est-il dessiné en nous ? Il y a-t-il un

plan ? Ce qui sous-entend que, si l'on sent bien que c'est en nous que cela se passe, l'origine n'en reste pas moins mystérieuse et l'on aimerait en attraper le sens, qui est pressenti et ressenti comme prédéterminant. Mais à se retourner sur notre parcours d'existence, rien, ou si peu, vient faire écho à notre question... L'énigme se déplace alors : si ce n'est en nous qu'il y a réponse, serait-ce du côté des lieux que nous avons parcourus, de gens que nous avons croisés, et, *in fine*, de nos parents et ce qu'ils nous ont transmis ? Soit l'hypothèse que leurs destins auraient produit le notre. Mais cela reste bien obscur, et quitte à faire dans les généalogies, cela ne répond pas.

Si nous connaissons plusieurs de nos « moi », plusieurs aspects et registres de notre existence, ils ne répondent pas non plus à la question et cela nous laisse bien en peine quant à ce qui a formé notre « je⁵⁵ » ? Un « je » qui est *supposé* connaître notre orientation, voire notre destinée, une sorte d'épine

55 Je reprends ici l'opposition que fait Nietzsche entre le « je » et le « moi » pour qui ils entretiennent des « rapports véhéments ». Et seul un tiers permet de sortir de ce rapport conflictuel que l'on entretient avec soi-même. Voir Friedrich Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathoustra*, § «De l'ami» : « Je et Moi sont engagés dans un dialogue trop véhément. Comment serait-il supportable, s'il n'y avait l'ami ? » [...] « Pour le solitaire, l'ami est toujours un tiers; le tiers est le flotteur qui empêche le dialogue des deux de sombrer aux abîmes. »

dorsale ou mieux encore de *fil rouge*⁵⁶ : car, dans les moments où l'on se retourne sur notre existence, l'on *sent* bien qu'il y a un fil directeur, mais qui ne cesse d'échapper à notre maîtrise – à moins de se raconter quelques histoires -. Quelle est l'origine de notre fil rouge ? D'où vient notre passion, ce qui nous organise et oriente, parfois de façon impérative ?

Ainsi, du psychique (philosophique) au corporel *via* le cerveau (tel un tiers passeur, entre psyché et soma), voici un trajet que Bernard Andrieu a fait (et continue de faire), mais qui a fait aussi Bernard Andrieu : pourquoi celui-ci et pas un autre ? C'est sur ce chemin – et cette quête – que s'engage et qu'il nous engage, d'abord avec *Dans le corps de ma mère*⁵⁷ et maintenant avec celui-ci, *La carte du père*.

56 Métaphore de Goethe, in : *Les affinités électives*, Folio - Gallimard, 1980, partie II, chap. 2, p. 181: « En Angleterre tous les cordages de la marine royale sont traversés par un fil rouge qu'on ne saurait faire disparaître sans détruire le travail du cordier qui ne les a enlacés ainsi, que pour prouver à tout le monde que ces cordages appartiennent à la couronne de la Grande-Bretagne. C'est ainsi qu'à travers le Journal d'Otilie règne le fil d'un tendre penchant qui unit entre elles les observations et les sentences, et fait de leur ensemble un tout qui appartient spécialement à cette jeune fille ! ».

57 Bernard Andrieu, *Dans le corps de ma mère / No corpo de minha mãe*, Ed. bilingue Français/Brésilien, traduction et préface de Petrucia da Nobrega, Ed. UFR Natal.

L'ESPOIR ET LA QUÊTE (MYTHIQUE) D'UN LIEU, OBJET-SOURCE

Dans cette quête, la pensée première est souvent celle de l'existence d'un lieu, d'un événement, qui feraient date, sens, et enfin, plan ou destin. Cette pensée est séduisante car si cela est ainsi, alors nous pourrions éprouver une certaine maîtrise quant à ce qui nous guide, et surtout la satisfaction d'une unité de soi : « ah, tout vient donc de là ! ». Ce qui nous montre aussi combien nous cherchons un sens, certes, mais un sens *unique* (toujours par souci que cela soit maîtrisable) en une scène unique. Alors que le plus souvent c'est dans les petits détails, les fragments, que quelque chose se fait entendre.

Nous voici sensible à l'idée d'une géo-localisation de notre histoire, ou encore la recherche d'un contexte. Mais cela supposerait l'existence d'un lieu particulier où se noueraient et figureraient une existence et un sens. Cela relève en fait d'une pensée magique et animiste que de croire que c'est le lieu ou l'objet qui recèleraient en eux-mêmes le sens... « Je suis passé par là, je suis né ici, etc. » Oui, mais alors ? L'on retrouve ici la croyance que le « d'où » (je viens, je suis) dirait quelque chose du « qui » (je suis, j'advies) : c'est-à-dire que le lieu (qui est connu) est supposé être ce qui donne une identité

à l'être (qui est inconnu, et qui le reste). Bien sûr, nous sommes les enfants de notre siècle : cela ne détermine qu'une forme externe (modes de penser, de dire, etc.), mais ne dit rien de l'être interne.

Cette forme d'hypothèse est poussée, propulsée par l'idée qu'il existerait une prédétermination externe, un « mythe de l'origine », soit une autre variante de pensée magique qui suppose qu'une entité pensante a prédestiné notre existence, ce qui à la fois rassurant (quelqu'un ou quelque chose veille au-dessus de moi et me pense) et angoissant : il n'y a donc pas de libre arbitre...

Pour exemple, Bernard Andrieu nous rapporte l'histoire, et son histoire, avec ce grand-père qu'il a toujours connu amputé, « souvenir » de la Grande Guerre 14-18. Mais cette marque sur le corps indique-t-elle un lieu (« j'y étais »), marqué dans le vif du corps par un membre absent et donc bien plus visible : l'on serait tenté d'y voir là un point de départ quant aux recherches du petit-fils. Mais de cela, le grand-père n'en dit rien, ce qui laisse l'enfant comme « à l'extérieur » et livré à ses propres pensées.

Mais il y a un autre élément, bien moins visible, un carnet de dessins que le grand-père fit lors de cette guerre : serait-ce là que se dit quelque chose de plus intime, de plus intérieur, un « je suis » indiqué,

presque susurré, par ses dessins qui, tout en étant produits en ce même lieu de la guerre, disent quelque chose hors lieu, mais bien plus masqué ? Là aussi, le silence sur ces dessins érotiques (qui ne seraient pas sans destin sur sa fille et son petit-fils, voir *Dans le corps de ma mère*), le silence donc dit qu'il ne dit pas ce qu'il est, et non là où il était. Voire, ce que dévoilent les dessins voile encore plus l'auteur... soit le jeu habituel de toute représentation : elle indique d'une part, mais masque d'autre part.

Ces énigmes, si elles ne sont pas dévoilées, n'en reste pas moins motrices quant à la pensée, et confortent, entre autres, le corps comme *topos*, mais un *topos* dynamique, mouvant, avec sa mémoire et son langage propre, non verbal.

C'est ce que nous montre Bernard Andrieu.

LE MOUVEMENT, INSAISSABLE ?

Qu'est-ce que cela dépose en nous, qu'est-ce qui est en quête ou enquêté ? En tous cas, cela met en mouvement, ce qui est en opposition avec la quête d'un lieu (la guerre), d'un objet (le dessin, la jambe) : ces lieux sont des points de départ, leurs figurations, mais le sens n'y est pas. Alors, peut-être bien qu'il est dans le mouvement, le « chemin » qui nous fait en le

faisant⁵⁸, ce qui fait écrire à Bernard Andrieu : « le chemin plutôt que la station ».

Alors, ces énigmes, sont-elles regrettables ou nécessaires ? Par exemple, qui est cet homme qui se tient caché derrière notre père, qui est cette femme cachée derrière notre mère ? Derrière ces figures familières vivent des humains mystérieux dont on ne sait rien et dont on entrevoit un fragment lorsque, par exemple, l'on fait le tri de « leurs affaires » après leur décès.

Quel est leur intime ? Est-ce cet inconnu qui fait destin pour nous (parce que nous ne saurons pas ou si peu quels furent leurs intimités), ou bien est-ce la quête même qui fait destin en ce qu'elle nous mets en chemin ? En tous cas, ce sont les silences, les manques, les creux, qui, là encore, sont opérants.

QUI SUIS-JE ? QUI JE ? OU L'ÉNIGME NÉCESSAIRE ?

Le mouvement de la quête, et on le sent à la lecture de *La carte du père*, et des pères, passe ici par l'écriture dont Bernard Andrieu nous dit qu'il s'agit là d'écrire pour ne pas reproduire, c'est-à-dire s'extraire

58 Voir Katmandou, Compostelle, etc. et autres voyages dits initiatiques qui mènent le plus souvent à la découverte d'une partie de soi, quelques que soient les lieux de départ ou d'arrivée.

des prédéterminations, se délivrer (par exemple de l'idée de dette qui ligote, voire, aliène). Écrire, non pas pour rembourser, rendre hommage, etc., ce qui ne ferait que *Souvenirs* ou *Mémoires*, mais pour prendre conscience et sortir des répétitions inconscientes : c'est-à-dire perlaborer, faire émergence.

Par exemple, saisir que nous sommes imprégnés du mode de penser maternel, d'un mode de penser paternel différent, et d'ainsi dégager pour inventer sa propre pensée : ce qui permettrait là de répondre à des questions telles que : qui écrit et sur qui ? Qui de moi – ou lequel de mes moi – ou d'autres en moi, parle en ce moment ?

Perlaborer pour percevoir que c'est quand même un individu qui crée un sorte mélange personnel des héritages, thèse que Freud justifiait souvent par une citation de Goethe : « Ce que tes aïeux t'ont laissé en héritage, / si tu le veux posséder, gagne-le. »⁵⁹

C'est ce que fait, dans ce texte, Bernard Andrieu.

59 J. W. v. Goethe, « *Was Du erbt von Deinen Vätern hast, / Erwirb es, um es zu besitzen* », in *Faust I & II*, Paris Flammarion, Paris 1984, vers 682-3 de « La nuit » ; aussi traduit : « L'héritage qui t'est venu de ton ancêtre, / Il te faut l'acquérir pour le mieux posséder. » Ou encore, « Ce que tu as hérité de tes pères, / Acquires-le afin de le posséder. » Chez Freud, voir : *Totem et tabou* (1912-1913), *Pour introduire le narcissisme* (1913), *Abrégé de psychanalyse* (1938).

POUR CONCLURE...

Il y aurait deux types d'autobiographie : celui des « moi », donnant un récit de fragments, et celui du « je », à visée plus unitaire ou linéaire. Dans le meilleur des cas, l'autobiographie offrirait une scène où, en déployant les aventures des « moi », on tente d'en trouver le dénominateur commun, quelque chose qui pourrait enfin s'écrire « je », un *fil rouge*, une *colonne vertébrale*. On pressent qu'il détient les raisons de nos cheminements dans la vie, les « pourquoi » de ce qui nous apparaît souvent comme *errances* ainsi qu'une clef interprétative des événements vécus. La scène, ici, est celle du corps.

Cette question sur notre « destin » ou orientation, qu'on se la pose, ou bien qu'elle nous saisisse, produit, schématiquement deux extrêmes :

– soit le *sujet* est saisi et subit le plus souvent *passivement* l'impression qu'il est la proie de répétitions, toujours les mêmes, ou bien qu'il ne se sent pour rien dans tout ce qui lui arrive : en ce cas, les représentations qui viennent traduisent un éprouvé d'enfermement lié au sentiment qu'une force énigmatique, supérieure et *extérieure*, qui piloterait l'existence selon un dessein ignoré du sujet. Les représentations de ces forces sont, par exemple, le *fatum* ou le destin, qui vont se lier à d'autres telles

que: l'impression de l'effet d'un contexte culturel, l'histoire familiale, etc., ou encore la Nature ou les gènes (« je suis né/fais comme ça »), des puissances « externes » telles les dieux ou les astres, autant de formes qui traduisent l'éprouvé d'une puissance mystérieuse au-dessus de soi – et dont nous serions le pantin – mais en tout cas une organisation pensante, qui sait, elle, nos pourquoi. Mais dans ce cas, il ne peut y avoir de véritable autobiographie puisque le « je » est projeté à l'extérieur ;

– soit elle s'opère après-coup, c'est-à-dire que « je » *me* pose des questions ou me mets en question quant à mon existence : c'est un retour sur soi, *actif*, dans le sens où je me mets en quête : un « je » tente de saisir des « moi ». Dans ce cas, les représentations qui viennent sont sur le mode du *fil rouge* ou de la colonne vertébrale, le chemin de vie, etc., représentations qui tentent de restituer quelque chose du sentiment qu'il y aurait un « conducteur » *interne*, une assise ou un projet, bien que ressentis énigmatiques ; car si le projet pindarique (devenir soi-même) est évident, il n'en reste pas moins que le *soi-même* est, lui, énigmatique. Mais cela met en mouvement.

Le texte de Bernard Andrieu témoigne de cela, sur le plan autobiographique, mais bien plus aussi : comment une pensée se développe, se construit et

poursuit, en passant par l'être même du chercheur, son élaboration. Ce détour, qui plus est, permet de conquérir de nouvelles dimensions dans cette difficile question : comment penser le/notre corps, voire « penser corps », sinon comment nous pense-t-il, et d'affiner encore et encore cette démarche nouvelle qu'est celle de l'émersiologie.

C'est le chemin remarquable que suit et poursuit inlassablement Bernard Andrieu.

Joël Bernat

PRÉFACE

Poussé par la joie et le plaisir, je décidai d'accepter l'honorable invitation, faite par Bernard Andrieu, pour écrire la préface de son livre *La Carte du Père: système de réflexion concave*.

Immédiatement, on reconnaît que le texte traite de l'imbrication de la géographie et de l'histoire. Le chiasme entre l'espace et le temps établit des conditions pour comprendre le corps lui-même à travers la relation avec le corps de l'autre. Pour la psychanalyse, l'humanité commence avec un enfant soigné par un adulte. Ces soins primaires créent des échanges d'affection qui marquent le corps laissant des impressions de l'autre en moi. Cependant, nous agissons pas toujours en répétant ces impressions. Nous pouvons les transformer. Le bistouri du père de Foucault a été transformé en un stylo. L'émission de radio de père de Bernard a été transformé en transmission de la philosophie.

La réflexion concave de Bernard Andrieu est fait en creusant le corps, en agissant comme un archéologue qui cherche à trouver quelque chose à explorer l'inconnu et en utilisant la seule carte qu'il a: son propre corps chargé des affects qui viennent de l'autre. Il est pour cette raison que l'auteur déclare: « La carte est la possession corporelle d'un territoire ».

Le texte montre plusieurs versions des voyageurs qui ont cherché à établir des cartes de leurs aventures en parcourant la terre sans avoir des cartes antérieures. Tous jetés dans le monde inconnu, des navigateurs ont pris le risque pour trouver des différentes destinations à travers leur corps, utilisés comme des itinéraires pour dessiner des cartes et pour écrire des nouvelles histoires.

Tracer des territoires ne se réduit pas à dessiner des mondes mais cela signifie aussi se lancer dans des mondes qui me dessinent. Non seulement on traverse des lieux mais ils nous traversent. Dresser la carte oblige à configurer et à reconfigurer en permanence. La demande de création émerge de l'exploration constante du territoires faites par le corps. Voilà pourquoi Bernard dit que le corps est poreux en ce qu'il affecte et est affecté en permanence par le monde dans lequel il navigue. Comme dit Fernando Pessoa: « Naviguer est nécessaire, vivre n'est pas nécessaire ».

La vie nous apporte des imprécisions qui nous entraînent à des eaux profondes d'où on peut pas émerger de façon pleine. Il est basé sur cette perspective que Bernard écrit son livre, en proposant une réflexion sur le cahier du dessin de son grand-père et l'album photo de son père.

Dans le cahier du dessin de son grand-père, découvert seulement après sa mort, Bernard trouve les secrets d'un journal de bord qui décrivait sa vision de la guerre. Son grand-père a participé à la première guerre mondiale jouant le rôle de liaison entre les lignes de front et l'arrière se déplaçant dans une bicyclette. Avant quatre jours à l'armistice, la jambe droite de son grand-père a été frappé par un obusier puis a dû être amputée. Malgré ce tragique accident, la guerre vu par son grand-père n'a pas été prise en compte qu'en révélant l'horreur, mais en montrant des scènes amusantes. Il se distingue dans les dessins la beauté de la femme française et parisienne. L'ironie a marqué ses dessins. Les dessins ont aidé à tenir la guerre d'une façon créative comme Anne Frank qui s'appropriée de la guerre à leur manière en écrivant son journal.

L'Album du père de Bernard a permis d'accéder à l'histoire de la guerre que son père a toujours fait taire. Le père a évité de parler de la Guerre de l'Algérie et de sa propre guerre. Son père était un fonctionnaire de la transmission et de la radio pendant cette guerre. Sur l'album, il était possible de trouver l'écho de vies croisées. Des émotions stockées étaient épanoyé. L'album fonctionne comme un journal de bord, écrit tous les jours. Cet album a permis l'accès à des eaux

qui jamais étaient navigués. Il a approché Bernard du mythe des origines.

Des liens de nos corps sont constitués par des chemins déjà tracés mais souvent inconnus. Le livre montre que la filiation ne se réalise que par la rencontre des visages qui se regardent. Les liens sont fait aussi avec le soutien du corps d'autrui qui demande l'accueil. Avec son fils « a plat dos », Bernard exprime le signe de l'attachement qui abrite l'abandon. Ce signe se réfère aux idées psychanalytiques chez Winnicott en se référant à la mère suffisamment bonne qu'offre leur soutien afin que l'enfant puisse exister.

Le livre de Bernard Andrieu nous pousse à chercher « le temps perdu. » Il nous enseigne sur les traces de Marcel Proust l'art d'inventer des traductions pour des événements qu'apparaissent seulement comme des traces de souvenirs presque invisibles. L'angoisse et la peur sont exposés. La vie doit être réinventée chaque jour. L'abandon frappe toujours à notre porte. Mais cela est la marque de la vie humaine. Cependant, elle y est pas solitaire parce que nous on a le soin. C'est la fluctuation entre l'abandon et le soins qui nous rend trop humain.

Bernard nous enseigne que il faut se perdre pour se retrouver. Cela nous rappelle Rousseau en

train d'enseigner à Emilio la géographie de la ville. Au lieu de vous offrir toutes les coordonnées d'une carte déjà prête, il crée une situation pour qui Emilio soit perdu. Seulement avec son corps et leurs traces de la mémoire implantés par les corps des autres, Emilio a dû faire leurs propres cartes pour prendre le territoire.

Je vous invite à lire un livre dans lequel vous aurez l'agréable surprise : pour découvrir ou redécouvrir des territoires il faut renoncer à nos représentations cartographiques déjà cotumières. Lançant dans l'aventure de la vie nous oblige à naviguer dans les zones sombres dont nous avons besoin d'inventer des cartes pour continuer à voyager.

Iraquitan de Oliveira Caminha

INTRODUCTION

LE TERRITOIRE SANS LA CARTE

Michel Houellebecq avec *La carte et le territoire* a su attirer notre attention sur la géo-localisation de notre histoire. J'ai toujours cru que la carte du père existait, même si mon père ne me l'avait jamais montré car son album de guerre avait disparu dans son divorce d'avec ma mère. Mon grand père n'avait dressé de carte qu'à travers les indices des signatures des dessins de son carnet de guerre en indiquant les jours de repos de son régiment qui laisser du temps à la création. Il n'y avait pas de carte dans le territoire lorrain où je me trouvais seul avec mon fils, il aura fallu explorer dans ce journal de paternité. La géographie m'a toujours paru expliquer l'histoire, j'y trouvé le moyen de situer les nos origines, l'accent de nos voix, le détour des chemins et les impasses.

A travers ce système de réflexion concave, la carte du père m'engage dans le mythe de l'origine, ces moments où je n'existais pas en corps comme la guerre de 14-18, traversée en ses dessins par mon grand père jusqu'à son amputation près de Verdun, le mariage de mes parents, ma conception, mon voyage en Algérie dans le ventre de ma mère pour visiter mon père le long de l'oléoduc en construction,

le déchirement de mon mariage et l'éducation de mon fils Louis seul à Nancy face à la paternité et de mes idées philosophiques sur le corps. La profondeur de mon corps vivant s'y exprime ici, plus que *Dans le corps de ma mère* qui décrit le système optique et visuel de l'érotisme. Au carnet de dessins de mon grand père, la carte du père du désert algérien et son album de photographies, mon journal de père est un écho de ce vivant qui s'active en nous.

Dans un texte inédit, publié sous le titre *Le beau danger* mais qui est un entretien entre Michel Foucault et Claude Bonnefoy entre l'été et l'automne 1968, le philosophe comprend son corps de chercheur au regard de son idiosyncrasie familiale, son père étant chirurgien, comme un long travail pour donner une certaine valeur à la parole et aux discours face à « cette dévalorisation profonde, fonctionnelle de la parole dans la vieille pratique de la médecine clinique qui a pesé sur moi pendant longtemps »⁶⁰. Plutôt qu'une autobiographie, Foucault décrit la transformation de la « vieille hérédité du bistouri »⁶¹ tout en soulignant justement le déplacement : « Est-ce que je trace sur la blancheur ces mêmes signes agressifs que mon père traçait dans le corps des

60 M. Foucault, 1968, *Le beau danger*, Paris, Ed. EHESS, coll Audiographie, p. 33.

61 *Op.cit.*, p. 35.

autres lorsqu'il opérait ? J'ai transformé le bistouri en porte-plume. Je suis passé de l'efficacité de la guérison à l'inefficacité du libre propos ; j'ai substitué à la cicatrice sur le corps le graffiti sur le papier ; j'ai substitué à l'ineffaçable de la cicatrice le signe parfaitement effaçable et raturable de l'écriture. Peut-être même me faudrait-il aller plus loin. La feuille de papier pour moi c'est peut-être le corps des autres »⁶².

Michel Foucault ne dépasse pas simplement le modèle chirurgical du père, dans ce qui serait une interprétation œdipienne qu'il refuserait, mais il soigne les cadavres textuels par sa volonté de savoir leur santé : « je suis dans la situation de l'anatomiste qui faut une autopsie. Avec mon écriture, je parcours le corps des autres, je l'incise, je lève les téguments et les peaux, j'essaie de découvrir les organes et, en mettant à jour les organes, de faire apparaître enfin ce foyer de lésion, ce foyer de mal, ce quelque chose qui a caractérisé leur vie, leur pensée... »⁶³ Chacun de mes livres a été le moyen de laisser émerger en moi un souvenir perdu de mon enfance. J'ai perdu toute mémoire directe de mon enfance, seule des bribes sensorielles me submergent par la rémanence des rêves ou des symptômes. Sans un récit dont le fil

62 *Op. cit.*, p. 36.

63 *Op. cit.*, p. 37.

serait ténu et tendu en moi, je ressens la puissance des sensations qui perdurent.

DRESSER LA CARTE

L'espoir d'une carte à trouver ou retrouver, longtemps m'a tenu. Car la carte est la possession corporelle du territoire, la preuve de son exploration par la nomination des lieux traversés. La circumnavigation planétaire était déjà émise par les Chinois dès le XIII^e siècle. Les cartes de Dieppe, conçues entre 1540 et 1585 par Pierre Desceliers, Jean Rotz, Guillaume Le Testu, Nicolas Desliens, Nicolas Vallard et Jacques de Vau de Claye portent des descriptions sur les premières tentatives françaises de coloniser le Canada, la conquête du Pérou par les Espagnols et l'établissement du commerce des Portugais sur les mers entourant les îles des Célèbes, Nouvelle-Guinée et Indonésie. Sur ces mêmes cartes peuvent figurer des inscriptions sur le légendaire Royaume du prêtre Jean en Éthiopie, ou encore la présence légendaire des Amazones en Russie ainsi que des descriptions sur le voyage de Marco Polo. Le plus ancien globe terrestre⁶⁴ parvenu jusqu'à nous est le globe de Martin

64 Catalogue de l'exposition *Cartes et figures de la Terre*, Paris, Centre Georges-Pompidou, 1980. Edward H. Dahl et Jean-François Gauvin, *La découverte du monde, une histoire des globes terrestres et célestes*, Toulouse, Privat, 2001

Behaim (1459-1507), réalisé à Nuremberg en 1492. Le cartographe Martin Waldseemüller adapte en 1507 l'imprimerie aux besoins des fabricants de globes en créant les fuseaux.

Jusque-là, les globes étaient toujours peints et uniques. Les cartes de Waldseemüller publiées à Saint-Dié des Vosges furent les premières à porter l'inscription « America »⁶⁵. La publication de *Geographia* de Ptolémée en 1511 est considérée comme le premier atlas moderne avec vingt carte. L'Allemand Johann Schöner publie en 1515 une carte du globe sur douze fuseaux avec un manuel de mode d'emploi pour monter son globe terrestre de 27 cm de diamètre. Dans cette mappemonde il montra un continent au sud du détroit de Magellan qu'il nomme « *Brasilia inferior* ». Cette grande terre reprend les contours de l'Australie, mais placée près de l'espace géographique de l'Antarctique. La Galerie des Cartes Géographiques, créée par Grégoire XIII et restaurée par Urbain VIII présentent quarante cartes géographiques peintes à fresque qui représentent les régions d'Italie et les possessions

65 Waldseemüller M., 1507, *Introduction à la cosmographie avec quelques éléments de géométrie et d'astronomie nécessaires à l'intelligence de cette science, ainsi que les quatre voyages d'Amerigo Vespucci et la reproduction du monde entier tant en projection sphérique qu'en surface plane, y compris les régions que Ptolémée ignorait et qui n'ont été découvertes que récemment.*

de l'Église à l'époque du pape Grégoire XIII (1572-1585). Elles ont été peintes entre 1580 et 1585 d'après des cartons d'Ignazio Danti, un célèbre géographe de son temps.

Les voyageurs établissent les cartes de territoire inconnu. Marco Polo (1254-1324) a passé vingt-quatre années en Asie, dont dix-sept au service du grand Khan de Tartarie, Koubilaï Khan. Prisonnier à Gênes, il commence à dicter son récit de voyage à Rusticien de Pise, son compagnon d'infortune. *Le livre des merveilles* du monde⁶⁶, écriture « à deux voix », fascinera les plus grands explorateurs, notamment Christophe Colomb⁶⁷. James Cook⁶⁸ établit les cartes de la côte de Terre-Neuve, puis le passage du Nord-Ouest (1763 – 1764), la côte sur entre la péninsule de Burin et Cap Ray (1765 – 1764), puis la côte ouest en 1767. L'idée de la *Terra Australis* fut finalement corrigée par Matthew Flinders et James Cook. Cook fit en effet le tour de la Nouvelle-Zélande, montrant qu'elle ne pouvait pas faire partie d'un continent.

66 Marco Polo, *Le livre des merveilles du monde*, Paris, Librairie

67 C. Colomb, *La Découverte de L'Amerique T.1 ; Journal De Bord Et Autres Ecrits, 1492-1493*, Paris, *La découverte*, 2006.

68 Cook J., *Relations de voyages autour du monde, 1768-1779*; choix, introduction et notes de Christopher Lloyd; traduction française par Gabrielle Rives, édition La Découverte, collection Poche Littérature et voyages

C'est en 1906-1908 que les premières études, pour les réalisations d'une série de cartes sur la France, ont commencé. En 1907, une carte de l'Auvergne figurait dans le Guide Rouge et une carte de France est publiée en quatre feuilles au 1/1 000 000 en couleurs. A partir de 1908, cette carte peut être achetée séparément. L'année suivante, une carte de la région de Clermont-Ferrand au 1/200 000 est distribuée gratuitement dans la région. Et c'est en 1910 que les premières cartes au 1/200 000 sont diffusées commercialement en commençant par Clermont-Ferrand, ensuite par des cartes en bordure de la Méditerranée et en région parisienne.

Il aura fallu dresser notre propre carte des corps en des dictionnaires du corps, encyclopédie des somaticiens et d'autres atlas des cultures corporelles pour savoir où j'étais avant même de savoir qui j'étais devenu en allant d'un point à un autre de la carte ou ce que je pouvais en corps devenir. Se déplacer d'un point à un autre de la carte à la rencontre des autres sans parvenir à se fixer dans un point favorise le chemin plutôt que la station. Le territoire est en cours de constitution et mouvant, cette mobilité épistémologique repose sur la mobilisation des acteurs et actrices.

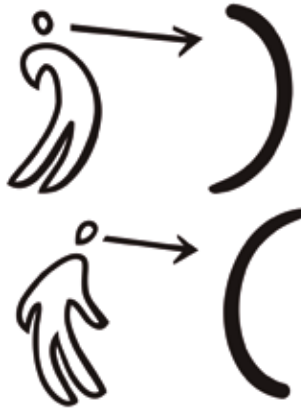
LA CONCAVITÉ DE MON CORPS

Le signe est héréditaire. Au creux de mon thorax un enfoncement plus important que de coutume et qui établit la filiation avec le corps de mon père. Sans être un *pectus excavatum* la trace du père semblait bien se transmettre, devenant un point de sa carte. Rester dans le creux, s'effacer, ne pas se mettre en avant, reculer dans l'arrière scène, se tenir dans le creux, s'intéresser aux minorités et aux invisibles parce qu'on se sent soi-même inexistant. Aucun corps, aucune œuvre ou altérité ne peut remplir ce vide nous obligeant à penser cette discontinuité entre les corps, sinon dans mon corps.

La concavité est cette partie sphérique creuse de mon corps. Celle que je ne parviens pas à combler et qu'aucun objet, malgré le vide attractif qu'elle émane, ne peut remplir. Incurvé de l'intérieur parce que lui manque depuis sa prématurité et l'absence du père à la naissance, la concavité structure ma perception en enveloppant le monde de ma courbure perceptive. Miroir concave je reflète immédiatement ce que je ressens du monde extérieur, entièrement écologisée par la pénétration du monde en moi.

Le moi se débat ici parmi tous ces autres incorporés pour se constituer, sortir de l'effet concave

pour tendre vers une convexité mais provoque la concavité qu'il incarne.



Dessin de Guillaume T⁶⁹

Sans cette convexité interne, le corps courbe l'échine sans rompre pour construire un récit sur ce creuset. L'écriture est cette courbe incurvée qui donne à une surface cette forme creuse. Comme enfoncé par le monde, le texte concave semble déformé par la perception subjective de son auteur. En se plaçant dans l'écologisation, la concavité est le produit de l'incertitude du monde. Faute d'une carte pour s'y repérer, le monde des autres est projeté directement sur le corps s'enfonçant dans l'identité. Ici la guerre est ce qui pénètre les corps au point de faire réagir les trois générations décrites ;

soit **par l'inversion du monde** par l'art dans le carnet à dessins de mon grand-père pour ne pas montrer l'horreur de Verdun par l'art du portrait de ces femmes et paysages, en attendant sinon la blessure ou la mort. ***La concavité est ici au dessus de ses cordes et de ses tangentes, concave vers le haut.*** Profitant de la dynamique de la courbe, la création parvient à se libérer de la tangente en subissant moins l'invasion du monde qu' en renversant son style mortifère par le dessin du désir.

Soit **par le silence sur le monde**, de l'engagement guerrier de mon père passé sous silence pendant cinquante six ans contre lequel je me bute jusqu'à retrouver pour lui l'album dans ses cartons. ***La concavité prend le point d'inflexion où la courbe peut changer le sens de la concavité en allant vers le haut ou vers le bas, point d'équilibre.*** Tout est déjà dit, l'émotion est si intime que je ne parviens pas à dire et à partager davantage.

Soit **par l'entame perceptive** dans le journal de corps qui lutte pour survivre au deuil de mes idéaux et pour développer un apprentissage de la vraie vie. ***La concavité est ici la partie la plus creuse de mon corps incurvée de l'intérieur.*** Moins paranoïde que pré-psychotique, le sentiment de n'être

jamais assez, presque rien, en défaut de reconnaissance tend à déformer la vision et le regard des autres sur moi : la dissolution du moi vient de son manque d'assurance et de relief convexe pour s'affirmer au point de se laisser enfoncer dans sa concavité. L'écriture témoigne de cette incertitude à se reformer face aux évènements toujours perçus comme des insertions dans mon corps. Pourtant cette disposition subjective aura favorisé la genèse de l'émersiologie en inversant l'insertion en émergence, en retournant le vivant concave en éveil.

L'ÉMERSION POREUSE

La perméabilité des sciences du corps vécu laisse émerger l'activité du corps vivant pour la recueillir à travers ses grilles d'analyses comme l'analyse des data par les tracés, l'interprétation symbolique par la parole, la lecture symboliste des gestes du corps ou l'attention de la conscience. L'activité du corps vivant émerge d'elle-même sans le contrôle des méthodes des sciences du corps vécu et produit des expériences de perte de contrôle de soi-même (vertige, orgasme, peur, rire, rêves, émotions, lapsus, gestes involontaires..). La porosité des cartes laisse émerger la mémoire des gestes, des voyages, des mutations géographiques et internes pour se reconfigurer dans de nouveaux territoires.

L'exploration de nouveaux terrains, comme celui du corps vivant, implique de ne pas en rester aux conventions des sciences du corps vécu. Derrière la phénoménologie, la psychanalyse et les neurosciences cognitives se révèle une profondeur que ces sciences sont parvenus à nommer et à contenir dans son intensité. Mais sous les cartographies qui établissent comment cheminer de l'inconscient au conscient, le territoire à explorer reste encore important : plus qu'un continent noir, comme Freud le qualifie, les sensations internes, les mouvements involontaires, les gestes et émotions, les mémoires corporelles et les traces... sont autant d'émergences dont l'activité peut être éveillée par la sollicitation créatrice.

Si l'émergence remonte à la surface de la claire conscience, comme Marcel Proust l'établissait à propos de l'image du morceau de madeleine, c'est aussi en raison de la porosité du corps et la perméabilité de la conscience : le corps est poreux car il s'écologie en continue avec le monde en incorporant des informations en dessous de la conscience que nous pourrions en avoir ; mais il laisse passer depuis son vivant des informations à la conscience pour renouveler la conscience elle-même, malgré le refoulement.

LA CONCAVITÉ ÉMERSIVE

La concavité est émerasive là où la convexité est centripète. L'inconscient freudien ne s'évide pas dans l'émersiologie. Il nourrit la créativité dans le point de vue en 1^{er} personne du corps vivant. Trois écritures se succèdent ici : la première narrative suit la chronologie des dessins signés du grand père par la continuité du cahier du régiment, la seconde herméneutique interprète les photographies et autre État de services dans l'infanterie, le dernier émerusif éveille depuis le journal de mon corps vivant l'expérience de la séparation et de l'éducation. Tous trois confrontés à la mort, chacun a su trouver dans la vie et le vivant des enfants le moyen de vivre pendant et après la guerre.

La guerre, sa découverte à Verdun, en Algérie ou à Nancy, est le point commun de nos trois générations. Moins faire la guerre, aucun de nous ne tua personne, que vivre avec dans nos possibilités de créativité dessins, lettres d'amour de mon père à ma mère et création de mon corps par mes parents, journal de combat dans l'hiver lorrain de l'éducation de l'enfant et des fondements de la philosophie du corps. Ces trois moments de recomposition de la vie étaient refoulés dans les placards familiaux : le carnet de dessins de mon grand père ne fut découvert qu'à

sa mort, l'album de mon père perdu fut retrouvé par moi dans ses cartons dans son grenier, ce journal de bord tenu au jour le jour.

Comment transmettre à ses enfants, telle est la question du livre : mon grand père était avec son vélo porteur de message de l'état major aux lignes de front ; mon père était officier transmission radio ; moi-même j'ai choisi de transmettre la philosophie comme professeur. Mais dans ces trois types de textes émergifs se lit aussi des non-dits, des émotions cachées qui font partie de la connaissance de soi et son vivant.

1ER PARTIE

**LA GUERRE EN 1ER PERSONNE :
LE CARNET DE DESSINS DE
MARCEL PENDANX 1917-1918⁷⁰**

Pour notre mère, Suzanne

⁷⁰ Merci à Michel Signoli pour les renseignements sur le 14eme Bataillon R.I. et à Eric Deroo pour son aide sur le contexte iconographique du dessin de guerre et ses archives si précieuses.

Paul et Pascale Gérardin pour les archives et le voyage sur les sites traversés par mon grand père en ce 15 août 2013.

Isabelle Bisoffi, ma sœur et mon fils Louis Andrieu et le fils de Pascale Gérardin, Lukas pour les scans des dessins, mon frère Patrick Andrieu pour son texte. Et ma mère pour nous avoir confié le carnet de dessins de son père. Une première version de ce texte est paru à l'occasion du numéro spécial sur la guerre de 14-18 dans notre revue Corps, Ed CNRS, 2014.





Revenir⁷¹ à Verdun, Rarecourt, Jaulny ou le Bois de Combres, cet été 2013 pouvait-il, au-delà de l'empathie participante, me faire ressentir les lieux et les conditions de la guerre de Marcel, mon grand-père ? Y trouverais-je plus de preuves de son passage que dans les archives consultées où son nom, comme on le verra, n'apparaît pas ? Son invisibilisation, comme tant d'autres anonymes conscrits, dans les textes officiels et les listes de blessés a été brisée par sa volonté même de dessiner sa guerre en attendant la fin, la sienne si proche par l'obus qui l'atteint finalement quatre jours avant l'armistice, non loin de Verdun. Touché lors d'un repli, on lui mit un garrot sur l'artère fémorale avec les ambulanciers qui suivait, puis envahie par la gangrène sa jambe fut amputée. Il ne parlait pas de sa guerre, jamais.

Mais l'impression des 15.000 soldats, sans compter les cimetières allemands autour, parfois anonymes soldats inconnus, ou à plusieurs avec la mention charnier, est si forte jusqu'aux croix et aux carrés musulmans des soldats du Corps colonial, qu'il est inutile de descendre dans la tranchée ou de revêtir l'équipement présenté en vitrine dans la tour de l'Ossuaire de Douamont. L'illusion de la compassion, conjuguée à l'effroi du massacre, peut

71 Audoin-Rouzeau S., 2013, *Quelle histoire. Un récit de filiation (1914-2014)*, Paris, Le Seuil, EHESS.

faire croire que nous comprendrions la vision en 1^{er} personne du soldat français ou allemand : mais dans ses dessins qu'il nous a laissé dans son carnet aucune représentation de la guerre comme dans *1914-1918 La grande Guerre vécue-racontée-illustrée par les combattants* où l'on retrouve une iconographie de tranchée, de paysages ou d'hommes dormant ou se baignant nus dans la Meuse.

Seul ce dessin patriotique sans date, mais placé en troisième dessin dans le carnet entre les dates de *22 août 1917 à Jaulny* et dans *Les hauts d'Outremont le 23 janvier 1918*, une femme casquée de profil en noir et blanc avec le regard droit et la tête fière, comme faisant face à l'ennemi, témoigne d'un thème guerrier. Le style est celui de la statuaire héroïque que l'on retrouvera dans *La vie parisienne* à partir de 1918 (*Figure 1 e 2*).

Cet article est écrit avec l'aide de quatre générations, ma mère Suzanne, une des enfants de Marcel Pendantx, mon frère Patrick et ma sœur Isabelle et moi-même, qui l'avons connu différemment en raison de l'écart d'âge j'ai des souvenirs d'activités de pêche avec lui et son fils Pierre dit Pierrot, et son petit fils Louis qui ne l'a pas connu. Ces différentes écritures, celle de Marcel qui n'aura laissé en 1^{er} personne que ce carnet de dessins

sur la guerre, les souvenirs de ma mère et de mon frère en 3eme personne et les ordres de marches du Journal du Régiment, démontrent combien l'absence de traces objectives de mon grand père pouvait être préjudiciable à la compréhension de sa vision de la guerre. Aucune mention de lui dans le *Journal de 14eme Régiment d'Infanterie*, on y trouve que les noms des officiers, des héros de guerre, des blessés, des morts et des disparus.

A part le récit de ses campagnes à l'occasion de repas familiaux, que nous reste t-il de ses représentations et de ses affects durant ces quatre années de guerre ? Qu'a-t-il produit sur le terrain en dehors de ses missions de coursiers en vélo du front aux différents postes ? Le silence sur cette production de dessins, tout au long de son existence, surtout après son amputation, en dit long sur le caractère intime de ce carnet. Intitulé *En attendant*, il indique combien la durée de la guerre, surtout pour un conscrit de la 1^{er} heure, fut lui aussi une épreuve. Supporter l'horreur de la guerre par l'art ou la littérature est bien connu par les historiens et collectionneurs de l'artisanat de tranchées de la grande guerre⁷²

LE CORPS FAMILIAL

J'entends encore, parce qu'à la maison de Toulouse je dormais dans la pièce bureau jointe à la cuisine dans laquelle le poêle au charbon chauffait jusque tard dans la nuit, le bruit de sa prothèse descendant l'escalier de bois que je trouvais déjà très raide pour moi. Sans jamais voir sa prothèse sur lui, je la découvrais déposée parfois à l'étage, mon imaginaire du corps hybride provient de ce bruit et de cette invisibilisation du corps amputé de mon grand-père.

J'ai fait un entretien avec ma mère Suzanne Andrieu, née Pendanx, ci-dessous, qui nous révèle combien Marcel n'avait pas montré ses dessins à sa famille, que seule la mort l'a découvert dans ses affaires qu'on garde enfouies, comme les traces d'une mémoire sensible et intime :

Mon père ne nous a jamais parlé de son carnet de dessins. Nous l'avons trouvé dans ses affaires. Apparemment, il a fait des dessins dans ce carnet pendant la guerre : « en attendant » comme il a écrit en première page. Mon père aimait parler de la guerre et nous aimions l'écouter. Mais, il n'a jamais parlé des horreurs de la guerre qu'il a dû vivre. La vie dans les tranchées, les assauts, les tirs d'artillerie, j'ai appris tout cela dans

les nombreux ouvrages que j'ai lus sur ce sujet, mais jamais par lui.

Il était agent de liaison : « cycliste », nous avait-il dit, « parce qu'il savait monter à bicyclette » (*Figure 2* - Seule photographie de Marcel Pendanx - Agent de liaison attaché au PC).

On lui avait demandé cela. Il circulait donc des premières lignes, à l'arrière. Il ne portait pas son arme. Il nous disait qu'il la laissait « aux cuisines », et qu'elle était, de ce fait, toujours en parfait état. Il parlait de l'absurdité de certains ordres, des manies de certains sous-officiers. Il en riait. Il racontait comment lui et ses camarades « s'amusaient » dans les tranchées à mettre un morceau de pain au bout d'un fusil, et à tirer quand un rat venait le manger.

Il racontait comme si tout cela était une partie de plaisir : pendant quatre ans – il a été blessé quatre jours avant l'armistice. Nous aimions écouter ses histoires. Nous les connaissions par cœur, à tel point qu'à la fin de sa vie, alors qu'il oubliait certains détails, nous les lui rappelions.

Mon père était très patriote. Il avait le sentiment d'avoir servi la France, et il en était fier. Il avait eu de la chance, disait-il : l'éclat d'obus qui a sectionné son artère

fémorale ne l'avait pas atteint alors qu'il circulait entre les lignes, tout seul. C'était lors d'un repli vers l'arrière, en colonnes, avec les ambulances qui suivaient. Il avait gardé son garrot trop longtemps. Il avait fallu l'amputer. Il était fier de son amputation.

Mon frère Patrick écrit cette version de l'histoire de Marcel et Blanche, nos grands parents donnant un éclairage politique aussi de ses engagements :

Ma mère était issue d'un milieu modeste du sud-ouest de la France. Ses parents, Marcel et Blanche, tous deux coiffeurs de métier, s'étaient rencontrés... dans un salon de coiffure. Parfois la vie est simple mais ne le reste pas longtemps. A l'âge de vingt ans, son père fut enrôlé dans la grande guerre. Le premier capitaine qu'il rencontra lui demanda ce qu'il savait faire. Le jeune Marcel répondit " du vélo " et fut promu agent de liaison, mission qui consistait comme son nom l'indiquait à maintenir à bicyclette le précieux lien entre les lignes avants et arrières.

A quatre jours de l'armistice, Marcel fut fauché par un éclat d'obus. La jambe droite transpercée, la gauche sauvée par la lame du couteau qu'il portait toujours dans la poche de son pantalon. Il perdit beaucoup de sang . Un garrot fut posé, et on se hâta d'évacuer le jeune blessé en ambulance . Trop tard .

Marcel à l'aube de son existence fut amputé d'une jambe et ne dût sa sauvegarde qu'au hasard ou à Dieu qui le plaça sur le front au moment de l'explosion. Les secours sur place préservèrent malgré tout sa vie. Nul doute qu'il eût succombé à ses blessures, si, porteur d'un message pour ses officiers, il avait été touché se repliant seul vers le camp arrière.

Démobilisé, Marcel retrouva sa bonne ville de Toulouse, sa maison, son épouse, avec au revers du veston tous les honneurs rendus à son sacrifice. Lui qui ne possédait que son certificat d'étude, entreprit de passer le brevet, l'obtint et choisit de se reconvertir en contrôleur des postes. Chaque matin, glissant sa jambe amputée dans une prothèse et l'autre dans sa chaussette, il enfourchait sa bicyclette à balancier, spécialement conçue pour pallier ce mollet manquant. Il partait au travail.

Dire que cette infirmité bouleverserait le cours de sa vie n'est pas un doux euphémisme, car Marcel fut dès lors galvanisé par sa nouvelle condition. Il devint au fil des années la figure emblématique de la poste de son quartier certes, mais surtout de milliers de mutilés de guerre que son pays devait compter dorénavant. Il devint le véritable fer de lance et le porte-parole respecté de toutes leurs revendications, et fonda la première association les représentant dignement.

Il devint un personnage. Lui, petit coiffeur sans instruction, devenu contrôleur des postes, serrait la main des ministres et recevait de l'état qu'il avait si vaillamment défendu les plus hautes distinctions honorifiques réservées aux anciens combattants. " Ne pas monter bien haut peut-être , mais tout seul " , pour cet homme qui connaissait par cœur l'œuvre de Rostand, cette phrase-là le décrivait tout entier.

Je n'ai pas de souvenirs conscients de mon grand-père, il était mort lorsque j'eus mes trois ans. Seules quelques photos le représentent à mes côtés : petit enfant effarouché vers lequel se penchait avec bonhomie un beau vieillard aux cheveux blancs. Tous les souvenirs que je restitue ici m'ont été narrés maintes fois par ma mère, avec une émotion contenue, nuancée d'humour et de gaieté.

Toutes les péripéties de la vie de mon grand-père étaient marquées du sceau de l'honneur, de la parole donnée qui engageait l'être, serties d'un patriotisme qui conservait encore ses lettres de noblesse. De toutes ses actions se détachaient une loyauté, une dignité, une fierté d'avoir servi son pays, un attachement profond aux valeurs qui fondaient l'homme.

Marcel et Blanche eurent quatre enfants. En 1940, une nouvelle fois, tout recommença.

Toulouse ville occupée, retentit comme une insulte au cœur médusé de Marcel. Le brave homme, soldat de la première heure, vouant une admiration sans borne au Maréchal Pétain qu'il considérait comme le sauveur de la France, ne comprenait pas. Il lui fallut du temps pour admettre la folie de cet homme, d'autres diront trahison, d'autres encore parleront de vieillesse, de manipulation, d'inconscience. Toujours fut-il, que Marcel ne se remit jamais tout à fait de cette désillusion, blessé dans sa foi pour celui qu'il plaçait au-dessus de tous et pour lequel il avait été aveuglément fier d'avoir combattu.

LES CORPS DANS LA GUERRE

Notre Grand père est incorporé à Toulouse le dimanche 4 août 1914 et part avec le 14^{ème} Régiment d'Infanterie le 6 août 1914 dont nous suivons l'archive manuscrite et tapuscrite dans le *Journal des Marches et Opérations* (JMO) (Figure 4).

Le 14^{em} R.I va être engagé, comme d'autres, dans tous les combats pendant quatre ans⁷³. Dès ce mois l'artillerie allemande est très violente dans la Meuse creusant le 26 août « dans nos rangs

73 Christian-Frogé M., 1922, Table des régiments et des combats auxquels ils ont pris part, *1914-1918 La grande Guerre vécue-racontée-illustrée par les combattants*, Paris, Librairie Aristide Quillet, Annexe, p. I.

des vides profonds »⁷⁴. Près d'Hagencourt et devant Harancourt, « le 14eme se replie tout en luttant ». Dans la Marne le 10 septembre l'ennemi se décroche et bat en retraite : « C'est la victoire ; la France éternelle est sauvée ! Et nos troupiers qui luttent et marchent sans cesse depuis quinze jours qui ne dorment plus, n'ont plus rien à manger depuis longtemps, vont entamer aussitôt d'un cœur vaillant et gai, pleins d'espoirs, cette poursuite qui nous venge. »⁷⁵ Les citations à l'ordre de l'Armée récompensent les qualités « d'énergie et de bravoure », de « courage et d'abnégation » des soldats.

Mais dès octobre 1914 en Champagne la guerre de positions par la construction de tranchées occupe le régiment avec des troupes « extrêmement fatiguées » avec « des longues nuits de veille, par le froid, dans la boue, les relèves fatigantes, les journées monotones passées dans l'inaction ». Autour de la côte 200 malgré la « lutte désespérée de l'ennemi »⁷⁶, le 22 novembre 1914 cent quatre vingt mètres de tranchées sont prises par les fantassins. Le journal commence à héroïser les exploits de soldats et sous officiers à qui la médaille militaire est attribuée : ainsi l'adjudant Huc

74 *Historique du 14eme Régiment d'infanterie*, Toulouse, Imprimerie et Librairie Edouard Privat, 1920, Numérisation P. Chagnoux, 2009, 48 p. ici p. 3

75 *Op. cit.*, p. 4.

76 *Op. cit.*, p. 6.

blessé à dix mètres de la tranchée ennemie aura mis cinq jours, ne voulant pas abandonné un soldat de sa section suicidaire après une blessure au pied, pour, de trous d'obus en trous d'obus, rejoindre le 27 décembre nos lignes avec des doigts et des pieds gelés ! Cette solidarité de corps, y compris auprès de compagnons morts dont chaque soldat veut ramener le cadavre derrière nos lignes, est valorisé dans le *Journal*.

La « crânerie »⁷⁷, les exemplarités d'entrain et de sang froid en 1915 sont récompensées de légion d'honneur pour les officiers commandant les sections, parfois au « mépris de la mort » dans « ce bond héroïque et meurtrier »⁷⁸ en aout 1915 en Argonne même si la lutte est « ininterrompue »⁷⁹ rendant impossible la traversée de ces « no man's land » dans des tranchées à 10 mètres de distances. Mon grand-père n'est pas un de ces coureurs qui en septembre 1915, lignes téléphoniques coupées, ne peuvent plus circuler dans les boyaux effroyablement battus et en partie comblés »⁸⁰.

Défendre Verdun le 26 juin 1916 en relevant les autres régiments « fut extrêmement pénible, étant donné le bouleversement inimaginable du terrain, le

77 *Op. cit.*, p. 8.

78 *Op. cit.*, p. 10.

79 *Op. cit.*, p. 13

80 *Op. cit.*, p. 14.

bombardement incessant des pistes et des ravins »⁸¹. Le 10 juillet les coureurs sont partis et malgré l'héroïsme des monteurs pas de lignes téléphoniques pour communiquer entre les lignes. Marcel a dû faire le chemin entre les lignes avec sa bicyclette. La caserne Marceau est prise en route « par les gaz toxiques »⁸². Les hommes, « essouffés par le port du masque qu'ils ont depuis la veille, sont exténués »⁸³. Depuis Douamont des unités d'Allemands habillées et équipées de neuf font face à nos hommes « qui n'en peuvent plus, meurent de soif. Certains n'y tenant plus, ont été boire de l'eau croupie, au fond des trous d'obus, où quelquefois git encore un cadavre » ! Le 14eme a pris part à tous les combats sanglants de Belgique, La Marne, Perthes-les-Hurlus, Souchez, Arras, Verdun, mais « ne vécut jamais des minutes plus angoissantes qu'au bois de Vaux-Chapitre »⁸⁴.

Les dessins de mon grand-père ne commencent dans son carnet qu'à la date du *le 24 avril 1917 à Jaulny*. Les deux premiers auront été faits au même endroit à Jaulny près du Château dont la légende attribue, nous confia le propriétaire du château lors de notre visite avec Pascale Gérardin le 15 aout 2013,

81 *Op. cit.*, p. 15.

82 *Op. cit.*, p. 18.

83 *Op. cit.*, p. 19.

84 *Op. cit.*, p. 21.

à Jeanne d'Arc le séjour après la mascarade de ce qui aurait été brûlée vive à Rouen ! Est-ce la rudesse des combats qui l'empêcha de commencer à dessiner ? Séjourna-t-il en permanence à Jaulny plus de 5 mois, c'est peu probable ? Eric Deroo⁸⁵ nous suggère qu'il n'a pu faire dessiner que dans ces temps d'attente lorsqu'affecté au PC il ne dépend que d'un officier pour aller porter en vélo les plis et n'a peut-être pas connu le corps à corps de la tranchée et l'obéissance quotidienne aux ordres d'un sous-officier dans une tranchée. Cette hypothèse pourrait être attestée dans le journal du 14 R.I. la période du 22 au 30 avril 1917 « est marquée par une période de préparation à l'attaque que chacun sentait devenir plus imminente chaque jour [...] Le moral de tous est parfait, et c'est un calme d'esprit remarquable qu'on a attendu l'ordre d'engagement »⁸⁶. Même confirmation de l'hypothèse pour le second dessin du carnet à la date du 22 aout 1917 à Jaulny aussi : « La période du 10 juin au 13 septembre, date à laquelle le régiment fut relevé du secteur, fut relativement calme, période marquée par les tirs de harcèlement et de vigilance de l'infanterie sur ses gardes »⁸⁷.

85 Entretien avec Eric Deroo le 24 juillet 2013 à Paris à son bureau au milieu de ses collections.

86 *Historique du 14eme Régiment d'infanterie*, op. cit., p. 25.

87 *Op. cit.*, p. 27.

A *Outremont en Haute Marne le 23 janvier 1918*, date du troisième dessin, le régiment est aussi au repos jusqu'au 31 octobre 1917 puis restera dans la région Moulainville, Watronville, Chatillon-sous-Côtes jusqu'au 29 mars 1918, dans « période calme et de repos qui laisse prévoir un prochain engagement »⁸⁸. Le quatrième dessin *Bois de Combres (Eparges)*, non loin, est fait le 4 avril 1918 est effectué au cours d'une station du Régiment : « Le 2 avril, le régiment fait mouvement par voie de terre et cantonne à Condé-en-Barrois ; il y reste jusqu'au 8 mai »⁸⁹. Cela explique un mouvement de mon grand père et sans doute du PC de la crête d'Eparges, conquise au prix de trois mois de combat par la 12eme division d'Infanterie et miné de part en part jusqu'en avril 1917. En y revenant le 4 avril 1918, mon grand père est sur la ligne de Crête point de départ de l'attaque française du régiment le 18 avril dans la vallée de l'Avre.

Le Cinquième est fait le 14 mai 1918 à *Rarecourt* dans la Meuse, le 14eme Régiment est mis au repos sur la région de Sully, Fontenay et Bazancourt (Marne) avant d'être transporté rapidement le 30 mai dans la région de Longpont et Corcy en Picardie.

88 *Op.cit.*, p. 29.

89 *Idem.*

Le dernier est réalisé à Verdun lui-même au *P.C Scheinnitz*, entre les 20-22 mai 1918 alors que le 14 RI est mis en repos, ce qui prouve que notre grand père se déplace d'un PC à un autre et sans doute entre plusieurs régiments affectés à une communication inter-régiment, à moins qu'il ait été en permission ou affecté à Verdun dans cette période.

Le repos et le temps de dessiner sont nécessaires pour des figures portraits très aboutis alors qu'une seule esquisse de paysage, peut être le Bois de Combres car la page est juste avant le dessin suivant réalisé justement à Eparges. En nous rendant dans le bois d'Eparges nous avons exactement retrouvé ce type d'arbre : cette arborescence produit une luminosité terreuse. Maurice Genevois gravement blessé de trois balles le 25 avril 1915 la décrit très bien en février dans son texte : « Un grand balancement de la terre et du ciel à travers le, paupières cuisantes, du froid mouillé ; des choses qu'on retrouve dans l'aube blême, les unes après les autres, et toutes ; personne de tué dans les ténèbres, personne même d'enseveli »⁹⁰ .

Il n'y a pas d'inventaire dans le JMO de la blessure de mon Grand-père, contrairement à la liste établie à la fin de chaque mois dans les autres pages du JMO,

comme on peut le voir dans cette page en date de 1917. Il a été blessé, nous le savons le 4 novembre 1918 par un éclat d'obus qui transperça la jambe droit, la gauche ne devant son salut qu'à la présence, comme mon frère le précise dans son texte plus haut, d'un couteau. Paradoxe de la guerre puisque le 14eme RI est définitivement relevé depuis le 12 juillet 1918 à Ville en Selve puis mis au repos jusqu'au 2 aout à Chigny-les-Roses : « Le 14eme R.I. doit s'occuper du sous-secteur de Montigny [...] Secteur calme où l'armistice trouvera le régiment »⁹¹. Il est vrai que le journal est entièrement occupé par l'armistice et les cérémonies auquel participe le 14 R.I, que Marcel ne connaîtra pas alors qu'il aura accompli depuis le 4 aout 1914 toute la campagne. Aucune mention dans le Journal du Régiment de sa blessure ou de son amputation (*Figure 6*).

La liste de blessés, des disparus et des morts n'apparaît plus dans ce dernier volume et après cette date dans le Journal du 14emme R.I. La dernière liste, sans compter les disparus dont la liste des noms est écrite ici mais dont les corps n'ont pas été retrouvés sur le champ de bataille, est celle du 31 mai 1918 (*Figure 7*).

91 *Op. cit.*, p. 36.

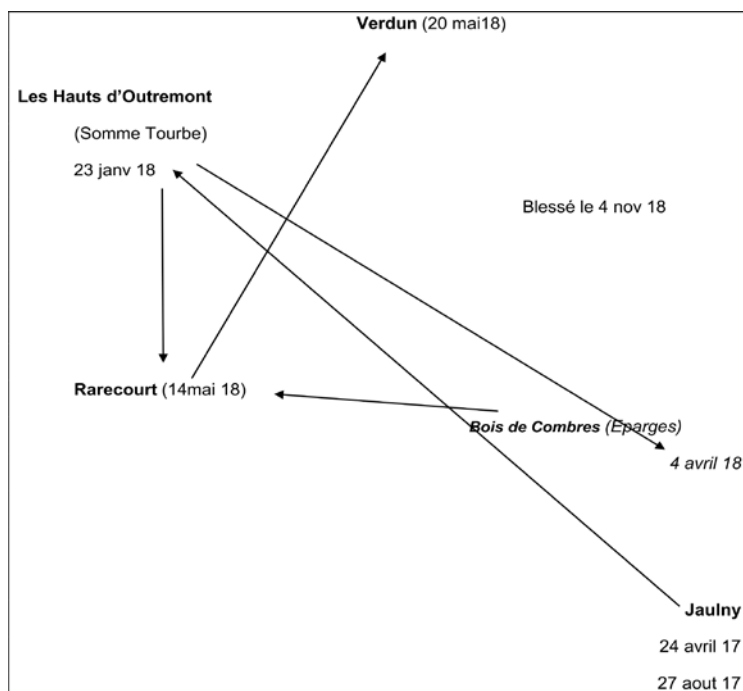
LE CARNET DE DESSIN DE MARCEL PENDANX

Le carnet de dessin de couleur brune, taché, de notre grand père se présente en entier sans pages déchirées, le fil retient encore les pages du cahier central. Il se ferme avec un élastique et un étui ouvert contenait sans doute le crayon. Le dessin est horizontal et le papier est à dessin : il comporte une page de garde au titre *En attendant... ! Souvenir d'un coin tranquille*. Et sa signature manuscrite *M. Pendanx*. Mais si le carnet est retourné la mention, sur la dernière/premier page, on peut lire le mot SOURIRE écrit en lettre capitale à la craie violette dont la couleur s'est répandue sur la page suivante. Sont-ce des dessins pour sourire dans le contexte de l'horreur ou déjà Marcel décide de faire des dessins ironiques en des situations cocasses chute, coup de vent ? (*Figures 8 et 9*).

En haut une oriflamme, non l'étendard du 14eme régiment d'infanterie auquel il appartient mais une femme poitrine dénudée en train de danser, le mouvement de ses voiles révèle tout le corps de son profil élancé. Ce profil dansant avec ses voiles fait référence à Loie Fuller (1862-1928) qui se produit aux Folies Bergères mais pourrait être aussi celui d'Isadora Duncan, même si la gestuelle est trop classique au regard de la nouveauté de la danse libre et nue qu'elle invente.

Les dessins sont réalisés sur une période très courte

- 24 avril 1917 à Jaulny.
- 22 aout 1917 à Jaulny
- Les hauts d'Outremont le 23 janvier 1918,
- Bois de Combres (Eparges) est fait le 4 avril 1918
- 14 mai 1918 à Rarecourt dans la Meuse
- Verdun P.C Scheinnitz, entre les 20-22 mai 1918.



L'INSPIRATION DES REVUES

Eric Deroo m'a justement conseillé de regarder attentivement les modèles de *La Vie Parisienne* et de *La Baïonnette*. Dans *La Baïonnette*⁹², depuis le 15 juillet 1915 il a paru d'abord sous le titre *A la Baïonnette*, un journal satirique qui publie des dessins caricaturaux sur les thèmes « les mamans, les bleuets, la vie chère, l'impôt sur le revenu, les machines de guerre, les stratèges en chambres, les mercantis, les profiteurs, les crises, les riches, la faune du front, les débrouillards, les inventeurs, les bourreurs de crânes, les mariages de guerre, les animaux malades de la guerre, Paris de guerre, nos blessés.. ». Point d'influence ici pour les dessins de mon Grand père qui ne fait jamais de caricatures mais des dessins d'art au crayon gouache et en couleurs.

C'est bien plutôt en effet *La Vie Parisienne* qui est source d'inspiration de ces crayons gouaches. Créée en 1863 mais disparaissant en aout 1914, *la Vie parisienne*, revue humoristique et érotique reparait le 5 décembre 1914 à travers des dessins en couleurs et noir et blanc de femmes dénudées encourageant le soldat. La beauté parisienne de la femme, et donc française face à l'invasion allemande, y est exaltée à

travers la mode : décolleté, sein montré, bas, frou-frou, robe en dentelle.

Ma mère a fait encadrer deux dessins, que ma sœur Isabelle a pu scanner et que nous reproduisons ici, au crayon de mon grand père Marcel Pendanx sans que je sache longtemps qu'il s'agissait de dessins arrachés à son carnet de dessin qui l'accompagnait dans ses campagnes durant la guerre de 1914-18 ! Sur ces dessins « un coup de vent » *Coup de vent le 24 avril 1917 Jaulny* une femme a la robe soulevée par une bourrasque dévoilant, sans érotisme indiscret, les volants. Le thème est très proche de ce que l'on trouve dans *La vie parisienne* (Figures 10 et 11).

Le vent vient érotiser la femme là où en Meuse il refroidit les corps des soldats. Toujours bourgeoise emmitouflée dans des manteaux de figure et dévoilée par la contre plongée du regard, la femme doit offrir ce que l'hiver des tranchées ne peut offrir à la vue. Le coup de vent vaut mieux que le coup de feu ! (Figure 16 - *La vase brisé, Jaulny, 22 aout 1917*).

Le vase brisé peut avoir été inspiré du dessin « un Accident » de Leo Fontan publié dans la *Vie parisienne* en 1916 et qui présente une femme qui relève sa jupe pour rattacher la jarretelle de son bas, avec une légende « Voilà bien ma guigne ! je perds mon bas au beau milieu de la *Vie parisienne*... ».

Mais le dessin de Marcel relève la jupe jusqu'au rang de mouchoir pour sécher les larmes révélant ainsi non plus la jambe mais l'ensemble de l'intimité. A Jaulny, si loin de Toulouse, l'érotisme du dessin vient nourrir le désir en dépassant le trait de la censure des publications officielles (*Figures 19 - Profil perdu Outremont dans la Marne 23 janvier 1918*).

La semaine est calme comme en atteste le journal du 14eme RI, « l'ennemi ne manifeste aucune activité » sinon « quelques rafales de mitraillement sur la droite » des positions et des mouvements entendus, mais pas vus, de « forte patrouille ennemie » (*Figure 17 et 18*).

Marcel gardait-il des numéros anciens de *La vie parisienne* dans sa sacoche pour les reprendre après comme ces modèles ? L'effet de la mode de la femme parisienne est une source ici évidente si l'on compare les coiffes et coiffures (*Figures 20 et 21*).

La mode y est bien présente avec la chevelure rousse et le chapeau, Marcel a une formation de coiffeur obtenu avant sa conscription. Son désir est constant dans tous ces dessins pour des femmes au cou long et à la tenue en chignon, la femme française et parisienne à souhait aucune image de femme de l'est, ni de femmes étrangères.

BOIS DE COMBRES (EPARGES) 9 AVRIL 1918

Il ne se passe pas grand-chose à Eparges en 1918. Le régiment est au cantonnement. Pourtant ce dessin est le plus singulier de la série, proche du portrait de la femme aimée Blanche dont on peut reconnaître les traits. Mais le profil statuaire retrouve une certaine solennité au Bois des Combres, le lieu même des combats les plus vifs comme nous l'avons montré plus haut. Le profil est presque calqué, sans doute sur un modèle, en accentuant les traits du visage et des lèvres (*Figure 24 - Pour une pelure d'orange Le 14 mai 1918 Rarecourt*).

Exercice de la compagnie le 14 mai, mais Marcel se trouve à Rarecourt dans l'ouest de la Meuse :

Nous apportons ici la preuve que Marcel copie exactement le modèle trouvé dans *La vie parisienne*, la pelure de banane devenant une pelure d'orange. La qualité de la reproduction tant dans la posture que dans le regard expressif au cours de la chute pourrait faire croire à un calque appliqué sur le carnet. Pourtant aucune trace de cela sur le carnet lui-même d'une application mais sans doute un talent bien excellent d'imiter exactement le modèle (*Figure 26 et 27⁹³*).

Même si à Verdun tout est plus calme comme en atteste le journal du Régiment, Marcel se trouve dans un poste de commandement comme en atteste la signature P.S. Scheinnitz, affecté sans doute à la circulation du courrier des officiers. Ce dernier dessin avant la blessure lors d'un repli résume la jeunesse et la beauté de la femme : à la fois refuge esthétique, témoin d'un désir renouvelé et volonté de faire une autre scène que celle de la guerre.

2EME PARTIE

JEAN, MON PÈRE

« Raconter le vécu de la guerre n'est pas facile et pas habituel..il y a souvent une manière d'interdit comme si on avait quelque part honte d'avoir combattu pour une injuste cause!!!Bien sur on en parlera ou j'écrirai ... » 4 septembre 2015. Mail de mon père (Figure 24 Carnet Militaire de mon père).

« La Guerre d'Algérie a été pour moi un peu abstraite » (Michel Serres. Pantopie ou le monde de Michel Serres : de Hèrmes à Petite Poucette, 2015, p. 41).





J'écris le 10 décembre 2015 le texte suivant dans mon journal : « Pourquoi mon père ne nous dit rien sur la guerre, sur sa guerre. Dernièrement il me dit avoir honte d'en parler, cette guerre serait finalement honteuse. Cette guerre ou sa guerre. La honte ne se raconte pas. Ce qu'on ne peut dire, il faut le taire, disait Wittgenstein. Du moins voulait-il dire ce qui ne peut se dire, se formuler, ce dont il n'y a pas de mots pour le dire. Peut-être ne parvient il pas à le dire. Car ce qu'il aurait vécu serait intraduisible en mot. Ou du moins en passant sous silence, il alimente notre croyance que le pire aurait certainement été réalisé comme nous l'avions lu dans les dénonciations des tortures, des récits de guerre d'un côté comme de l'autre. Comme le silence de Merleau Ponty devant le fait qui nous rend impuissant de « ces autobus plein d'enfants, place de la Contrescarpe » dans son article du numéro 1 des *Temps modernes* La guerre a eu lieu.

Peut-être qu'il n'ya pas de nom pour sa guerre ? Pourquoi alors qu'il était bien noté aurait-il refusé de rester officier dans l'armée ? Est-ce l'horreur de la guerre ? Ma naissance précipitée ce 24 décembre 1959 qui lui sert à la fois d'alibi au rapatriement en France et de point de passage de la vie sans enfant à celle de famille. Ne pas avoir

été blessé, ni amputé comme le père de sa femme (ma mère) ou ne voulant pas disparaître tué, entre sa femme devenue ma mère et la sienne, veuve depuis l'accident de voiture de son mari, le père de mon père, un grand père inconnu pour moi mais si présent à travers la perception de mon père de ce qu'il devait rester en vie. Ce qui boite, jambe amputée du père de ma mère, se redouble de la mort du père de mon père, ce qui se transmet jusqu'en moi, angoisse de mourir avant Louis comme je le raconte dans le texte suivant « A plat dos ».

Son silence en dit-il long ? Devons nous convoquer nos pères à la transparence, la vérité serait-elle consolatrice. Ne rien en dire, c'est déjà dire quelque chose d'intime, de si secret que rien ne peut s'en échapper mais qui réside bien en nous, enfoui, incorporé. Le corps de mon père aura parcouru la carte, en allant au jour le jour des affectations et missions d'un lieu à l'autre jusqu'à nous rejoindre à Agen. Cette carte du père qu'il m'adresse par son livret militaire, comme mon grand père maternel nous l'adressait en signant dans son carnet à dessin depuis le lieu de son art et à la date des pauses de son régiment. Le déplacement du corps dans l'espace trace ce passage d'un combat à un autre comme d'un lieu à un autre : c'est à la fois un traçage du

mouvement des combattants et la mémoire projetée sur la carte, une forme sensible dont il ne resterait que la géographie, une carte sans histoire si incorporée dans leurs mémoires. Je te montre les points sur la carte mais je ne te dis rien de ce qui s'est passé pour moi, en moi, de ce qui en reste en moi, un ensoi sans pour soi.

Ne partager que la carte, le nom des villes nous projetant l'imaginaire là où leurs mémoires les maintiennent dans les fantômes ou les djinns du désert algérien. Cette carte géographique est-elle celle du sensible, ressentie encore aujourd'hui ? La carte du père m'indique la voie à suivre où il faudrait aller moins de l'errance que du chemin points en points. Le bateau, le train, l'avion, les marches dans le déserts, tenir une position sur un piton rocheux, suite le gazoduc. Se tenir dans le silence c'est ne pas le dire encore, le temps viendra.

Suite à notre entretien du 22 février 2016 et ma prise de notes, mon père me donne cette version écrite :

De novembre 1957 à mars 1960, 28 mois sous les drapeaux !

Au terme de quatre mois de « classe » au 126^{ème} RI de Brive, je suis admis à suivre le peleton d'EOR à Coetquidan.

Cinq mois plus tard, je sors avec le grade de sous-lieutenant et choisis à l'amphi-corps l'affectation au 4eme Zouaves à Bizerte (Tunisie) manière de différer un peu l'entrée directe dans le conflit algérien.

Ironie du sort, sitôt arrivé à Binette (en civil et en rasant les murs, car les évènements de Sakiet Sidi Youseef étaient encore dans tous les esprits) mon colonel m'envoie à Alger (en fait à Ben Aknoun) pour effectuer un stage de formation d'officier Transmissions.

Deux mois plus tard, à mon retour à Binette, j'apprends que notre bataillon quitte la Tunisie pour l'Algérie. Nous sommes en février 1959 et à ma demande je rejoins le 1^{er} Bataillon du 4eme Zouaves installé à Msila sur les chantiers de l'oléoduc Hassi Messaoud/Bougie/

Cette fois ça y est c'est djebel à la tête d'une section de la 3eme compagnie entre les PK 61 et PK 69 afin de surveiller et protéger le chantier de la SOCOMAN. Un mois plus tard je reçois l'autorisation de me marier et rentre en France pour dix jours/

A mon retour en Algérie, mon colonel qui a reçu entre temps mon dossier militaire découvre que je suis en fait l'officier Transmissions qu'il attendait depuis six mois.

Je prends aussitôt les choses en main au PC transmission laissé un peu à la dérive depuis quelques mois déjà ! Travail technique d'organisation et de prévision, élaboration d'un O.B.T. ('ordre de base pour les transmissions), renouvellement des matériels radio, bref une vraie responsabilité opérationnelle, qui semble avoir à ce point ravi ma hiérarchie qu'il me fut proposé de « rempiler » pour préparer éventuellement l'Ecole d'Etat Major.. loin de moi une telle perspective.

L'Oléoduc parvenu à Bougie, après une escale à Akbou dans la vallée de la Souman, le bataillon rejoint le massif des Madid dans le Hodna et participe aux opérations de bouclage visant à venir à bout de la Willaya 3, celle d'Amirouche le quel y fut d'ailleurs tué.

Tout au long de ces mois de conflit, je n'ai pour ma part jamais eu l'occasion de tirer le moindre coup de feu ; comme si j'avais été par bonheur et par hasard sans doute à côté de cette guerre. Il est vrai que notre bataillon n'a jamais été alors, au contact direct.

Je n'ai donc pas eu directement la vision de la violence qui se déchaînait pourtant de part et d'autre. Je n'avais pas une claire conscience alors des enjeux politiques, j'étais embarqué comme tant d'autres dans cette injuste guerre qu'on ne savait pas encore appeler par son nom.

« La reconscience est toujours en retard » disait Marcuse. J'ai été politiquement en retard dans cette cruelle épreuve... Ce fut ainsi.. j'avais 24 ans !

Oh bien sûr j'avais cependant conscience du danger permanent, notamment quand je devais partir en jeep à Setif pour des échanges de matériels divers, en passage par le défilé BBA (Bordj Bou Arreridj) où bon nombre d'accrochages ont eu lieu, mais ce ne fut jamais le cas pour moi en dix mois de va et vient...

Une seule intervention directe survint lorsque le 25 décembre 1959 vers 23h un tir nourri de fusils mitrailleurs arrosa copieusement mais grand dommages, nos baraquements depuis le piton qui surmontait notre P.C.

La réplique de notre artillerie de campagne fut immédiate tant nous avions méthodiquement repéré les points hauts les plus menaçants.

Ce soir là tu avais un jour et en raison de cette naissance il m'était permis de retravareser la Méditerranée.

Je quittai donc Alger sur le Kairouan le 1^{er} janvier 1960 et comme il ne me restait que quelques semaines de service, je fus affecté à la CCAS (compagnie de commandement, d'appui et de services) de la caserne

de Valence à Agen où je m'occupais de la surveillance des points sensibles de la circonscription

Le 4 mars 1960, « rayé des contrôles », j'étais invité à regagner mes foyers.

Une page était tournée dans cette « histoire du soldat » qui me servirait cinquante six ans plus tard au petit enfant venu la veille de Noël, mettre un terme à é ma guerre d'Algérie », à ce petit enfant devenu grand de dresser aujourd'hui sa « carte du père »...Merci...Professeur !

Jean Andrieu 28 février 2016.

Ce 22 février 2016 dans le grenier de mon père, avec lui et sa femme Eliane, nous cherchons cet Album dont mon père me dit n'avoir retrouvé que la couverture persuadé que l'Album existe, ce serait ma mère qui l'aurait confectionné, ma mère qui m'assure aujourd'hui ne pas l'avoir et surtout qu'il n'a jamais existé ! Que peut contenir cet album constitué dans la naissance de notre famille au point que maman me dise ne l'avoir jamais vu alors qu'en fait, une fois découvert, elle l'avait constitué à l'identique de mon premier album que j'avais récupéré à la séparation de mes parents ! Leur histoire d'amour, leur jeunesse, le temps du mariage, du 1^{er} enfant, du voyage en Algérie, de la naissance séparé l'un de l'autre par la guerre ?

Là un carton encore fermé avec écrit, comme sur mes cartons d'archives, « Manuscrits + VHS ». J'ai le sentiment qu'il est là, l'intime n'est pas loin avec ce style de mentions sur les cartons de déménagement, le document de première main est certainement dedans. J'ouvre mon vieux couteau suisse et je tombe effectivement sur des VHS mais j'aperçois une couleur ocre ou marron comme le cuir d'une couverture de livre. La main s'y plonge mais il s'agit d'un objet plus long une enveloppe de kraft devant les yeux ébahis de mon père et de sa femme. « Miracle » exulte t-il ! l'habitude plutôt de fouiller dans les cartons d'Archives m'a fait le reconnaître. C'est au fils de ressortir l'histoire de guerre du Père. Histoire jamais raconté malgré mes nombreuses relances.

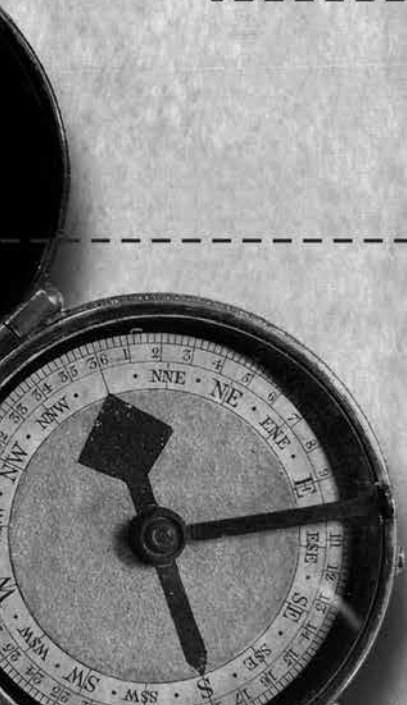
Tout commence ce matin là avant la recherche physique de l'Album par un entretien en bon uniforme ; papa à son bureau avec ses notes numérotées sur ce qu'il allait enfin me dire de la guerre d'Algérie, de sa guerre à lui. C'est aussi le récit de mes origines, hanté par la rencontre de mes parents, leur mariage, leur première union qui donna lieu à ma naissance en pleine guerre, lui à la guerre, elle seule à Agen ce 24 décembre 1959.

Ma mère était déjà enceinte sans doute 3 mois de lors de sa venue à Akbou en Algérie le 9 juillet à

l'Hôtel du Sahel au regard de la date de mariage le 7 avril 1959 dans le cadre de la permission de mon père du 4 au 23 avril. Au téléphone elle me dit c'est un temps où « on s'aimait », elle me le répète plusieurs fois avec une intensité jamais entendue encore venant d'elle.

3EME PARTIE

À PLAT-DOS





Jusque là je ne m'étais aperçu de rien. Comme si la modification de son comportement ne devait m'apparaître qu'après coup. Des amis venus manger l'été précédent me déclarèrent, après son geste, avoir aperçu un manque d'attention au présent, une absence de présence.

Ce devait être au mois d'août, nous avions mangé en terrasse à l'arrière de la maison. En juillet nous avions gagné un voyage à Londres en répondant à un jeu d'une marque de pellicule photographique dont nous faisons beaucoup de consommation depuis la naissance de l'enfant. Son absence était déjà là, j'arpentais Londres avec lui du Zoo au bac à sable de Regent Park sans qu'elle n'ait jamais envie de le prendre une heure ou deux pour que je puisse explorer une librairie féministe tenue par un couple d'homosexuelles et qui possédait tous les ouvrages sur l'histoire du corps. Je cherchais encore cette histoire alors qu'elle devait se révéler déjà là.

Di Roberto, Philippe et Guy avaient perçu ce mois d'août ce qui demeurait invisible mais pas supportable. Je le portais déjà sur mes épaules jusqu'à l'endolori. Cette douleur si masochiste compensait son alanguissement, sa désertion chez Harold's. Je ne parvenais plus à la voir trop préoccupé par les disputes de bac à sable d'enfants

anglais qui défendaient leur territoire à coup de ballon frôlant son corps. Une telle haine m'était inimaginable : comment pouvait-on délimiter un territoire anglais contre un français de 3 ans, au point que nous devions fuir sans parvenir à une réponse à sa question répétée : Pourquoi ils sont méchants ?

Je n'ai jamais su pourquoi les autres étaient méchants. Ou plutôt je demeurais insensible à moi-même, faute de me représenter ou mieux de vivre des sentiments consciemment. Peut-on éduquer un enfant sans la sensation du mal, du moins de son existence ? Il avait été protégé sans qu'aucun méchant n'ait été encore introduit dans ses contes, histoires.

Après Londres, le mal fut introduit dans la maison. Peut-être y était-il déjà. Percevoir le mal des autres devait nous préparer à découvrir notre propre méchanceté ou le mal qui ronge les êtres aimés. Il était déjà tombé, elle l'avait laissé tomber, je le vois tombé si près et si loin, à quelques mètres dans cette distance effrayante de la proximité.

Le canapé disposé au milieu de l'immense séjour devait délimiter un salon face à la baie vitrée. Dans l'oblique, la cuisine récemment aménagée. De sa table octogonale, je lui faisais, pour une fois, dos. Mais son regard devait le surveiller de cette

anticipation maternelle. Prévoir la chute en le voyant tomber, elle ne pouvait plus l'imaginer. Quand il tomba du haut du canapé sur le carreau, je compris qu'elle ne le voyait plus, qu'elle devenait aveugle de l'intérieur, son esprit occupé par un corps absent.

Dans notre premier appartement, résidence Iraty, la moquette l'avait mieux protégé, même si pour les deux fois je l'avais amené à l'Hôpital de Bayonne au service des urgences pédiatriques. " L'avez vous vu tomber " me demanda l'interne de garde. Justement. Ne rien voir mais ressentir que quelque chose ne va plus, sans avoir d'autres preuves que la chute de l'enfant. Je ne l'imaginai pas comme possible mais dès le retour de la mère et de l'enfant, et bien qu'il fallait, comme indiqué par le pédiatre, laisser l'enfant seul dans sa chambre, je m'allongeai à même la moquette du couloir pour le veiller. Déjà profondément angoissé, source de mon amour, de le perdre de vue, de la voir mourir avant moi.

Aujourd'hui je prends toutes les précautions pour ne pas mourir avant lui, qu'il ne se réveille un matin dans notre appartement nancéen de la rue Isabey avec un père mort, le frigo plein de yaourt vanille et fromages accessibles, la corbeille de fruits composée de bananes, mandarines, pommes pour la faim immédiate, le tiroir rempli de gâteaux dans leur

sachet individuel. Répondre au téléphone matinal de sa mère, tourner la clef de la porte d'entrée, mettre ses chaussures, ouvrir les bouteilles d'eau, petit manuel appris par la répétition quotidienne des gestes, sorte de kit de survie à la mort du gardien. Celui qui a la garde se doit de maintenir la vie, d'aller, comme me le téléphonait hier soir Francis, dans la pulsion de vie, de préférer la vie à la mort, ces détails qui maintiennent dans la vie parce que nous ne sommes plus sûrs d'être encore vivants.

Chaque geste quotidien, répété et mémorisé sont des moyens pour Louis de vivre sans moi. Apprendre chaque jour à se détacher, à vivre sans moi, c'est décider de vivre sans lui, de savoir qu'il partira la retrouver, celle qu'il croyait perdue. Il l'a longtemps cherché pas seulement des yeux mais en lui-même. J'observais son absence en lui à la plage. Nous partions souvent lui et moi, à la marée basse pour rencontrer quelqu'un ou du moins des crabes insaisissables, une étoile de mer échouée. Je trouvais toujours des coquillages là où les touristes passaient sans les voir mais je n'aperçus sa tristesse et son absence qu'au détour d'un signe particulier. Il regardait en sa mère, il était immobile et captivé de l'intérieur plutôt que fixant l'horizon marin. Je savais ce qu'il avait pour le traverser chaque jour vers 18 heures au point de devoir prendre un bain chaud,

un apéritif ou un lit pour attendre que le sentiment de vide ne fasse plus sensation dans mon corps. Comme un parent qui croit voir en son enfant une partie de lui-même, je décidais moins de la combler que de la remplir d'un coquillage ramassé. A plat dos, il me raconte son rêve, pour te recouvrir de sable sur la plage de Biarritz. A plat dos plutôt que sur le dos, dans ce corps retourné des deux côtés comme pour m'indiquer mon état, sinon mon être.

Elle n'aura rien donné pour payer les impôts. J'ai dû vendre la voiture, vivre de liquide jusqu'à vivre de rien, 1franc20 en poche, me priver de tous livres-journaux sans que Louis s'en aperçoive, cinékid à 10 francs ou faux lego. Toutes ces épreuves m'ont permis de faire le tri de ma famille. Mon frère m'a aidé. Notre famille n'a pas de sens. Morcelée et séparée, plus personne à Noël, " plus rien ne sera comme avant " dit ma mère. Cette crise aura sauvé l'essentiel, trouver le sens de l'économie, se séparer de l'inutile, mesurer combien le sexe, l'argent et le pouvoir sont liés dans l'orientation, l'intensité et la nature de mes relations affectives. Y-a-t-il un amour désintéressé qui ne cherche à obtenir de l'autre satisfaction ? Restaurer les frontières, délimiter mon argent de celui des autres, ne plus vivre jamais à découvert, maintenir le secret, tenir ce journal, pour autant que je parte avant Louis et qu'il trouve du goût et de l'intérêt à l'établir.

Rien n'est moins sûr. Le vif de l'intérêt se mesure à la présence, à la valeur immédiate de la rentabilité. L'ascèse et la privation économique déconstruisent les liens avec les autres, de quoi parlons nous si l'argent, le sexe et le pouvoir ne sont plus engagés et engageant. Je m'intéresse chaque jour, au regard des températures de la météo (7° à Nancy, 17° chez sa mère à Biarritz) sur la Justice, le Bien et le Mal, le Pardon à accorder à l'autre, l'impossibilité de la réconciliation, mon orgueil à me maintenir sur des principes qu'elle n'aurait plus.

Tous ces évènements me précipitent vers la profondeur. Comment toucher et être touché, traité de l'affection et de la désaffection ? Se reconstruire a peu de sens plutôt se relier aux autres par le travail, l'écriture, le commentaire, des tâches toutes matérielles. Reprendre pied. L'absence, plus que le manque d'argent, fait découvrir la valeur temporelle, comme le disait déjà Marx, de l'argent. Chaque franc est un présent au double sens du terme, la garantie d'obtenir de l'échange, une présence, une marchandise, une matière. Chaque achat suscite un attachement intense afin de nous faire croire enfin en la présence du monde.

En retrouvant du goût pour les autres plutôt que de souffrir de leur invasion, il convient de négocier, de poser des frontières aux lieux, aux ordinateurs,

aux correspondances, aux *secret-lives* qui ne la concernent plus. En fouillant dans mes *e.mail*, les imprimant et les donnant à son avocate pour monter un dossier crapuleux contre moi pour le reprendre, elle m'a atteint au vif du sujet. Qu'elle ne donne rien, l'habitude paraît légitime, mais qu'elle prenne ce qu'il reste de moi, ce que je croyais être un moi-même, une identité première, un noyau autour duquel toute l'écriture scientifique sur le cerveau et le corps n'est qu'une surface sublimatoire provoque un évanouissement, ce moment physique et psychique de la disparition de soi par l'autre. On peut tuer quelqu'un économiquement mais plus sûrement en étalant au regard de la loi ce qui serait anormal, une correspondance indiquant virtuellement un imaginaire érotique intense de possible.

Vouloir contrôler, utiliser pour un chantage juridique ce qu'on croyait être sa vie privée nous prive de la vie, de ce qu'on avait caché moins aux autres que ce qu'on s'était constitué comme une réserve, une réserve de soi. Son absence de réserve envers moi me précipite, cela représente-t-il un mérite pour légitimer cette écriture, dans ce journal. Le droit donne-t-il tous les droits ?

Mon amour est parti avec son concubin, caché et découvrant lui aussi, notre vie secrète. Je devais

l'accueillir chez moi dans la mesure où il savait qu'elle me voyait, elle changeait un homme par un autre. La vie nous lance dans un temps sans retour, comment parvient-il à faire des jeux sans même les comprendre. Comme moi. Il est inquiet que je ne vienne plus à Biarritz et me demande si à 3 ans j'aimais maman : " c'est de ma faute, je t'empêches de travailler ". J'ai un dégoût au bord des lèvres rien qu'à retourner dans le Sud Ouest.

A Biarritz, les glaces de Monsieur Lopez sont les meilleures. Revenir sur nos pas pour retrouver le passé est une illusion. Les glaces de M. Lopez sont meilleures qu'avant. Sevré par l'éloignement, déambuler le long de la plage définit bien un chemin sans parvenir à le suivre. Le sol est bien là mais la dérobade est en moi. Louis se dirige vers la petite plage abritée à marée basse. Les coquilles d'oursin ne sont pas encore déposées, seules les spirales au terme du ressac paraissent nous attendre. Les pas comme les gestes retrouvent les endroits et les touches mais plus rien ne m'atteint, impression de jouer sans vivre. Chacun me reconnaît alors qu'aucun apaisement ne se produit à les revoir. Les nouveaux propriétaires de notre maison ont coupé le chêne que j'avais conservé. Faudra-t-il ne jamais revenir, éviter la cause du déchirement afin de ne plus le répéter ? Le moment est venu de partir tant le passé nous imposerait

les lieux et les circonstances si nous continuions à retenir la vie. La souffrance ne signifie pas sa douleur physique mais présente le vide présent comme une nécessité à combler. Rien n'y parvient.

Ai-je encore un chez moi maintenant que ma vie intime, privée a été ouverte en volant et en imprimant nos mails ? La limite est franchie. On se croit à l'abri de l'obscénité des autres, mais cette transparence me laisse plus nu qu'avant. Je me préservais d'un jardin secret inavouable et rien que la virtualité de son écriture aura provoqué ce dossier de moralisme contre moi ; leçon de morale d'une amie qui sait déjà tout sur ce que doit être un père alors qu'elle-même a quitté enceinte celui de sa fille. Le courage n'a plus beaucoup de valeur. Lettre de réponse à la menace de présentation du dossier dans laquelle mon avocat dénonce le vol et l'atteinte à la vie privée. Le dossier est retiré trois jours avant la mise en instance.

Hier soir, première soirée avec des amis au restaurant de la Grande Rue. Première sortie aussi sans lui, sa mère le garde grâce à son congé maladie après l'emboutissement de la Mercédès par deux camions rabattus sur son corps endolori jusqu'à la torsion du cou. Attablé le dos presque tourné à la salle, je parvenais à l'oublier dans une conversation, quand au détour d'un regard j'aperçus la concubine

avec un homme plus âgé, endimanché, au corps laborieux et aux mains musclées. J'aurai du la reconnaître sans pourtant l'avoir jamais vu autrement que dans son désir vorace de se jeter hors de lui dans mes bras. Elle n'a pas vu que je l'avais reconnu immédiatement, elle paraissait le dominer déjà toute paré d'un collier offert sans doute pour la Ste Estelle de ce Vendredi. Quand m'a t-elle vu, je l'ai su que dans le changement de son corps devenu aussi crispé, que celui accidentée de la mère de Louis, refusant de me regarder devant lui, désormais chassant les détails de mon visage. J'étais jaloux de les voir ensemble, de la savoir si près et si loin de ce qui avait été nous et de ce qui aurait pu devenir sans la double découverte de notre correspondance. Je souffre de la savoir aussi malheureuse que moi avec autant de fierté à se perdre de vue là où l'évidence de nos expériences nous lie à jamais. Aucun de nous n'a eu le courage de croiser les regards. Puis ils ont disparu après le dessert, je le les ai pas accompagné, pris par la conversation et le vin. Je l'ai perdu pas seulement de vue. L'enfant m'attendait endormi contre sa mère. Elle aussi, elle le perd pas seulement de vue, toujours entouré de ses pensées. Sa présence quotidienne ne le rassure pas autant que sa présence physique. Sa fatigue diminue son maintien.

Il me tire la main, tout son corps est penché vers l'avant au point de ne rien voir de la circulation.

Il la voit de l'autre côté de la rue. Il prend le parti de la mère avec qui il est toujours d'accord. Il faut s'entendre, me dit-il, vivre tous les trois. Peut-être a-t-il raison ! Pourquoi céder à l'illusion que j'aurai raison, comble de l'orgueil que de se croire juste là où l'on est, à l'évidence trahi par l'inclinaison des corps. Et si ce divorce et cette garde abandonnée par sa mère n'avaient été qu'un mode de séparation pour indiquer mon impossibilité de vivre avec la mère, de lui laisser un espace, de vouloir prendre toute la place. Ce profond sentiment que la mère m'emprisonne, m'étouffe, ne parvient pas à me maintenir dans le lien. Sa façon de lui monter dessus, sur les épaules en piétinant son visage et sa passivité sinon sa passion à tout accepter de lui, comme si aucune limite ne devait ou n'avait jamais existé, voilà qui m'est insupportable. N'aurais-je fait que les séparer pour mieux les réunir. Je ne suis pas parvenu jusqu'en elle. Lui provient du dedans et désire à l'évidence y revenir de gré ou de force. Illusion paternelle de proposer le savoir en contre-partie de l'expérience.

Seul sur la balançoire, les yeux dans le vide, éloigné du groupe, est-ce lui qui se met tout seul, son absence est toujours présente en lui.

Pas de haine mais pas d'amour non plus. De l'ataraxie prise pour de l'indifférence à moins

que ce ne soit le contraire : il faudrait manifester ses sentiments comme l'indiqueraient les signes amoureux. L'amour n'existerait qu'à se dire. Ne plus répondre au désir de l'autre que l'on croyait jusque-là le sien sans savoir ce que l'on désire. Est-ce du machisme et de la phobie, faute d'être parvenu à la faire jouir ? Faire jouir l'autre, impératif de l'homme libéré, degré mesurable de ce qui serait l'ouverture de son désir au désir de l'autre. Je ne fais pas plaisir. Il faudrait être intéressé par quelqu'un plutôt que susciter l'intérêt, convertir l'intérêt suscité en son propre intérêt. Parvenu au dégoût des autres, peut-être parvenir par petit bout comme après une longue diète, à renoncer, à reprendre goût. Se lever le matin sans cette aigreur intestinale que le café et le pain beurre rendraient légitimes.

Sa passivité le pousse vers moi, quand le déclin progressif de la fatigue le fait tourner en rond décrivant des cercles de plus en plus concentriques autour de moi. Le contact est imminent, chacun en ressent la nécessité l'un pour l'autre pour s'y soutenir, à moins que ce ne soit le contraire. La tristesse plus que la fatigue le traverse, la consolation sera-t-elle suffisante pour dire son absence ? Un court instant j'hésite à lui dire chaque fois la vérité de son absence, de mon incapacité à être la mère malgré tout mon corps n'y suffit pas.

Mais plutôt que de rester là, prisonnier du creux, je propose une lecture ou un jeu : il veut toujours le même pas tant pour s'y retrouver que pour sans doute mesurer ses progrès et les déplacements des soldats multicolores sur la carte du monde ; aucun de mes soldats ne parvient à tenir debout, tous les continents sont sa maison, aucune terre viable pour une éventuelle conquête. Puis je devais tout de même lire le nom de chacun de ses pays alors qu'il les reconnaissait par cœur comme pour vérifier que là au moins sur la Terre rien n'avait changé. Il ne comprend pas pourquoi dès lors l'océan devait être Pacifique là où la Terre est de feu.

Si rien ne me touche, désir exacerbé de la toucher, de l'ouvrir, d'atteindre l'autre à proportion de son absence tactile en moi. Intouchable je l'étais avant dès lors qu'une femme me caressait rendant insupportable le moindre affleurement, transformant l'attouchement en brûlure. J'en conserve l'intensité dans l'éjaculation buccale de mon sperme écoulé au cours duquel mon corps brûle tout entier ne m'embouchant qu'à l'extrême sans abandonner le reste, éblouissement et inconscience se conjuguant avec l'embrassement de l'organe. Point d'origine sensuelle plutôt immédiatement atteint sans étapes, passant de la surface à la profondeur sans paliers.

Le blottissement matinal de Louis contre moi dans le lit, sa façon depuis toujours de “ faire contact ” comme le décrit sa mère en touchant par ses pieds froids une partie du corps de l’autre, se blottir lui fournit une échelle sensorielle multiple afin de ne pas le laisser, comme ma mère nue et exposée, dans la vue.

Le sablier est transparent, rempli d’un liquide bleu sans doute de l’huile, sa graisse appesantit le temps. Au moment de le retourner il me dit : “ le temps est arrêté. Arrête toi ”. Je lui réponds que le temps ne s’est pas arrêté mais la mesure du temps. Mais il me saisit le bras et m’enjoins de m’arrêter. A l’école ils jouent à un, deux, trois soleils, il faut s’arrêter sinon le joueur est renvoyé à la niche. Le temps ne s’écoule pas, seuls les corps bougent et sont cristallisés par le regard de l’autre. M’arrêter, ne plus confondre paresse et l’ennui comme le dit Nanni Moretti dans *La chambre du fils*, je ne m’arrête pas de travailler, d’écrire jusqu’à ne jamais parvenir à combler le vide, ou du moins son angoisse qui me plie en deux par le ventre vers 18 heures au point de couler dans l’eau d’un bain brûlant. En confondant le temps avec sa mesure, il m’indique ma propre confusion, fuite en avant. Être mouvant sans déliquescence, parvenir à rester le même dans la même place tout en s’y déplaçant par la variation des points de vue, des objets. Il m’assimile au temps

qui passe, il découvre qu'on peut en mourir, qu'il faudrait en rester là, ne pas vieillir, taper du tambour en refusant de grandir. A l'intérieur l'huile ne coule plus, le bleu de la mer est stable, il faudrait ne rien retourner, déménager. Peut-être suffit-il d'arrêter les sabliers pour que le temps ne coule plus, être contemplatif comme sa mère afin de ne rien laisser passer. Moins revenir comme avant que supprimer ce qui aura produit entre l'avant et l'après, que l'amour demeure sans son usure par le temps.

Je suis le sablier, celui qui mesure le temps, qui le distribue, organise le temps des autres là où Louis voudrait rester jouer dans sa chambre ou avec ses soldats dans la salle de jeux. Egrenier le temps, devenir sablier plutôt que de vivre le présent et la présence, et retenir ce qui s'écoule en moi d'énergie, de pulsion afin de se contenir, rien ne sort du sablier, le trou assure un circuit fermé des fluides, recyclage des formes sans renouvellement de la matière. Corps sablier plastifié de préservatifs, stérile et clos qui ne donnerait rien de sa matière autant par peur des virus que par l'inquiétude virologique de la présence des autres. L'obsession du corps de la mère nue, sa toison noire sous l'éclat du soleil de Labastide du grand-père amputé à Verdun, remue les fluides d'une récréation perpétuelle. Les formes et les compositions de l'huile varient faisant accroire en leur nouveauté mais la

viscosité de ce sable est aussi épaisse que celle de ma crème intérieure au creux de ma main.

Il s'ennuie avec elle. Il a cherché à me téléphoner en Allemagne. Il me l'a demandé dans sa voix et dans son message : où tu es ? Où suis-je ? avec lui, sans lui, hors de lui, loin de lui, distance et proximité du couple mère-enfant qui ne suffit pas sans le tiers, la perte en soi est sûre. J'ai senti son désir de me rejoindre hier soir moi qui ne pouvais là le rejoindre. Son inquiétude transforme sa voix, rend sensible l'absence de l'intérieur même de la matière du corps, sorte de voix blanche et indifférente qui s'empare du téléphone pour se réassurer d'exister, comme pour s'entendre dire que tout va bien. Ma voix le rassure-t-il ? Parvient-il à trouver un équilibre dans sa sonorité ? Qu'est-ce qui résonne en lui sinon cet abandon, lui certifier que je ne le laisserai jamais tomber, ma hantise de la chute, de sa blessure forçant la surveillance à se confondre avec l'anticipation.

Il bouge tout le temps. Moins l'instabilité se ressent plus l'inconscience le conduit à agir. Mais cette activité est si désespérée qu'elle attend tout de l'autre, son regard, son intérêt. Plus qu'en retrait, le corps est jeté en avant dans une sorte de déséquilibre, à défaut de se contenir, les autres devraient le retenir. Ce passage de la retenue au contenu aura

pris deux ans sans être assuré de la contenance de son corps. Son équilibre sur la planche puis sur les patins fait accroire en une stabilité effective entre les deux mondes, le sien et celui des autres. Ou plutôt devenu automobile, le corps parvient jusqu'à lui en se procurant des émotions par la vitesse et la chute. Désormais le dessin de l'île sépare la terre de la mer, la boussole étoilée borne et le tracé d'un chemin aboutit à une croix centrale, lieu du trésor moins perdu que désigné. Situé dans l'espace et orienté vers son trésor, l'aventurier invente son chemin.

La peur de la chute n'est plus ressentie par lui mais des deux parents présents sur la Place Stanislas à Nancy aux tables installées pour l'été, je ressens encore la blessure possible du plus profond de ma chair, comme une partie de moi-même. S'il est sorti de la mère, parviendrais-je à le faire sortir de moi, à le laisser exister hors de moi. Protection illusoire de la précipitation, manifestation d'une présence, le mouvement m'indique le degré de vitalité de son corps. La modification de sa tonalité augmente leur écho, imposant le geste là où la parole consolatrice aurait suffi. Le contact pour lui confirmer mon attente.

Etre touché de l'intérieur trouve dans l'inquiétude un apaisement tout provisoire. Tout

autant contemplatif et enivré par la bière Blanche, je m'aperçois de mon souci pour Louis, esseulé face à terre aux Musées des Beaux-Arts, les autres clients nous regardent. Je devine leur malice d'un père se précipitant pour rien mais je ne vois qu'elle impassible, reine grisée du roi de la Place plutôt que mère attentive. Trop d'attention pourrait le tuer une seconde fois, difficile distance physique à régler à chaque instant entre le désintéret maternel et l'absorption autistique. Le goût des autres c'est aussi reconnaître que les autres ont du goût. Plus seulement cannibale l'amour peut-il être autrement ? Maintenir la distance, conserver une vie secrète, n'accorder sa confiance qu'en renonçant à ses désirs, paradoxe d'une vie sans les autres afin de ne pas demeurer affamé/afemmé. Vidés de la substance féminine, les garçons, comme elle nous appelle, ne sachant s'il s'agit là du sexe ou des deux enfants, retrouvant le second évidé.

Sa première dent est tombée et la fée est passée cette nuit lui porter une pièce de 10 francs sur laquelle figure encore l'effigie féminine de la République. La dent qui pousse la dent, le sens pousse partout, carte, territoire sur lequel Pérou, Inde, Brésil apparaissent, le voyage est possible sans souffrance de l'abandon, sans certitude de trouver le trésor.

Je rêve aussi de nouvelle femme, peintre aux cheveux longs, comme celle du tableau d'Uria Monzon représentant ma mère nue aux cheveux noirs, tableau vendu par ma mère à un brocanteur, tableau perdu d'une mise en scène de mon corps. Je le vois toujours dans mes rêves, source de recomposition de la femme aimée et sans doute aimante. Elle nourrit ma force de vivre, faisant croire par son image en son existence autre que celle d'un souvenir. La mémoire revient dans mes rêves et elle me sert de boussole pour définir ce que je désire, ce qui serait un désir personnel si cette expression a un sens tant il est composé des images incorporées. Aimer peut-il être autre chose que désirer le désir des autres pour nous ? Ou du moins ce que nous croyons l'être. J'ai longtemps cru que mes parents avaient du désir pour moi au point d'avoir pu leur faire plaisir. L'illusion a tenu le temps du mariage et des concours. Mais les déliaisons, les séparations et les éloignements étirent le temps du désir dans son espace. Les indifférences paternelle et maternelle, l'extrême solitude, le désarroi économique et la séparation de tous les biens matériels me laissent désormais locataire de l'existence. Faut-il être le propriétaire de soi-même et des autres ? Envie de ne rien acheter par dégoût, je me réfugie dans le quotidien des livres et de l'écriture, me tourne davantage vers la musique.

Sa façon de m'attraper le bras pour le tirer vers son ventre, s'agripper en se calant le dos contre moi, de prendre le doigt de la main pour lire chaque mot du livre, sa volonté anticipant mon adaptation au présent, forme de captation plus que ravissement où la fatigue tient lieu de guide, mon buste dossier soutenant son corps qui s'abandonne contre le mien comme lové dans la concavité ainsi formé par l'embrassement. Ce plaisir je le retrouve en lui là où je l'avais si recherché contre sa mère dans la position favorite de ma nudité dressée et calée là où son dos se divise, mon bras sous son cou moins enlacée que repliée contre elle, seul moment d'apaisement et d'abandon.

Etre dans le dos mais aussi sur le dos, forme si bien décrite par Michel Tournier, moment où l'amour prend corps sans parvenir à l'intérieur de l'autre, soit par son refus, soit par son désir d'être seulement contre. Une présence chaleureuse et énergétique où l'essentiel est de se toucher sans attouchement comme pour se garantir que l'autre n'est pas absent. En dormant très rapidement seul sur le canapé, faute de trouver parmi beaucoup une forme d'apaisement contre elle, j'ai cru oublié ce goût du toucher jusqu'à souffrir de son absence. Ce qui nous touche nous atteint, vient modifier d'abord l'intensité mais aussi la certitude d'exister séparément. L'incertitude de

toucher nous rappelle les autres déposés en nous, cette mère intouchable mais spectaculairement touchante, retournant la main sur mon plaisir plutôt que sur le sien, ou plutôt désormais si éloignée l'écriture aurait pu suffire à la rejoindre si elle avait lu ce désir et ses fracas sur mes idées et désormais sur mon existence. Ce corps dispersé, ce corps à soi, cette chair si recherchée et hors d'atteinte.

“ On est divorcé ” me déclare t-il pour expliquer pourquoi sa mère ne vit plus avec nous à Nancy. “ Quand je suis né, mes parents s'aimaient. Maintenant ils ne s'aiment plus ”. Faire corps dans la séparation comme il le fait en faisant contact avec les pieds contre le corps de sa mère. Il cherche mon regard dans mes lunettes de soleil et aucune mimique et expression de mon visage ne parviennent à le rassurer. Le signe corporel n'est pas décodable, il ne l'atteint pas, seul le regard le touche paradoxalement. Forme de réassurance, certes mais lien organique de la présence comme si nous n'étions assuré de rien, rien ne paraissant suffisant pour durer dans l'existence. Perdre le contact serait perdre l'esprit.

La vie continuée. Je parviens à distinguer le bien du mal, à me séparer sans trop en souffrir. Ensemble nous parvenons à préserver la paix et l'avenir par une succession de questions indéfinies qu'il me pose.

Entouré de toutes ses questions sur les insectes comme sur les avions, je me crois obligé de lui répondre précisément, convoquant l'encyclopédie. Savoir pour deux, et même pour trois, la tentation est grande de croire que l'on peut répondre à tout. Louis digimone. Comment se transforment-elles toutes ses créatures de l'esprit, tous ces digivirus qui envahissent nos ordinateurs ? Vivre nous transforme et se transformer c'est vivre, rien ne s'arrête, changer de niveau, de taille, de corps. Pas seulement vieillir mais réagir à l'environnement en devenant un autre, avoir en soi la possibilité de changer de niveau et de réalité. Se réfugier dans le système digimon pour maîtriser leurs noms, leurs définitions. Ce contrôle du temps de la vie développe chez lui une communication avec un autre monde : " Ce n'est pas la réalité " dit-il moins par regret que par lucidité. La réalité nous transforme t-elle, devenons-nous différents, sommes-nous capables de plusieurs niveaux, pourquoi vieillissons nous plutôt que d'accéder à la digiévolution ?

“ Je me pardonne ” plutôt que je te demande pardon ou je te pardonne. Pas d'accès encore au pardon, la faute coupable est dans son corps, en lui. Dès qu'un verre casait sur le carreau de la cuisine, il tremblait en disant c'est pas de ma faute, papa, c'est pas de ma faute. Maintenant ne parvenant pas à trouver le chemin du labyrinthe pour le dinosaure

vers le volcan, nous parvenons à nous dire que ce n'est ni la faute de l'un, ni de l'autre mais celles de mes lunettes cassées qui m'empêchent de voir. Mon aveuglement sur l'origine de l'accusation déclenchait ma colère contre lui, moyen de poursuivre le désir de la mère, de la mettre hors de cause. Parvenir, le sens de toutes ses épreuves aura facilité cette lucidité, à ne plus m'emporter, à ne plus être emporté par elle est une preuve de désamour, de cette désaffection. J'ai cru bien faire en maintenant l'accusation maternelle sur les objets du quotidien, la colère confondant son désir avec la réalité des actions de Louis. Cette disproportion entre ce qu'elle voulait que je sois en elle et ce que je parviens à devenir aura duré le temps du deuil. La perdre non seulement de vue, mais de désir afin de ne pas être détruit par son refus de la vie.

Triste du ballon échappé, un ballon rouge. Comme la première fois éploré et inconsolable au cinéma pour la performance de Tom Hanks dans *Seul au Monde* : naufragé sur une île déserte, le seul compagnon est un ballon de volley, Wilson, perdue lors du retour en mer. Profond sentiment d'abandon, répétition traumatisante de la séparation maternelle, angoisse démesurée qui ne disparaît pas. Je la sens encore présente, sous-jacente, émergente dans des occasions de pertes d'objets. J'y suis d'autant plus sensibles

que je traverse moi aussi ces états de profondes dépressions dan la perte du passé. Ce sentiment d'être retenu parce qui m'échappe, de souffrir de l'absence là où la présence ne parvient plus à me rassurer, la faille étant bien là entre les deux continents, pourquoi les continents se séparent sur *l'Encyclopédie de Babar* ? N'étant plus suffisamment le ballon, nous nous tenons ensemble à côté, nous partageons l'existence sans parvenir à exister comme les autres.

Sommes nous condamnés à désirer ce qui nous échappe ? Les objets sont jetés sur le mur du “docteur chez qui on parle, c'est pas le même que celui chez qui on guérit ”, revivre là l'incompréhensible et l'indicible déliaison ? Vidé plutôt que dans le vide, dessiné la dispersion pour l'inverser moins dans l'illusion d'une totalité retrouvée, être dans le passage, l'entredeux, le mouvement puisque rien ne pourrait nous reposer, puisque nous n'avons pu, nous ne pouvons plus nous reposer sur nous-même, sinon sur quelqu'un.. Faute de convertir le creux en plein, ce dévidement de soi trouve dans de nouveaux ballons rouges le moyen d'éviter la gravité, ce rabattement terrestre qui nous maintient et nous retient aussi de dériver sans fin.

Cet hiver, il faudra pas fabriquer un bonhomme de neige car après il fond au printemps, c'est triste.

Peut-être faut il éviter la tristesse, ne pas se construire de bonhomme de neige, l'hiver ne fait pas le printemps. Le temps est si prévisible, le cycle des saisons détruit le passé, pourquoi s'acharner à faire durer ce qui ne dure pas, inutile même de s'attacher à le construire, puisque rien ne dure comme nous le voudrions. L'illusion du bonhomme de neige ne fonctionne plus, transformer la matière ne prouve pas la pérennité de sa forme, la dynamique de la matière est si forte qu'aucune forme ne peut y résister. La joie ne suffit plus si la tristesse doit lui succéder.

Entreprendre de bâtir tout en connaissant la disparition, c'est déjà être dans la disparition. Passé de la disparition à la tristesse vaut mieux que de fondre au soleil ; d'avoir été construit de neige lui interdisait de vivre au-delà de l'hiver, il n'aurait passé que l'hiver. Ne plus vouloir être fondu et confondu afin de parvenir au printemps, la volonté de vivre n'est plus gelée par le froid maternel. Tout se réchauffe et se transforme, la mère n'est plus glaciale, le climat familial a au moins deux saisons. Pas d'apathie, juste l'essentiel du temps est désormais compris : ne pas être triste c'est accepter de ne pas construire de bonhomme de neige, cette joie prématurée. Bâtir non plus sur ce qui fond, mais sur ce qui dure, ne plus sombrer dans l'illusion factice et se retrouver fondu

au printemps dépouillé ; dans l'absence même d'un soi, d'un corps, d'une forme consistante. L'histoire de son dépouillement, de notre dénuement, nous aurait moins fait vaciller qu'hésiter : le doute est là accompagné de cette leçon de l'histoire de ne plus vouloir être un bonhomme de neige, peut-être même faudrait il remplacer les boules de neige par des carrés, me précise t-il...

La cicatrice s'est transmise fermée, mais elle s'ouvre en lui à cause d'elle, il lui offre son corps en martyr en saignant de l'intérieur comme une femme qui pourrait encore être mère. La cicatrice s'ouvre dans son ventre, son corps résonne du sang traversé et perdu, ce qui sort du corps liquide le lien, l'affirme en définition à haute voix délivrant le secret de famille ; la blessure est toujours là, elle saigne, elle reste dans le vif de son sujet. L'enfant parle des cicatrices de sa mère en les incarnant, en désignant les plaies ouvertes qui le font saigner. Soigner la mère en saignant ses cicatrices.

Elle me tourne le dos. Du second étage de l'escalier à vis, je l'observe figé par le silence de nos retrouvailles, incapable de lui dire. L'espace pourrait être moins vide, il suffirait de descendre pour diminuer ma souffrance en lui confirmant mon amour confié tout à l'heure dans ma lettre. Son corps

est si vertical de là, pas seulement écrasé, comme tiré par le tissu rouge de jupe qui l'enserme. Sans transparence, elle détourne le regard comme si me cherchant elle avait dû anticiper un retournement. Je demeure invisible, voyeur et pétrifié. Sa nudité est portée désormais dans le tissu de mes souvenirs, sa tenue reste intérieure, le port demeure droit. Ma confession écrite vient-elle trop tard, elle est en lui sans moi là où son absence aura avivé la perte sans parvenir au deuil. Est-elle là ?

Ca fait trois ans que j'ai froid dans ma chambre de Nancy. Le chauffage a tourné toute la nuit pour lutter contre les moins 5 degrés du 11 Novembre. Mon oncle Pierrot est mort dans le froid morphiné d'un lit d'Hôpital de Toulouse. A La Bastide du Temple avec son père amputé la cérémonie de la pêche commençait par le chargement de la DS Citroen. Mon Oncle Pierrot avait acheté la première, toujours fidèle à la marque. La chaleur devait être torride, tout le matériel s'adaptait au corps du pêcheur ; celui de grand-père ne pouvait ressembler au simple cale dos attribué d'office au novice. La malle de la DS était organisée scientifiquement : l'emplacement des cannes dépendait de leur longueur, les musettes répartissaient les lignes prémontées que nous vérifions à la veillée sous l'auvent de la maison aux volets verts. L'épuisette repliée, le sac d'asticot

sortie précipitamment du chai, grand-père montait devant engageant la jambe gauche amputé un soir de Novembre 18 quelque jours avant le 11. Du siège reculé, je me blottissais à l'arrière mes jambes repliées pour le court trajet vers les rives du Tarn. Là, Pierrot rehaussait la DS par les nécessités des chemins, grand-père devant marcher dans la terre sans matériel. Il faisait froid avant l'aube, Pierrot était venu appâter la veille et nous réchauffait du thermos écossais d'un café matinal qui me brûlait la gorge. Le papier maïs de la gitane réchauffait celles de Pierrot et de papy, ils convenaient d'attendre la tanche même si je devais être promis au poisson-chat visqueux et piquant qui se dérobaient même hors de la nasse plongée dans le fleuve.

Comment le réchauffer, de ma main sur son ventre qu'il appose chaque matin pour s'abandonner dans la consolation. Trois ans sans la mère, l'alternance de ses visites ne réchauffe pas, le cœur est froid. Les fantômes ne sont pas loin, les bruits du chauffage les rendent vivants sous le craquement atténué des lattes du plancher recouvert de pavés de moquette. Ce qui me brûle me consume sans parvenir à le réchauffer. Refroidissant mon corps ne suscite pas le désir là où ma chair voudrait l'atteindre en touchant l'intérieur d'une femme. Nous avons été jeté du corps de la mère, tous deux

prématurés, définitivement incertain de l'autre. Le toucher parvient à nous réchauffer, il cherche sous la table du dîner le contact par ses pieds suspendus. Le père ne peut pas être une bonne mère, son corps, pourtant si féminin, ne retient pas la chaleur faute de la produire. Nous nous réchauffons, nous mesurons l'hiver de nos thermomètres.

La jambe amputée de Marcel s'est transmise, la guerre nous a pris un morceau dont la matière nous manque. Le bruit de sa prothèse sur le plancher de sa chambre, je dormais en dessous dans un lit de son bureau, résonne encore de sa froideur mécanique. Jamais touché, jamais visible, le fer n'est-il pas devenu une partie de moi-même ?

Plaqué sur le dos, je ne parviens plus à me retourner. Son poids est devenu si lourd, je ne le porte plus depuis sa rentrée à l'école primaire, il faut désormais marcher seul. Me retourner était encore possible quand le passé pesait sur nous imposant à nos corps ses grossissements et ses déformations. L'échange des substances amaigrit et fortifie, chacun reprend son poids, sa place et son volume. Sur mes épaules, sa présence trouvait l'équilibre de la marche, mon corps supportait le sien. Je colportais la répétition nous rassurant ainsi dans l'excuse, la faute ou l'impossible pardon. Le temps change les corps en

leur donnant un espace plus intense, l'enfant grandit, impose sa force, aplatie sur mon ventre à la manière d'un judoka.

Je me débats, tente de le retourner à mon tour, la contorsion ne le contourne plus, je dois m'avouer vaincu, vécu. Sa présence pèse sur mon corps, elle provenait seulement jusque-là de l'intérieur. Extérieure et vivante, sa forme épaisse recouvre mon visage, je voudrais la renverser par la gauche, mais son contrepoids exprime toute sa volonté de lutter, de ne plus en rester là. La vie s'est transmise, elle l'anime. A plat sur le dos, étranglé, j'échappe à l'étouffement seulement en protestant. " Je vais t'étrangler ". Tuer le père pour lui transmettre la faute, s'innocenter. Se délester d'un poids qui n'est plus le sien, faire peser sur moi la responsabilité, alourdir sa présence enfin. Son désir de faire le poids existe contre moi, je n'ai plus la force de le repousser, il occupe sa place hors de moi.

La baie vitrée ne laisse deviner que des ombres dans le contre-jour de la salle de solfège. Le maître de chant entonne " Meunier tu dors ". Sa voix se reconnaît sans peine. Elle ne crie plus, elle ne détonne pas. Elle est engagée toute dans le chant, le chant se vocalise dans tout son corps. Les autres enfants suivent la mesure là où il l'anticipe d'un savoir intérieur des

sens. Le mécanisme le maintient. Souvent il respecte les mêmes phrases, posent les mêmes questions, je le sens habiller mes doutes par ses automatismes à désamorcer. Le semblant n'est pas de mise. Les sons et les souffles traduisent nos aspirations. Nous inspirons l'un de l'autre. La perte est encore là, du moins sa peur. La joie du chant vient de son abandon dans la voix, d'un maître intérieur qui voudrait remplacer celui de la leçon de solfège. Il s'enfouie dans la tâche, devient immédiatement ce que l'autre lui demande afin d'y être contenu plutôt que contenté dans le chant.

Parler, il parle tout le temps. Jamais le silence ou plutôt toujours dans le silence il dialogue parfois mais me tient souvent dans ce monologue d'histoires répétitives dans lesquelles je n'entre autrement qu'en scandant le rythme dévolu. J'ai le sentiment de ne plus exister dans sa langue, je me raccroche aux contenus des Digimons et autres Star War. Les dieux sont partout.

Peut-être faut-il avoir moins peur ? La peur a remplacé l'angoisse. L'enracinement des autres dans leur désir révèle la vanité du mien pour eux. Les autres m'échappent, je les perds de vue, la force m'abandonne à les rejoindre. Avant je cherchais dans leur désir le mien ne parvenant qu'à l'intérieur du

corps. Je n'atteignais pas mon cœur. Désormais je perds les autres, comme un détachement. Le présent s'intensifie par ce détachement, ne plus rien attendre des autres, vivre avec plutôt que de Louis, lui laisser la place qu'il occupe de plus en plus, et disparaître. La disparition m'a toujours fasciné, pas celle d'Hervé suicidé de désespoir sous X cet été, pendu. La disparition est intérieure, à l'indifférence a succédé la différence. La traversée paranoïde du monde extérieur m'a confirmé toute la valeur de l'intériorité, sa dimension mentale indéfinie.

Elle est là au dessus du trou, ma mère me regarde du haut de ma tranchée, et cette échelle que je monte dans la boue mouillée révèle des lettres successivement à chaque marche N.O.T.O.U.C.H.E. je me suis construit une représentation pour me maintenir dans l'interdit de toucher, de la toucher, de toucher aux femmes en organisant une vie monastique et ascétique dans laquelle dit –elle « j'ai toujours quelque chose à faire », où je me trouve un article à finir, une bibliothèque à visiter, une sujet inédit qui renouvelle mon regard et ne touchant que la page des livres et non plus celle des femmes.

Je ne dois que me toucher, jouir en sortant de moi la substance blanche que je voulais apporter à ma professeur de biologie pour lui demander en

5eme ce que c'était. Quelque chose sort de mon sexe et dont personne ne m'a dit ce que s'était, est de moi, cette absence d'urine, poisseuse et blanchâtre qui semble contenir un grain. Je répète le geste lorsque que la tension entre l'interdit de toucher la femme et la pulsion insoutenable qui encombre le cerveau des images de nudité doit trouver un soulagement provisoire. Comme si je m'étais condamné à une répétition stérile pour ne pas féconder la femme dans son sexe.

Le plastique du préservatif me sert d'ultime défense, d'alibi sanitaire à un manque de confiance et à une peur de l'abandon. La peur de l'autre est dans mon corps au point d'envahir la croyance : j'ai trop souvent cru ce que me disaient les autres, au premier degré. Leurs mots me touchent directement, je ne parviens plus à distinguer le bon grain de l'ivraie. Mon ivresse doit se voir tant les autres m'impressionnent et livrent leur promesse.

Louis est plus grand que moi aujourd'hui ou c'est moi qui diminue, me diminue. Je cherche un refuge à construire dans les bras de femmes trop éloignées ou trop engagées qui me paye, de stylo encre, de lunette, des appareils photographiques et autres pour disent-elles baiser. L'amour doit bien exister à côté de moi, chez elle, dit-elle, à 400 mètres de chez

nous. Ou plus loin, d'autres espèrent entre deux rendez vous nous réunir alors que tout m'y divise, me ramène à la dispersion du corps, de ma famille. Toujours l'impression d'être du dehors, en dehors de leur corps, de ne pas parvenir jusqu'en elle. Perdue de toucher, la mère reste là bas nue dans le soleil des joncs de la maison des grands parents.

Je m'aperçois que je n'ai fréquenté qu'une trentaine de femme en 30 ans en trois catégories : les vierges effarouchés au visage de la mère sainte, les femmes phalliques autoritaires qui me terrorisent et celle que je fuis alors même qu'elles m'apportent le plus de bonheurs, celles du plaisir. Je recouvre le présent de la présence de leurs fantômes, le passé évanescent d'un objet incertain, une dépression anaclitique semble t-il. Ne plus y revenir sans y parvenir, dans les bras d'une autre. Aucune ne veut me revoir alors qu'elles sont toujours en moi, parvenues sans doute elles à faire leur vie sans moi. Ma vie ne se refait pas

Le gel nous prive ici d'eau chaude, - 15° obligé. Sous l'eau gelée, le vif surgit sans qu'aucun thé bouillant ne parvienne à me réchauffer. Le froid est à l'intérieur de mon corps, aucune flamme ne parvient à ranimer le cœur perdu. Rien ne me touche plus que l'abus de pouvoir de collègues détournant

de l'argent collectif pour eux-mêmes, interdisant une inscription en thèse sur un sujet qui le dérange.. je parviens juste à dire que je ne suis pas d'accord, je me détourne et me retire, manquant de conviction et leur laissant la place.

Le vif me déchire le ventre tout l'hiver, plié en deux par la colère rentrée au point de ne plus les fréquenter tant leurs mépris me rendent malades. Montaigne me soigne dans l'auto-santé homéopathique, la marche dans la cure d'air et le refuge cinéophile de la salle du *Caméo*. Je ne parviens pas à la retenir ni à m'y contenir, la femme n'est ni en moi, ni moi en elle, le mythe de la complémentarité ne marche pas, ou plutôt je m'y maintiens dans l'horizon lointain. Je les recroise à l'occasion comme Christine à Poitiers assise à côté de moi, même peau, ce grain retourne ma peau du frisson du premier désir.

Louis court le cross de Vandoeuvre à l'Hippodrome. Il a commencé l'athlétisme cette année, personne ne l'attend, il va finir dernier, je cours vers lui l'accompagne comme je peux, l'encourage pour qu'il finisse ses 3280 mètres, son nom paraît bien ce matin dans *l'Est républicain* dans la liste des arrivées en dernière position, fierté de lire son nom. En sport l'essentiel est de participer à soi-même.

Chacun se sert, il suffit d'être protégé dans son réseau franc-maçon, dans la caisse en allocation en budget pour créer ses collections savamment présentées mais justifiées en faisant monter les notes des étudiants que l'on soutient, sinon des étudiantes que l'on désirent. Tout le monde le voit mais chacun tient l'autre dans le contre-don des échanges de services. On me recommande en commission de recrutement d'un maître de conférences de « renvoyer l'ascenseur », je parviens à voter pour le meilleur candidat, dont chacun convient mais on a laissé faire la cooptation, qui n'obtient que 2 voix sur les 6. Le conseil d'administration vient d'invalider l'élection qui va recommencer, cette fois on m'a prudemment exclu de la présidence de la commission. Le candidat local m'envoie un mail en m'indiquant que je suis responsable de cette bévue et qu'il est en colère contre moi, autant que je serve de bouc-émissaire celui qui empêche le système des réseaux de se reproduire.

La science n'intéresse plus vraiment, seules les relations de pouvoir dominant pour faire savoir. Où discutons nous dans l'université ? La carrière se fait en éliminant les autres, mais quelle carrière celle des idées ou celle des postes ? Peut-on vivre sans être catholique, franc-maçon, ou syndiqué, d'un clan

contre un autre ? Je ne parviens pas à être dans un réseau, dans un couple finalement. Je reste dehors dans la relation même.

La cure d'air, son escalier, j'y avais visité une maison à laquelle j'ai renoncé qui était petite mais que j'aurais pu aménager avec le temps. J'y repasse souvent en promenade, un jeune couple y vit avec un enfant, c'est mieux sans doute, j'aurais pu y finir seul dans un retraits du bruit de la ville. D'ici j'arrive à anonymiser ma présence dans les rues, je n'attire pas le regard, je suis trop directement touché par les autres. Je ne parviens plus à discuter, à maintenir l'autre suffisamment à distance sans avoir l'impression qu'il m'entame, d'où sans doute cet imaginaire qui sert de protection fantasmagorique. En même temps ce baume solitaire m'éloigne de l'autre finalement.

Se retirer en soi, mais dans quel soi-même, comme le vertige ressenti près de ce 3000 mètres dans les Pyrénées, le vide m'a saisi en traversant le corps, rampant le long de la crête envahi par la peur perceptive, réduit à l'espace intime. Comme ce goût amer de l'eau de la cure thermale à la Bourboule le matin vers 7 heures du matin, ces fantômes sensoriels sont bien en moi sans y parvenir. Est-ce le même soi qui revient ou des moments qui me décomposent dans ce corps dispersé ?

Au moindre problème Louis vient me dire que « c'est pas de ma faute », répétition nécessaire de l'injonction maternelle. Sortir de la faute par l'excuse, me diminuer devant les autres, se placer en second. Hier j'ai arrêté mon cours, plus la force de crier pour obtenir le silence des L1, je ne parviens plus à négocier l'autorisation de faire cours. Grand écart.

Mon appartement serait trop petit pour l'accueillir avec son fils, la dimension de la vie commune se résume t-elle à disposer d'une chambre à soi, comme si l'intérieur ne suffisait pas. Répétition de la maison de Bassussary qui n'allait jamais suffisamment, malgré sa terrasse sud son plain pied et son terrain où Louis jouait. Dépassé son propre passé pour parvenir à vivre.

A sa mère, suis parvenu à lui dire que mettre autant d'argent de côté sur et dans notre dos en me laissant seul à gérer l'existence de Louis m'avait abasourdi. Son silence depuis est assourdissant. Je ne comprends plus très bien où devrait se situer l'amour, le partage, la communauté. Le langage suffit-il à nous guéri. Ne pas être aimé pour tendre jusqu'au désespoir à provoquer l'amour de l'autre, manière d'être précipité dans l'autre faute de l'avoir en soi.

Ne plus mettre de préservatif, faut-il y parvenir, en faisant confiance à l'autre, enfin, c'est l'apercevoir

comme un agent de son corps plutôt que de me soumettre à sa subjectivité. Recomposer l'espace de mon corps comme celui de mon appartement, comment faire de la place pour l'autre ?

Les fantômes reviennent dans mes rêves, je communique avec eux comme pour trouver des réponses aux questions d'aujourd'hui. Comme si je ne connaissais les femmes que pour les rendre fantomatique et pouvoir enfin leur parler, vaincre la peur en s'enroulant le drap autour du corps pour s'endormir dans les bras du rêve. Je rattrape certains fantômes comme David, François, Guy, Pierre, Gilbert dans des préfaces à mes livres, sans avoir passé l'âge de ce genre d'autorisation à écrire.

Je m'en tiens finalement au langage, je découvre que seul le langage me sert d'intermédiaire avec l'autre corps, elle dit m'apprendre cette communication sociale justement, puisque je ne parviens pas à le toucher alors qu'il me traverse si infiniment ; Louis, pour ces 14 ans, m'a amené sur le grand huit de la foire Place Carnot, dès le début j'ai fermé les yeux, le vertige est là comme revenu de mon enfance sur la passerelle traversant la Garonne à Agen pour rejoindre Renaud mon ami au bord du pont canal, je ressentais seulement les sauts, mon corps se soulevait du siège dans la courbe des bosses, le dernier virage

me renvoie dans le fuga-magister de mon capitaine Velluz à l'Armée qui pensait ainsi me récompenser de mes cours de français au concours d'Officiers, sur Gide justement.

Ce qui me revient c'est la douceur et la blancheur de sa peau, si visible, lorsqu'il est venu me rejoindre dans ce qui était en fait sa chambre, qu'il m'avait proposé vu l'heure tardive et esseulé à Paris, bien que je n'y pusse y toucher. Je ne suis pas parvenu à le toucher, lâcheté, peur, bouleversement de la relation et me réfugiant dans la moquette effrayé par la situation sodomite possible toute la nuit. Le lendemain matin, il se moquait de moi avec son secrétaire, la chose était maintenant entendu, mon travail était trop mauvais, il fallait tout reprendre, le Dictionnaire du corps que je lui proposais le faisait rire aussi. Pourquoi ne suis je pas devenu homosexuel comme lui au point de le rejoindre, puisque à l'évidence je les attire. Sur son balcon sur le canal je pris conscience qu'il désirait plus mon corps que mon esprit, finalement est cela qui était et devait être le meilleur de moi et de lui ?

Finalment elle ne viendra pas vivre avec nous ; elle m'avoue sa peur, son hésitation invoquant le manque de place, l'absence de place pour elle, laisserai-je si peu de place dans notre appartement,

en moi-même pour l'autre ? La force l'abandonne finalement, elle pourrait m'attirer, si ma force vive ne l'évitait suffisamment, dans sa torpeur.

Sur le canapé Louis va prendre toute la place, il est plus grand que moi maintenant, mais il me touche avec ses pieds comme il le faisait tout petit pour s'endormir, il faisait contact. Le contact est transmis dans le défaut même sans parvenir à le combler, jeu de la distance même.

Faire confiance à Louis qui part avec son vélo au parc Sainte-Marie jusqu'à la place Stan, la peur de le perdre, de le voir mourir avant moi finalement c'est la peur principale de ma vie de ne pas parvenir à mourir avant ceux et celles qui m'aiment et que j'aime. En fait il est parti s'acheter *Voyage au bout de la nuit* de Céline, la semaine dernière il m'a demandé de lui acheter *Les racines du ciel* et les *Bienveillantes*. Il est vrai que son premier livre *Pastilles jaunes* lui a rapporté à la librairie l'Autre rive, 98 euros.

CONCLUSION

La carte du père nous oriente dans la filiation : l'écrire pour ne pas la reproduire est une nécessité de se délivrer du père et de son vœu de la philosophie, quand, son propre père mort dans un accident de voiture, le convoquait à renoncer à l'Université pour faire son propre chemin de l'Algérie au Conseil Economique et Social. La dette au père n'est jamais acquittée. Elle nous conduit dans le lieu aveugle pour y éclairer notre existence.

Sont-ce pour autant ces *Miettes* dont Philippe Artières établit l'histoire infra ordinaire? « Enregistrer les évènements de faible intensité¹ nous engage dans un travail de recomposition, sinon d'imagination, avec pour seules archives un carnet de dessins, un album de photos d'Algérie et la carte du gazoduc. « L'histoire potentielle »² n'est sans doute pas celle reconstituée ici, force à notre imagination devant le silence de nos pères. Nous ne prétendons pas nous ici, comme ailleurs en raison de la discontinuité du corps vivant, nous mettre à leur place et rétablir ici ce qui serait la vérité ! L'historien en allant « au fond »³

1 Artières P., 2016, *Miettes. Eléments pour une histoire infra-ordinaire de l'année 1980*, Paris, verticales, p. 10

2 *Idem*, p. 8.

3 Artières P., 2016, *Au fond*, Paris, Le seuil, p.

à travers ses récits familiaux et sociaux l'intime surgit dans les béances du récit familial, des albums et des fantômes.

Si *Dans le corps de ma mère*⁴ délimite de l'intérieur de mon corps les traces et les émotions d'un inconscient visuel, *la carte du père* déplace l'espace du corps propre vers la peau du monde. Dans ses *excursions dans la zone intérieure*, Paul Auster n'écrit plus seulement la chronique de son corps mais sur « comment es-tu devenu une personne capable de penser et, une fois que tu en as été capable, où tes pensées t-ont-elle mené ? »⁵ Tendue par sa concavité, la peau de mon corps devient le tambour du monde. Les idées du corps des parents, que j'ai prélevé sur leur corps sans le savoir, sont le reflet de ma perception inconsciente. Que sont les idées de mon corps devenu ?

Qui de moi ou d'autres en moi parle ? Suis-je seulement autorisé en leur nom de poursuivre ce qu'ils ne pouvaient nous dire ? Une écriture ainsi située ne nous préserve d'aucune authenticité retrouvée. Elle met à l'épreuve les possibilités émerives du langage qui puise dans la perception vivante.

4 Andrieu, B. *No corpo de minha mãe/ Dans le corps de ma mère*, édition bilingue, Natal, IFRN, 2015.

5 Auster P., 2014, *Excursions dans la zone intérieure*, trad. Pierre Furlan, Paris, Acte Sud Babel, Ed 2016, p. 11.

Cette émergence concave ne prétend pas à l'exhaustivité depuis son espace corporel vertigineux. L'écriture émergente n'est-elle pas comme le décrit Freud dans le cas du Président Schreber, « la traduction du mode d'expression paranoïde en mode d'expression normal »⁶.

Se tenant au mieux en ses bordures tangentes, l'écriture n'embrasse pas le sujet. Elle le laisse ouvert, certes contenu, mais indéfiniment écologisé par la porosité de structure de son vivant. L'écriture de mon journal, ou la difficile reconstruction des guerres de mon grand-père et de mon père, en l'absence d'archives et de parole partagée, interdit l'accès à la source originelle et nourrit l'imaginaire.

Cet imaginaire vient combler la peur, si caractéristique pour Freud de la névrose obsessionnelle de *L'homme aux rats* : « sa maladie consiste principalement en appréhensions ; il craint qu'il n'arrive quelque chose à deux personnes qui lui sont très chères »⁷. La dissimulation de mon état avant et pendant la cure a pu trouver dans ces écritures un moyen « pour exprimer ses pensées les plus secrètes, le langage de cette névrose n'est en quelque sorte qu'un dialecte du langage hystérique, étant donné

6 Freud S., 1954, *Les cinq psychanalyses*, Paris, PUF, Ed. 1984, p. 285.

7 Freud, S., *op. cit.*, p. 201.

qu'il est plus apparenté à l'expression de notre pensée consciente que ne l'est celui de l'hystérie »⁸.

« Ce caractère d'imprécision typique »⁹ donne au récit ce flou si nécessaire à la compréhension de la l'émersion concave. Mais c'est aussi le doute qui s'est immiscé en moi devant cette impossibilité d'établir ce qui s'est passé entre ma mère et mon père, entre ma femme et moi, entre moi et les autres en général : « Celui qui doute de son amour est en droit de douter, *doit* même douter de toutes les autres valeur moindre que l'amour »¹⁰. L'émersiologie tente « de compenser le doute et de corriger les états d'inhibition intolérables dont témoigne le doute »¹¹.

L'émersion concave est une « défense qui s'effectue au moyen de la déformation que subit l'obsession avant de devenir consciente »¹². Dans l'intervalle entre la situation pathogène et l'écriture émersionnelle des traces vivantes en moi n'est pas réduit pour autant par la déformation.

L'effet de structure concave sur les autres et sur ma santé devient plus conscient sans se déconstruire

8 Freud S., *op. cit.*, p. 200.

9 *Op. cit.*, p. 204

10 *Op. cit.*, p. 256.

11 *Op. cit.*, p. 257.

12 *Op. cit.*, p. 259.

entièrement. Faire sortir le contenu de l'expérience c'est nier le processus d'identification avec l'image du père. La perception concave, si proche de la forclusion, est cet effort psychique de nier l'image du père et en même temps la dépasser, pour prendre la place ou une place dans le monde. Cette image du père favorise aussi l'intégration de la personne, dans la relation père-fils il y a la mère même si comme on le lit ici avec le voyage de ma mère en Algérie.

Pour Winnicott, pour cet enfant le père est à la fois le partenaire de ma mère et l'enfant est le troisième. Se reconnaître comme le fils aîné et aimé est devenu essentiel pour ma construction psychique : « l'enfant en bonne santé échoue, dans une certaine mesure, à tolérer les conflits et les angoisses »¹³. Si l'émergence amène à la conscience l'inconscient, elle cherche des formes discontinues et inédites pour le sujet lui-même. Cet émergence traverse les traces plutôt qu'il ne rétrace.

CADERNO DE IMAGENS
CAHIER D'IMAGES





Figure 01 : Dessin sans date.
Desenho sem data.



Figure 02 : Dans la vie parisienne 1918.
Em Vie Parisienne [Vida Parisiense], 1918.

Figure 03 : Seule photographie de Marcel Pendanx Agent de liaison attaché au PC.
Única fotografia de Marcel Pendanx agente de ligação vinculado ao Posto de Comando (PC).



- Cycliste pour 4 ans
1914 - 1918



Figure 04 : Journal des Marches et Opérations du 14 R.I.
Journal de Marchas e Operações do 14 R.I.



Figure 05 : Peut être le Bois de Combres.
Talvez Bois de Combres [Floresta de Combres].

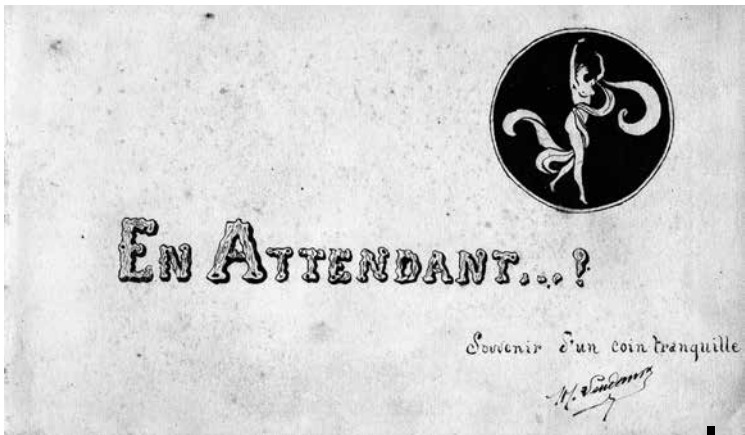


Figure 08 : Couverture du Cahier de dessins.
 Capa do Caderno de desenhos.



Figure 09 : Oriflame inspirée de Loie Fuller.
 Oriflame inspirado em Loie Fuller.



Figure 10 : Loie Fuller aux Folies Bergères.
 Loie Fuller no Folies Bergères.



Figure 12 : Vie Parisienne de 1916.
Vie Parisienne, de 1916.

Figure 11 : Coup de vent le 24 avril 1917, Jaulny.
Ventania 04 de abril de 1917, Jaulny.



147

HISTORIQUE DES FAITS

Après de passer à une nouvelle offensive sur le Mont
Baud la 9^e B^e partie en action à la gauche de 3^e B^e;
2 sections (4^e Cuirassé) entre de 1^{er} et le 3^e B^e en l'aligne;
3 sections (Rég^l) à la disposition de Capitaine Allard
1^{er} B^e le 1^{er} Protocole.

23 Avril - Cuirassé: Gargano (avec deux); Roche Leonard, deux;
Lacpêche avec deux; Barquière avec deux;
30 hommes - Capitaine Allard (sans succès);
Rég^l: Gheyssens (ancien), Chef de B^e; Barquière Louis Eugène
Capitaines: Planquefort Eugène, deux; de Lanferma René,
deux; 90 hommes - Capitaine Allard (sans succès);
Départ 2. -

24 Avril - Journée relativement calme. Fort, temps l'occupent
actuellement à s'organiser en profondeur et à consolider
leurs positions; ligne de réserves et communications
avec les unités de soutien et de réserve; préparatifs
en vue d'une attaque. Reconnaissances approfondies
réalisées à l'établissement d'un plan d'attaque.
Postes - Cuirassé: 4; Rég^l: 17, départ 1.

Le Régiment reçoit un ordre d'engagement pour la
journée du 25 en vue d'une opération limitée à la Brigade.
Le 24 avril, à 23 heures, la Brigade fait connaître par
messager téléphonique que l'opération prévue pour le 25
n'aura pas lieu.
Postes - Cuirassé: 2; Rég^l: 17.

Figure 13 : Journal des Marches et Opérations du 14. R I.
Jornal de Marchas e Operações do 14. R I.



Figure 14 : Vie Parisienne de 1916.
Vie Parisienne, de 1916.



Figure 16 : Le vase brisé, Jaulny, 22 août 1917.
O vaso quebrado, Jaulny, 22 de agosto de 1917.



Figure 15 : un "Accident" de Leo Fontan. *Vie parisienne* en 1916.
Um "Acidente" de Leo Fontan, Vie Parisienne, em 1916.

DATES	HISTORIQUE DES FAITS	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
	Evénement remarquable.	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
	Le Chef de Bataillon Spica restant en possession de la position de C. de la Courbe pendant le commandement du 2 ^e bataillon.	Classes																					
22 Août	Le 2 ^e bataillon ennemi vaincu quelques fois de combat battu, en particulier sur les hauteurs de la Châteline.	Classes																					
23 Août	Le 2 ^e bataillon ennemi vaincu quelques fois de combat battu, en particulier sur les hauteurs de la Châteline.	Classes																					
24 Août	Le 2 ^e bataillon ennemi vaincu quelques fois de combat battu, en particulier sur les hauteurs de la Châteline.	Classes																					
25 Août	Le 2 ^e bataillon ennemi vaincu quelques fois de combat battu, en particulier sur les hauteurs de la Châteline.	Classes																					
26 Août	Le 2 ^e bataillon ennemi vaincu quelques fois de combat battu, en particulier sur les hauteurs de la Châteline.	Classes																					
27 Août	Le 2 ^e bataillon ennemi vaincu quelques fois de combat battu, en particulier sur les hauteurs de la Châteline.	Classes																					

Figure 17 : Journal des Marches et Opérations du 14. R. I.
 Jornal de Marchas e Operações do 14. R. I.

DATES	HISTORIQUE DES FAITS	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
20 Janvier 1811	Calme. Evénement ennemi abbé arrêté.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
21 Janvier	Calme. Le Général de Division visite le C. P. Chemin.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
22 Janvier	Calme.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
23 Janvier	Calme. Le Général de Division visite le C. P. Chemin.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
24 Janvier	Calme. Une forte patrouille ennemie entendue aux abords de la ferme de Saint-Eloi est dispersée par nos troupes de 1 ^{er} B. et de 2 ^e B.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
25 Janvier	Faible activité de l'ennemi.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
26 Janvier	L'ennemi ne manifeste aucune activité.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
27 Janvier	Pluie à signaler.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					
28 Janvier	Lequel rapport de neutralité sur le front.	Fertes éprouvées par le Regt à Nouilly 1813																					

Spécialité

Ordre du Régiment 1813

Sur décret du Général Commandant en Chef en date du 15 Janvier 1811, dont le contenu est annexé à ce rapport, dont les conditions de service du 9 Janvier 1811.

Antoine Antoine

François Antoine

Brugéas Antoine

Le Chef de Bataillon de l'Etat Major, le 15 Janvier 1811.

Antoine Antoine

Antoine Antoine

Antoine Antoine

Le 15 Janvier 1811

Le Chef de Bataillon de l'Etat Major, le 15 Janvier 1811.

Antoine Antoine

Figure 18 : Journal des Marches et Opérations du 14. R. I.
 Jornal de Marchas e Operações do 14. R. I.

Figure 19 : Profil perdu. Outremont dans la Marne 23 janvier 1918.
Perfil perdido. Outremont na região do Marne, 23 de janeiro de 1918.



Figure 20 : numéro 47 du 18 novembre 1916.
Número 47, de 18 de novembro de 1916.



Figure 21 : La Vie Parisienne Leo Fontan 1916 Portrait.
Vie Parisienne, Leo Fontan, 1916, Retrato.

DATES.		HISTORIQUE DES FAITS.			
Enregistrement du Rég ^t à la date du 10 octobre					
	Etat Major	10 Mars	21 Mars	22 Mars	
	Adjoint 1 ^{er} Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 2 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 3 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 4 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 5 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 6 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 7 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 8 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 9 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 10 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 11 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 12 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 13 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 14 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 15 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 16 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 17 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 18 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 19 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 20 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 21 st Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 22 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 23 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 24 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 25 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 26 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 27 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 28 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 29 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 30 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 31 st Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 32 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 33 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 34 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 35 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 36 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 37 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 38 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 39 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 40 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 41 st Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 42 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 43 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 44 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 45 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 46 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 47 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 48 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 49 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 50 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 51 st Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 52 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 53 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 54 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 55 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 56 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 57 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 58 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 59 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 60 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 61 st Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 62 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 63 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 64 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 65 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 66 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 67 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 68 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 69 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 70 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 71 st Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 72 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 73 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 74 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 75 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 76 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 77 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 78 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 79 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 80 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 81 st Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 82 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 83 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 84 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 85 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 86 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 87 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 88 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 89 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 90 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 91 st Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 92 nd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 93 rd Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 94 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 95 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 96 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 97 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 98 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 99 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	
	Adjoint 100 th Chef	Arnaud Capit	Carre Capit	Arnaud Capit	

Figure 22 : Journal des Marches et Opérations du 14. R. I.
 Jornal de Marchas e Operações do 14. R. I.

DATES.		HISTORIQUE DES FAITS.			
Ordre Général de 23 de la 1 ^{re} Comp ^{te} de Reg ^t 1911					
<p>Le Général Commandant la 1^{re} Comp^{te} de Reg^t a l'honneur de vous adresser ci-joint le présent Ordre Général.</p> <p>Paragraphe - Le 23 Mars 1911, le Général Commandant la 1^{re} Comp^{te} de Reg^t a l'honneur de vous adresser ci-joint le présent Ordre Général.</p> <p>Article - Le 23 Mars 1911, le Général Commandant la 1^{re} Comp^{te} de Reg^t a l'honneur de vous adresser ci-joint le présent Ordre Général.</p> <p>Article - Le 23 Mars 1911, le Général Commandant la 1^{re} Comp^{te} de Reg^t a l'honneur de vous adresser ci-joint le présent Ordre Général.</p> <p>Article - Le 23 Mars 1911, le Général Commandant la 1^{re} Comp^{te} de Reg^t a l'honneur de vous adresser ci-joint le présent Ordre Général.</p>					
1 Mars		Le 1 ^{er} Chef de File, Pierre Girard, prend à la date du 1 ^{er} Mars, le commandement provisoire du Rég ^t .			
9 Mars		Exercice par C ^o .			
10 Mars		Le Chef de File, Béranger, en 1 ^{er} Rég ^t de Inf ^{an} est nommé à l'Etat-Major du 1 ^{er} Rég ^t et détaché pour servir le Commandement des 1 ^{er} et 2 ^e Rég ^t , en remplacement de M. le Colonel Althaus, affecté au 1 ^{er} Rég ^t .			
11 Mars		Exercice par C ^o .			
12 Mars		Le Général Commandant la 1 ^{re} Division prend à la date du 12 Mars, le commandement des 1 ^{er} et 2 ^e Rég ^t , en remplacement de M. le Colonel Althaus, affecté au 1 ^{er} Rég ^t .			
13 Mars		Exercice par C ^o .			
14 Mars		-			

Figure 23 : Journal des Marches et Opérations du 14. R. I.
 Jornal de Marchas e Operações do 14. R. I.

Figure 24 : Pour une pelure d'orange Le 14 mai 1918 Rarecourt.
Para uma casca de laranja, 14 de maio de 1918, Rarecourt.



Figure 25 : La Vie Parisienne, 1918, France, Cheri Herouard.
Vie Parisiense, 1918, França, Querido Herouard.



Figure 26 : Bois de Combres (Eparges) 9 avril 1918.
Floresta de Combres (Eparges), 9 de abril de 1918



Figure 27 : Verdun PC Scheinnitz, 20-22 mai 1918.
Verdun, Posto de Comando Scheinnitz, 20-22 de maio de 1918.

²⁴ <http://www.google.fr/imgres?q=La+Vie+Parisienne,+1918,+France,+C+Herouard&start=358&um=1&newwindow=1&sa=N&hl=fr&tbm=isch&btnid=08UYc821hzHwMM:&imgrefurl=http://www.artflakes.com/en/products/la-vie-parisienne-1918-24&docid=v20>

Offset
Editora

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g (capa)
e Polen Soft 80g (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN,
em setembro/2016.

www.offsetgrafica.com.br



BERNARD ANDRIEU

Doutor em Filosofia, Universidade Paris X, 1996. Professor na Universidade Paris Descartes, França. Especialista em Filosofia do corpo. Responsável pelo *Blog du Corps* (<http://leblogducorps.over-blog.com>) e pelo site *Somaticiens* (www.somaticiens.com), ambos certificados pela Biblioteca Nacional de França (BNF). Responsável pelas Revistas científicas *Revue Corps* (CNRS) e *Revue Recherches & Éductions*. Diretor da Coleção *Mouvements des Savoirs* (L'Harmattan), *Épistemologie du corps* (Presses Universitaires de Lorraine). Diretor dos *Archives Binet*, desde 2005. Direção do *Dictionnaire de Corps* (CNRS, 2006), *Le corps en Acte – Centenaire Merleau-Ponty* (Presses Universitaire de Nancy, 2010), *L'éthique de sport* (L'Âge d'Homme, 2012), *Corps de monde* (Armand Colin, 2013) e *Vocabulaire International de Philosophie de Sport* (2015).

Autor de vários livros, como **Le corps dispersé** : une histoire du corps au XX^e siècle (L'Harmattan, 1993) ; **Le monde corporel** (L'Âge d'Homme, 2010) ; **Les avatars du corps** : une hybridation somatechnique. (Liber, 2011) ; **L'écologie Corporelle** – 4 tomes (Atlantica, 2009-2011) ; **L'autosanté** : vers une médecine réflexive (Armand Collin 2012) ; **Donner le vertige** : les arts immersifs (Liber, 2014). Em português, o autor publicou **A nova filosofia do corpo** (Instituto Piaget, 2004) e **No corpo de minha mãe** - Dans le corps de ma mère, edição bilingue (IFRN; UFRN (Grupo de Pesquisa Estesia, 2015.)

Email:
bernard.andrieu@parisdescartes.fr

A carta do pai existe? Devemos seguir a via do pai ou encontrar nossa própria voz? Através dessa enquete sobre três gerações, o pesquisador expõe os pontos sobre o mapa para definir o caminho que o conduzirá da guerra à filosofia do corpo. Após o livro **No corpo de minha mãe, A Carta do pai** é um sistema de reflexão côncava, no qual cada um encontrará um modo de manter seu diário de corpo através das experiências sensoriais e encontros. Integrando a Coleção Corpo & Educação, esta nova obra de Bernard Andrieu é um novo instrumento para os que encontram no corpo um princípio epistemológico.

...

La carte du père existe-elle ? Devons nous suivre la voie du père ou trouver notre propre voix ? A travers cette enquête sur trois générations, le chercheur expose les points sur la carte pour définir le chemin qui l'aura conduit de la guerre à la philosophie du corps. Après **Dans le corps de ma mère, La carte du père** est un système de réflexion concave, chacun trouvera ici comment tenir son journal de corps à travers les expériences sensorielles et les rencontres. En intégrant la Collection Corps & Éducation, cet ouvrage de Bernard Andrieu est un nouveau outil pour ceux qui trouvent dans le corps un principe épistémologique.

...

Pr. Bernard Andrieu, philosophe en Staps à l'Université Paris-Descartes, directeur de l'EA 3626 TEC " Techniques et enjeux du corps" et Coord. du GDRI 836 CNRS BEPASA.



estesia
GRUPO DE PESQUISA CORPO,
FENOMENOLOGIA E MOVIMENTO



LABORATÓRIO VER
VISIBILIDADES DO CORPO E
DA CULTURA DE MOVIMENTO



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



CAPES

A CARTA DO PAI - ISBN



9 788583 332015